

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Mauricio Marciano Lopes

PENTECOSTALISMO E POLÍTICA: a Igreja Assembleia de Deus de Betim

Belo Horizonte

2022

Mauricio Marciano Lopes

PENTECOSTALISMO E POLÍTICA: a Igreja Assembleia de Deus de Betim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva

Área de concentração: Religião e Cultura.

Belo Horizonte

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

L864p	<p>Lopes, Mauricio Marciano Pentecostalismo e política: a Igreja Assembleia de Deus de Betim / Mauricio Marciano Lopes. Belo Horizonte, 2022. 121 f.</p> <p>Orientador: Wellington Teodoro da Silva Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião</p> <p>1. Igrejas pentecostais - Betim. 2. Convertidos à Assembléia de Deus. 3. Pentecostalismo - Aspectos políticos. 4. Candidatos políticos. 5. Política partidária. 6. Religião e política. 7. Sucessão. I. Silva, Wellington Teodoro da. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 284.57</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Mauricio Marciano Lopes

PENTECOSTALISMO E POLÍTICA: a Igreja Assembleia de Deus de Betim

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de concentração: Religião e Cultura

Prof^ª. Dr^ª. Marina Aparecida O. S. Correa - UFS (Banca Examinadora)

Idas Filho – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Daniel Rocha – PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 09 de fevereiro de 2022.

*Dedico à minha esposa
Luciene Macedo
pelo amor e cuidado de sempre.*

AGRADECIMENTOS

Ao Deus ETERNO, arquiteto do universo, autor da misteriosa dimensão da vida.

À minha família: Luciene Macedo (esposa), Monique Loren e Nicole Êmeli (filhas), que souberam lidar com as ausências decorrentes da pesquisa. À Maria Bonifácio Lopes (mãe), Joaquim Marciano Lopes (pai), Marcos Marciano Lopes (irmão) e Magda Marciano Lopes (irmã) pelo apoio moral e financeiro, por ocasião da pandemia de Covid-19. À minha cunhada Ana Lúcia e o esposo Jean, pelo auxílio.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva, que, pacientemente e de maneira sábia, lidou com minhas dificuldades.

Ao Prof. Dr. Carlos Caldas Ribeiro Filho, que me acompanhou desde a qualificação do Projeto de Pesquisa, ao Prof. Dr. Daniel Rocha, pelo apoio e disponibilidade, e o Prof. Dr. Aurino e Prof. Me. Helder Souza por me incentivar no caminho das Ciências da Religião.

Aos teóricos do pentecostalismo, em especial à Dra. Marina Correa, minha nobre amiga e carro-chefe desta pesquisa, pelo inteiro dispor em me atender diversas vezes por e-mail e WhatsApp.

Ao Dr. Valdinei R. Gandra pela atenção concedida a minha pessoa, Dr. Wesley Bandeira, Dr. Osiel Lourenço e Dr. Gedeon F. Alencar.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e ao SAAEMG pela bolsa de estudos.

Ao corpo docente do PPGCR- PUC Minas, em especial aos professores Antônio Cantarella, Fabiano Campos, Flávio Senra, Gisele Prado, Paulo Agostinho e Roberlei Panasiewicz.

A todos os colegas, em especial ao Flávio Lages, George Paradela, Dr.^a Amália, Gemyma Dantas, Charom Tozzi e João Everton Cruz pelas instruções.

Aos funcionários da PUC Betim: Baby e Edivania (Financeiro), Fabíola Sales (RH); Jaqueline Melo (Infra); Camila Marques (Ger. JLS); Ana Paula e Cibele (Assessoria de Comunicação – PUC/Betim); Ricardo Rocha (CAC2); Vital, Samuel e Maria Fernanda (Biblioteca) e Anderson (SAAEMG).

Ao Professor Eugênio (Pró-reitor da PUC Betim) e Prof.^a Dr.^a Cláudia Venturini (Dir. Acadêmica PUC Betim) pelo apoio de sempre.

Ao pastor-presidente, Nehemias Araújo, por ter aberto as portas para esta pesquisa e aos pastores Elias Araújo, José Egídio da Silva, Marcelo Maia, Mauro Jales, Isaías Acácio e José Ronaldo Machado.

Ao meu amigo de todas as horas, Padre Dr. Evaldo Apolinário, Coord. Pedagógico do Colégio Santa Maria Minas – Betim/Contagem MG.

Ao companheiro de Soter 2019, Roberto Barroso da Rocha [saudosos memórias]. Aos meus vizinhos, Prof. Cesar Augusto de Oliveira e Prof.^a Janaina Oliveira.

Aos funcionários da secretaria do PPGCR/PUC, Dênia, Júnia e Wallison pela dedicação no atendimento.

À Assembleia de Deus Betim – filial Santo Afonso – na qual eu faço parte, pela compreensão com minha pesquisa.

Ao Professor Mário Viggiano pela imensidão do carinho para com a minha pessoa.

Ao Deus Eterno, seja a glória!

“Pois não me envergonho do evangelho,
Porque é o poder de Deus para a salvação
de todo aquele que crê, [...]”. (Rm 1. 16)

RESUMO

O surgimento de diversas ondas do movimento pentecostal permitiu a entrada e atuação de atores religiosos com pensamentos políticos em suas instituições. A partir dessa constatação, a presente dissertação pretendeu caracterizar a relação entre pentecostalismo e política na Igreja Assembleia de Deus de Betim. Além disso, teve como objetivo analisar a inserção da IAD Betim na política partidária e o consequente destaque no cenário político municipal, regional e até mesmo nacional. A criação da Convenção das Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus do Estado de Minas Gerais e Outros (Cimademigo) foi extremamente importante e proporcionou o crescimento da IAD Betim no viés político. Essa convenção possui ligações políticas com a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (Cpad), tornando a igreja anfitriã mais forte em importantes aspectos políticos, socioeconômicos e culturais. A pesquisa teve como pressupostos teóricos os estudos sobre o pentecostalismo e o mimeografado. Em termos metodológicos, realizou-se a revisão das principais referências sobre o pentecostalismo e política e uma pesquisa documental comprovando essa relação na IAD Betim. Além da constatação da relação entre pentecostalismo e política, foi possível identificar a naturalização do processo de sucessão familiar nos principais cargos dessa Igreja.

Palavras-chaves: Assembleias de Deus. Cimademigo. IAD Betim. Pentecostalismo. Política.

ABSTRACT

The emergence of several waves of the Pentecostal movement allowed the entry and performance of religious actors with political thoughts in their institutions. From this finding, this dissertation intended to characterize the relationship between Pentecostalism and politics in the Assembly of God Church of Betim. In addition, it aimed to analyze the insertion of IAD Betim in party politics and the consequent prominence in the municipal, regional and even national political scenario. The creation of the Convention of Churches and Ministers of the Assemblies of God of the State of Minas Gerais and Others (Cimademigo) was extremely important and provided the growth of IAD Betim in the political bias. This convention has political links with the General Convention of the Assemblies of God in Brazil (CGADB) and the Publishing House of the Assemblies of God (Cpad), making the host church stronger in important political, socioeconomic and cultural aspects. The research had as theoretical assumptions the studies on Pentecostalism and mimeographed. In methodological terms, the main references on Pentecostalism and politics were reviewed and documentary research proving this relationship in IAD Betim was carried out. In addition to the finding of the relationship between Pentecostalism and politics, it was possible to identify the naturalization of the family succession process in the main offices of this Church.

Keywords: Assemblies of God. Cimademigo. IAD Betim. Pentecostalism. Politics.

LISTA DE SIGLAS

AD – Assembleia de Deus (igreja local).

ADs – Assembleias de Deus (a denominação).

ADBH – Assembleia de Deus de Belo Horizonte.

AGE – Assembleia Geral Extraordinária.

AGO – Assembleia Geral Ordinária.

ALMG – Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

ANC – Assembleia Nacional Constituinte.

Case – Centro de Assistência Social Ebenézer.

CCB – Congregação Cristã no Brasil.

CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

Cieadespel – Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado de São Paulo e Estados Limítrofes.

Cimademigo – Convenção das Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus do Estado de Minas Gerais e Outros.

Comadcom – Convenção de Ministros das Assembleias de Deus do Centro Oeste Mineiro.

Comadeleste – Convenção de Ministros das Assembleias de Deus no Leste de Minas e Outros.

Comademg – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado de Minas Gerais.

Comadetrim – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Triângulo Mineiro.

Comadvardo – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus do Vale do Rio Doce e outros.

Cpad – Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

EBD – Escola Bíblica Dominical.

EBO – Escola Bíblica para Obreiros.

Elad – Escola de Líderes das Assembleias de Deus.

Unemad – União Nacional das Esposas de Ministros das Assembleias de Deus Fhemig – Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais.

IAD Betim – Igreja Assembleia de Deus de Betim.

MP – Mensageiro da Paz.

PMN – Partido da Mobilização Nacional.

PTB – Posto Telegráficos Betim.

SUMÁRIO

_Toc103603067

1 INTRODUÇÃO	13
2 A ORIGEM DA IAD BETIM.....	19
2.1 Gunnar Vingren e Daniel Berg, perspectivas missionárias no Brasil.....	24
2.2 Assembleias de Deus em Minas Gerais, história e trajeto político.....	33
3 A HISTÓRIA DA IAD BETIM.....	49
3.1 IAD Betim: história e passos doutrinários	49
3.2 IAD Betim: Missão Evangelizadora e as Gestões Eclesiásticas.....	66
3.3 A IAD Betim na sucessão eclesial e na política partidária.....	74
4 AS RELAÇÕES POLÍTICAS DA IAD BETIM.....	83
4.1 A IAD Betim e suas relações políticas com o pentecostalismo	83
4.2 A IAD Betim e as relações políticas a partir das convenções Cimademigo e CGADB	93
4.3 IAD Betim: relação e atuação de seus candidatos na política partidária.....	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	117

1 INTRODUÇÃO

É necessário o esclarecimento imediato dos motivos que serviram de base para a realização dessa pesquisa sobre a Assembleia de Deus. O fato é que venho de um berço assembleiano e pelos meus pais terem se convertido ao Evangelho na AD de Itabira MG em 1971. Em 1981 meu pai foi convidado a fazer parte do diaconato da igreja local. Em 1988, foi ordenado ao ministério de pastor. Ele prestou serviços eclesiais ao Campo de João Monlevade MG por 25 anos. Após esse período ele se aposentou.

O meu interesse por escritos de cunho religioso teve início a partir das primeiras aulas na EBD, ainda na infância. Tornei-me membro no dia 24 de maio de 1987, na AD São João Evangelista MG. Anos mais tarde me inscrevi para o Curso Básico de Teologia na Escola Bíblica Permanente São (EBPS) em Belo Horizonte MG. Depois disso, estudei no curso Livre de Teologia na IAD Betim, Instituto Teológico Ebenézer (ITE). Em seguida, passei pela Uni Cesumar (Polo – Betim) para a validação do Bacharel em Teologia. Por perceber a relevância que as religiões têm na sociedade e inúmeras contribuições para as comunidades, migrei para o estudo da Ciência das Religiões.

No dia 18 de março de 2003 fui separado para servir como diácono da IAD Betim a convite do Pastor José Rodrigues de Araújo. Em 2006, fui consagrado ao presbitério da mesma igreja na Convenção Comadeng, ao ministério de evangelista pela Ciedadespel em 2007 e ordenado a pastor pela Convenção Estadual Cimademigo ligada à CGADB, no dia 19 de setembro de 2021.

O presente estudo tem como objetivo abordar pontos de aproximação da política partidária do município com o pentecostalismo a partir da inserção de candidatos membros da Assembleia de Deus de Betim (IAD Betim). Em 1977, não era de interesse da igreja lançar candidatos a cargos públicos na cidade. Principalmente nas eleições de 1976 e de 1982, os candidatos disputaram o Legislativo municipal por iniciativa própria. Somente em 2009 é que os olhares da instituição se voltam para a esfera pública.

O estudo também apresenta informações concernentes à raiz histórica, à origem dessa igreja a partir de Belém do Pará, em 1911, com os missionários suecos e em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1927. A pesquisa também aponta para os passos doutrinários e intensiva missão evangelizadora, ao contemplar as gestões desde o início até os dias atuais. Ela ressalta ainda a atuação de dois filhos de presidentes da IAD Betim que destacaram no ambiente político partidário. O primeiro pastor-presidente, Algot Svensson, teve o filho na política partidária do país. O último presidente da igreja, o pastor José Rodrigues de Araújo (1939-2021), também

assistiu o filho Nehemias Gaspar de Araújo na vida pública do município.

Assim, sintetiza-se a problemática que norteará essa pesquisa a partir dos teóricos e pesquisadores do pentecostalismo, principalmente Marina Correa em suas diversas obras citadas neste trabalho; Gedeon Alencar, Osiel Lourenço, Wesley Bandeira, Maxwell Fajardo, Moab César, Zózimo Trabuco e José Egídio da Silva que nos traz a narrativa histórica da IAD Betim. Também a partir da seguinte questão: De que modo a Igreja betinense se propõe no lançamento de seus candidatos a cargos públicos? Teria a intervenção de gestão eclesiástica?

As gestões eclesiásticas da AD betinense a estruturaram para que se tornasse visionária para projetos vindouros de âmbitos religiosos e políticos. A IAD Betim chama a atenção para um novo modelo de gestão: a “*sucessão familiar*” na igreja e na vida pública. De acordo com Correa (2020b), passa a ser aplicado pelas ADs em quase todo o país.

Em Betim, é possível perceber a sucessão familiar como se fosse uma dinastia. Esse modelo, porém, é protótipo do órgão máximo regedor das ADs, a CGADB. Também se verifica que as relações políticas surgem a partir do pentecostalismo, a base de tudo isso. Ao que parece, desde as relações convencionais estaduais e nacionais, é notório que se tenham atuações eficazes de seus candidatos para que não tenham as cadeiras eliminadas através do voto.

A IAD Betim tem se mostrado uma igreja cada vez mais pentecostal e política. Inserida na política partidária da cidade, ela se dinamizou através de seus membros que tiveram a iniciativa de conduzi-la em direção à esfera pública. A ideia imediata que se tem quando se trata de Assembleia de Deus, é sua associação com o pentecostalismo. Por ser uma igreja que enfatiza à Pneumatologia, a sua raiz doutrinária se baseia na manifestação do Espírito Santo. A atuação da manifestação divina na vida dos crentes assembleianos concede à tal igreja a identidade pentecostal.

A proximidade de atuação entre a AD Belém e a IAD Betim é fruto da passagem de missionários suecos, no início da implantação de ambas. Ao iniciar as funções eclesiásticas na cidade betinense, a igreja contou com o apoio do missionário sueco Algot Svenson, que consta na galeria dos pastores-presidentes da AD em Betim, sendo primeiro presidente em exercício da comunidade assembleiana do município.

Essa igreja que buscou entender o batismo no Espírito Santo, também inseriu como doutrina, os “dons espirituais” que, na visão pentecostal, devem acompanhar a igreja de Cristo. É importante pensar que tais dons são precedidos por esse batismo, ou seja, não necessariamente o crente precisa ser batizado com o Espírito Santo para tê-los.

O crente assembleiano se tornou conhecido pela experiência do falar em línguas em quase todas suas reuniões. A igreja AD se fez conhecida também por desenvolver o mover do espírito. Esse movimento pentecostal trouxe o avivamento, a continuação do acontecimento da Rua Azusa em Los Angeles, nos Estados Unidos da América.

Nos dias atuais, a IAD Betim tem conservado o que se define como profecias e sua identidade por intermédio de uma vida santa. Têm sido claras essas experiências que projetam um diferencial nítido de identificação dessa igreja. No caso das profecias, tanto a igreja dos apóstolos quanto a dos missionários fundadores das ADs no Brasil seguiram essas doutrinas bíblicas fundamentais. Esse fato destinou o que é conhecido por santidade. Esse segundo requisito, também aplicado como doutrina, deu origem aos usos e costumes que norteiam a diferenciação entre os que pertencem à instituição e aos que não se agregam a ela.

Em 1938, o distrito de Capela Nova se emancipa da cidade de Esmeraldas, tornando-se município com o nome de Betim. Nesse mesmo ano, a IAD Betim inicia suas atividades no bairro Colônia Santa Isabel. A localidade havia recebido, em 1931, uma das unidades de saúde para a erradicação da hanseníase. Através da política sanitária do médico e cientista Oswaldo Cruz, o governo federal instituiu casas de saúde em diversas unidades de federação. Em Minas Gerais, a Fhemig ficou responsável sobre o tratamento dos pacientes de tal epidemia.

A Assembleia de Deus betinense iniciou seus trabalhos eclesiais por irmãos internos da Casa de Saúde, quando eles se encontravam em tratamento, estando acompanhados por seus familiares. No início, era tudo muito difícil, pois, além de não terem um local próprio para reuniões, também enfrentavam dificuldades de deslocamento de um bairro para o outro. Os primeiros dirigentes de cultos no Colônia Santa Isabel moravam em outros bairros e lidavam com a deficiência de transporte público da época.

O percurso histórico da pesquisa obteve relatos do escrito mimeografado de Silva (2013)¹, em que disse ter conhecido uma única sobrevivente dos primórdios da igreja no Colônia Santa Isabel – irmã Ilda Silvano. A evangelização acontecia de maneira gradativa de 1938 a 1948. Portanto, o ritmo dessa comunidade de fé começa a acelerar-se em 1962, com a chegada do diácono Oscar – um dos presidentes da IAD Betim, que teve uma visão de crescimento da obra em seu tempo. Depois de terem adquirido terreno próprio no centro da cidade, a filial do bairro Vianópolis foi a segunda a ser inaugurada em 1963.

¹ José Egídio da Silva – É pioneiro da IAD Betim, tendo sido o idealizador da iniciativa política dessa igreja no município, quando em 1977 concorreu para o Legislativo municipal de Betim, sendo eleito vereador e presidente da Câmara Municipal de Betim nesse mesmo ano. Foi reeleito nas eleições/1982, cumprindo todo o mandato. Atualmente é o primeiro vice-presidente da IAD Betim, professor da EBD e professor do Curso de Preparação de Obreiros (CPO) dessa mesma Igreja.

Registra-se o período de maior crescimento nos anos de 1968 e 1975, períodos que se instalaram as empresas Petrobras e Fiat Automóveis. Essas empresas provocaram um intenso crescimento demográfico na cidade, permitindo que muitos membros das Ads localidades viessem a somar na IAD Betim. Esse crescimento contribuiu para as inaugurações de mais três filiais tradicionais da IAD Betim: Imbiruçu, Dom Bosco e PTB. Essas filiais, como de costume, iniciaram as atividades nas casas dos fiéis e tomaram proporções de grandes igrejas. As gestões da igreja betinense contaram com a participação dos pastores-presidentes

Algot Svenson, Anselmo Silvestre, Oscar Augusto, Euclides Morais, Jair Suriba, José Rodrigues e Nehemias Araújo. Em 1938, Algot Svenson assumiu o trabalho da IAD Betim, seguido pelo sucessor Silvestre, que deu continuidade em 1959. No fim de 1962, Oscar Augusto chega a Betim e reorganiza os trabalhos eclesiásticos da igreja, sendo substituído pelo pastor Morais em 1965. Em 1976, Suriba toma posse na igreja assembleiana betinense e, em 1982, o pastor José Rodrigues de Araújo toma posse juntamente com sua família. No ano de 2009 deixou o filho Nehemias Araújo com a presidência da igreja e a Convenção Estadual – Cimedemigo, filiada à CGADB, com o número de registro 62.

A IAD Betim adaptou-se ao modelo de sucessão eclesiástica e política. A exemplo de outras ADs no país, ela tem se firmado na sucessão familiar. No âmbito religioso, ela adequou-se na passagem do cargo presidencial de pai para filho. Na esfera pública, o formato permitiu que o pastor-presidente da igreja concedesse o cargo de parlamentar no Legislativo do município. Esse fato na política permeia a função de facilitação de acordos entre a direção eclesial e o representante parlamentar. Pensando dessa maneira, mesmo que haja algumas desavenças e decisões, essas estariam dentro de um concílio familiar. A medida é decisiva para não se correr o risco de futuras cisões, quando isso ocorre fora dos limites consanguíneos.

Os rumos desta pesquisa apontam para os modos próprios como a IAD Betim se insere na política partidária. Diferentemente do que se tinha antes, quando os membros optavam pela iniciativa própria de se candidatarem, atualmente isso não ocorre mais. O padrão para o lançamento de candidatos a cargos públicos adotado pela igreja em Betim ocorre a partir dos olhares de seu presidente. Ele, por sua vez, indica quem poderá concorrer, na esfera pública, até mesmo para o Conselho Tutelar, (lembrando que o representante nessa modalidade é membro da IAD Betim). Também para o Legislativo municipal, e até o momento cogita-se a possibilidade na ALMG.

O fato é que todas as modalidades públicas, em se tratando de disputar quaisquer cargos, esses sim, necessariamente passarão por aprovação do pastor-presidente e da mesa diretora. Possivelmente, quando não houver interesse por membros da família que ocupa a presidência

da igreja, o cargo será indicado a um membro da igreja ou ministro com mais afinidades de aproximação com a direção. Acredita-se que esse modelo de se fazer política adotado pela IAD Betim sempre terá o veredito final de seu pastor-presidente. Nesse caso, a própria igreja se acostumará com esse estilo político, podendo encontrar nas eleições posteriores resultados e perspectivas almejados.

Como é de conhecimento geral, as ADs se dividem em ministérios. Partindo dessa premissa, a IAD Betim se enquadrrou nesse formato, conforme Correa (2018) aponta:

Alguns ministérios são associados às convenções, em suas regiões, e possuem autonomia administrativa tanto em seus ministérios como também nas convenções estaduais, ou seja, o pastor-presidente comanda as duas esferas – a direção do ministério e a convenção estadual. (CORREA, 2018, p.283).

Na Assembleia de Deus de Betim, o pastor Nehemias Araújo goza dessa prerrogativa, liderando as duas instituições: a IAD Betim e a Convenção Cimademigo.

No que tange à metodologia desta pesquisa, foi feita uma revisão das principais referências sobre o pentecostalismo e política. Além disso, foi feita uma pesquisa documental comprovando essa relação a partir do objeto empírico desta dissertação, a IAD Betim.

Em termos estruturais, esta dissertação apresenta em sua composição primeiramente esta introdução, com os objetivos da pesquisa, a justificativa e relevância de abordar tal tema, a metodologia bibliográfica e a consequente distribuição dos capítulos.

O primeiro capítulo aborda a origem da IAD Betim, a partir de Chicago, onde os missionários encontram um propósito que arquitetava a obra de missões no Brasil. As perspectivas missionárias no Brasil desejada por dois suecos, que tinha como premissas a evangelização e a propagação dos dons espirituais em suas rotas missionárias. Também se verifica a relação com a AD de Belém do Pará – PA. Esse capítulo também aponta o trajeto político da AD mineira.

O segundo capítulo norteia a história da IAD Betim e os passos doutrinários que servem de parâmetros para seus fiéis. Um ponto de extrema importância abordado é a inserção dos usos e costumes adotados pela igreja, com um diferencial para a identidade dos assembleianos. É possível perceber que o uso dos veículos de comunicação tenham sido pauta de diversas convenções no cenário nacional das ADs. O capítulo ainda ressalta a evangelização que enfrentou diversas dificuldades no percurso histórico da IAD Betim. Essas dificuldades como por exemplo – o transporte público que por vezes não atendia às viagens demandadas após os

cultos. Essas e outras situações impediam ao crescimento da igreja no período correspondente aos anos de 1938 a 1962.

Para além dos dois capítulos anteriores, no terceiro estabelece-se a caracterização e a análise do estilo administrativo e de sucessões no aspecto religioso e na esfera pública. Nele, o pai transfere toda a responsabilidade eclesiástica para o filho, se tornando pastor-presidente de honra. Também se verificam as relações políticas com base no pentecostalismo e conexão política com as convenções CGADB e Cimademigo.

E, por fim, esta dissertação conta com as considerações finais sobre o estilo administrativo e de sucessões percebido na IAD Betim e abre possibilidades para futuras pesquisas.

2 A ORIGEM DA IAD BETIM

A Igreja Assembleia de Deus de Betim (1938) tem suas bases na Assembleia de Deus de Belém do Pará (AD Belém). A AD Belém, também é conhecida como Igreja Mãe², sendo a igreja fundada pelos missionários suecos Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963). Conforme Araújo (2011), esses missionários teriam sido batizados com o Espírito Santo um ano antes de chegarem ao Brasil. O batismo com o Espírito Santo é uma das doutrinas de base do pentecostalismo e pregada pelas Assembleias de Deus (ADs). “Em 1910, os suecos Adolph Gunnar Vingren e Daniel Gustav HogBerg são batizados com o Espírito Santo em Chicago (...)”. (ARAÚJO, 2011, p. 3).

Conforme Correa (2006), o que define um crente pentecostal dos demais são as práticas adotadas por eles ao se reunirem. Esse critério histórico surgiu em 1901 nos EUA, quando nasce o *Movimento Pentecostal* na Rua Azusa 312, Los Angeles, nos Estados Unidos. “Pentecostais são todos aqueles que aderiram a grupos religiosos que fizeram da experiência do batismo com o Espírito Santo – por meio de reações físicas diversas, glossolalia e balbuciar de sons inarticulados – o seu caráter diferencial.” (CORREA, 2006. p. 48).

Ao avaliarmos o que expressa Boyer (2018), as línguas na Bíblia são semelhantes aos “dons do espírito”. Ele se refere às “línguas bíblicas”, como o aramaico, o grego e o hebraico. Alguns pentecostais ainda hoje veem a descida do Espírito Santo de Atos 2.1, as línguas identificadas como “línguas estranhas”, também assim conhecidas no meio pentecostal. Aquelas línguas ali foram repartidas, como se fossem a glossolalia³. Quando há estudos sistemáticos sobre o assunto, o que é revelado nas entrelinhas é que as línguas partilhadas no quinto livro do Segundo Testamento foram nativas de cada nação ali representada. A IAD Betim também entende desta forma. (BOYER, 2018, p. 328).

Conforme Alencar (2019), a AD é “matriz pentecostal assembleiana brasileira”. Ela não é a primeira igreja pentecostal a se instalar no Brasil. Anteriormente veio a CCB. Pelo rápido crescimento no país, é matriz pentecostal brasileira. Ela é brasileira, pela forma com que se adaptou no Brasil. Assumiu uma identidade híbrida, por ter nascido nos EUA e implantada aqui por europeus. Ela também é a base fundamental, possibilitando o surgimento dos demais movimentos pentecostais em diversos municípios brasileiros. Alencar (2019) explica:

² Igreja Mãe – Refere-se à primeira igreja AD em Belém do Pará - Brasil, fundada pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg.

³ Glossolalia – “O falar em outras línguas, ou a glossolalia (gr. glossais lado), era entre os crentes do NT, um sinal da parte de Deus para evidenciar o batismo no Espírito Santo [...]”. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p. 1631).

[...] elas são o fundamento da matriz pentecostal brasileira. Um pentecostalismo híbrido que veio dos Estados Unidos, trazido por europeus, e aqui é abrigado, gerando um resultado peculiar único. Nasce, constrói-se e se fortalece a partir – e apesar – da realidade brasileira. Os demais movimentos pentecostais brasileiros nasceram tendo as ADs como referência, seja em *progressão, concorrência ou negação*. (ALENCAR, 2019, p. 33).

Ainda para ele, a AD desmembrou-se, gerando muitos ministérios com o mesmo nome “Assembleia de Deus.” Todos eles absorveram internamente a mesma forma pentecostal ofertada pelas ADs nos ensinamentos doutrinários, “usos e costumes”, maneira de se vestir etc. A proposta dos missionários fundadores não era adotar princípios a partir dos usos e costumes. Segundo Alencar (2019), eles focavam mais em estabelecer a comunicação através das mídias e outras formas de informações, construindo a identidade da igreja. “A identidade será construída inicialmente a partir de seis elementos – *Mídia, Ministérios, Convenções, Educação Teológica, Relações de Gênero e Templo* – [...]” (ALENCAR, 2019, p. 41).

Conforme Ingo Wulffhorst (1995), Gunnar e Berg eram operários na Suécia e chegaram aos Estados Unidos da América (EUA) à procura de trabalho em 1902. Nessa época, a Europa passava por uma recessão econômica, provocando o êxodo rural em muitos países do continente. Chegando à América do Norte, Gunnar ingressou em um seminário batista sueco em Chicago, permanecendo ali durante quatro anos. Converteu-se ao pentecostalismo e integrou-se à Igreja de Durham. “Um irmão na fé contou a Daniel e Gunnar uma visão celeste [...]. Credo que essa visão seria o chamado para a missão, foram consultar o mapa-múndi e encontraram no mapa do Brasil o estado do Pará”. (WULFFHORST, 1995, p. 8).

Em virtude de não se ter dados que confirmem a passagem dos suecos pela Rua Azusa, percebe-se que os cultos do pastor William Joseph Seymour (1870-1922) tenham alcançado Chicago. Seymour (Um jovem negro – ex-escravo da Louisiana) foi influenciado pelo movimento de santidade (holiness). Esse movimento teve inspiração nas pregações de John Wesley, que diferenciava santificação de justificação. A corrente de pensamento de Wesley pregava que “a santidade era a segunda obra da graça de Deus”.

Foi nessa linha que o núcleo vital para propagação da santidade, nessa época, tenha sido a Escola Bíblica de Topeka do professor Charles Fox Parham (1873-1929). Lá se ensinava que o falar em línguas (*glossolalia*) era uma evidência do batismo no Espírito Santo. (WULFFHORST, 1995, p. 7).

Em 1906, Seymour, ex-aluno de Parham, pregava sobre a santificação e justificação, e enfatizava que Deus os presenteava com uma terceira benção. Tal benção se tornou conhecida por batismo com o Espírito Santo, que passou a fazer parte dos sermões e cotidiano do negro pregador. Após ministrar sobre Atos 2.4 na igreja da evangelista Nelly Terry, Seymour foi expulso do recinto. Esse episódio ocorreu em função de tê-la deixado escandalizada com o sermão da doutrina do Espírito Santo. Todos os que frequentavam as reuniões da Rua Azusa 312, Los Angeles - EUA, sentiam-se tocados pelas palavras do jovem pregador. Segundo Wulforth (1995, p. 7), “[...] no dia 6 de abril de 1906, um menino negro de 6 anos falou em línguas, seguido por outros. Nascia o pentecostalismo entre os negros”.

O autor ainda aponta para a separação entre negros e brancos pentecostais no ano de 1908. Nessa data, havia uma resistência à dominação econômica da qual o movimento negro pentecostal fazia parte lutando politicamente. Wulforth (1995, p. 8) aponta que “enquanto para os pentecostais negros Cristo era negro e dos pobres e oprimidos, também em sua dimensão política, os pentecostais brancos se limitaram à experiência religiosa unicamente voltada para o sagrado, separando a prática religiosa da missão sociopolítica”. Ainda para o autor, o pentecostalismo brasileiro surgiu nos EUA em um berço pentecostal branco.

Conforme Carvalho (2018), o pentecostalismo chegou no Brasil com a missão de resgatar aos que outrora viviam às margens da subalternidade. Não escolhendo uma camada social, agrega brancos e negros em um só redil (lugar de convivência). Esse fenômeno contribuiu para o espantoso crescimento das ADs no Brasil em curto prazo. Também serviu para definir a imagem dos missionários recém-chegados. “Pentecostalismo é uma religião das margens, tendo em vista que foi constituída de grupos subalternos que ficavam distantes de propostas culturais hegemônicas e saberes racionalistas.” (CARVALHO, 2018. p. 125)

Nesse percurso da história pentecostal norte-americana, o movimento que trouxe grande avivamento (mover do espírito / pentecostalismo) no mundo, rompeu as barreiras existentes da época. Conquistando diferentes camadas sociais, o pentecostalismo, embora tenha agido como parceiro político dos negros, alcança Chicago. Esse fato é inserido na história pentecostal dos EUA através do pastor batista William Howard Durham (1873-1912), domiciliado em Chicago. Wulforth (1995, p. 8) confirma que esse pastor assistiu um sermão de Seymour, em que, através do Espírito Santo, falou em línguas. É possível que essa chama tenha também iluminado o caminho missionário dos suecos Vingren e Berg. (SALMOS 119. 105).

Segundo Correa (2018), existe uma ideia do *mito fundante* da AD no Brasil. Quando os missionários aderiram ao êxodo sueco, passaram pelos EUA e através de uma profecia desembarcam em terras brasileiras. Ao acompanhar a trajetória desses enviados com uma

missão, a autora observa um heroísmo contido nos diários de Gunnar Vingren. Tal escrito foi editado por Ivar Vingren – filho de Gunnar, enquanto o Diário de Berg tenha sido inspirado nas experiências do pioneiro, ilustradas por Emílio Conde. Esses escritos são todos impressos pela CPAD. Correa (2018) explica:

Os fatos narrados na construção do mito fundante dos missionários suecos, foram extraídos das anotações cotidianas feitas por eles. Posteriormente, essas anotações foram transformadas em diários. Vale ressaltar, porém, que os diários dos fundadores suecos foram organizados por seus filhos Ivar Vingren e David Berg, (Ivar Vingren relata examinou em média 25 diários de seu pai); o de Daniel Berg também contou com a supervisão de Emílio Conde, historiador oficial das igrejas ADs; sobre o de Daniel, não se tem relato das anotações originais. (CORREA, 2018, p. 51).

Para Alencar (2019, p. 35), esse *mito fundante* é construído por Conde. Ele recebeu notoriedade em diversos livros, principalmente aqueles da CPAD. Conde ocupa o cenário da idealização desse mito, como se fosse um profeta a abrir o percurso histórico dos suecos. O transparecer desse ideal deixa visível que as ADs se sobrepõem às demais pela fantasia tangível atribuída aos missionários. O fator que assegura a aproximação de missionários x fiéis está atrelada ao *carisma*. Esse tornou-se marca registrada na caminhada missionária dos suecos em solo brasileiro.

Aqueles que agora corroboravam para a teologia da igreja recém-fundada, traziam um mover diferente do que permeava nas outras denominações. Visitavam os adeptos, faziam orações bem diferenciadas, profetizavam e cada vez mais eram assistidos pelas dádivas carismáticas. Todas essas práticas citadas acompanharam os pastores pentecostais no Brasil e no mundo. “[...], com o uso dos dons carismáticos como a profecia, orações em línguas estranhas, orações de cura, fenômenos que têm influência sobrenatural na vida cotidiana da membresia brasileira”. (CORREA, 2018, p. 53).

É possível que nas gerações vindouras essas práticas fenomenológicas agregadas às ADs desde seu início possam ser vistas com menos intensidade. Mediante a ausência daqueles que carregavam consigo a cultura, é possível que tenha ocorrido mudança na forma litúrgica das ADs. Com o passar dos dias, as novas gerações podem aderir a modelos litúrgicos, provocando mudanças que trazem novidades capazes de atualizar costumes centenários da AD. Novas experiências espirituais poderão impactar negativamente para os que prezam em conservar os costumes doutrinários da igreja. Passos (2005) alerta para tais mudanças.

As religiões nascem e mudam historicamente na relação na relação com suas origens. Sem uma origem que forneça permanentemente, sentido para o grupo religioso, este tende a desaparecer. É nesse sentido que as religiões procuram repassar e fixar suas origens em formas de narrativas e textos sagrados. (PASSOS, 2005, p. 23).

Para Correa (2006), as características das ADs podem, sim, passar por alterações que de fato sinalizam mudanças radicais internamente. Ao analisar o perfil da AD no bairro Bom Retiro - São Paulo, Marina Correa (2006) foca atentamente para as alterações agregadas por essa igreja desde a origem. “[...], a análise da alteração das características tradicionais da igreja Assembleia de Deus, descrevendo seu perfil, na época do surgimento e seu perfil atual, e discutindo quais são os elementos que influenciam neste processo”. (CORREA, 2006, p. 15).

As características das ADs proporcionam incentivos (ferramentas externas) com capacidades de provocar motivações (ferramentas internas) que alimentam o campo espiritual do crente. Correa (2006) aponta para as necessidades em participação em cultos, momentos em reuniões em que são tocados por testemunhos de outros fiéis. Há os fervorosos cânticos e diversas orações durante os cultos. Todos vêm buscar a renovação das suas vidas. “[...] característica importante para os pentecostais é a frequência nos cultos para abastecimento da alma. Os cânticos, testemunhos e orações, são proclamados com fervor para receber as graças de Deus e ao mesmo tempo passar para outras pessoas seu testemunho como exemplo.” (CORREA, 2006, p. 52).

Os líderes de diversas ADs no Brasil assumem posturas bem similares às dos fiéis. Com a modernidade ascendente em função do individualismo, essas manifestações são passíveis de certa liberdade e autonomia. Isso seria possível ao tornar o indivíduo preparado para novas experimentações. Os assembleianos não estão mais arraigados à religião e à cultura como bases normativas que dão sentidos as suas vidas. Eles sabem que elas giram em torno das suas próprias experiências, encontrando melhores formas de se adaptarem nos estilos de liberdade autônoma.

Conforme Maffesoli (2010), sabe-se que a religião baseada na cultura não aceita mais nenhuma imposição daquelas instituições que tinham como modelo a ética e a moral. Se o que une tem mais importância do que aquele que separa, então a essência da origem religiosa sempre será a mesma. A cultura que se insere em cada indivíduo é que pode mudar com o passar das modernidades. “A ênfase incide, então, muito mais sobre o que une do que sobre o que separa. Não se trata mais de história que construo contratualmente associado a outros indivíduos racionais, mas de um mito do qual participo”. (MAFFESOLI, 2010, p. 37).

Essa participação, no âmbito religioso, advém da necessidade de uma representação cosmológica da humanidade. O que houve no início das ADs em Belém do Pará pode ser algo que se assemelha a essa propagação do mito. O estabelecimento da noção do que realmente seria religião obrigou aos homens a pensarem no assunto bem antes de haver as Ciências da Religião. Nesse contexto, pode-se associar, paralelamente, a relação corpo a corpo que Gunnar e Berg tenham produzido na caminhada missionária e a proximidade com fiéis. Durkheim (1989) explica:

Os homens foram obrigados a formar noção do que é religião, bem antes da ciência das religiões ter podido instituir suas comparações metódicas. As necessidades da existência obrigam-nos a todos, crentes e incrédulos, a representar, de alguma maneira, as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais temos sempre julgamentos a fazer e que devemos considerar no nosso comportamento. (DURKHEIM, 1989, p. 53-54).

Conforme Costa (2020), no princípio do pentecostalismo também havia conflitos entre negros e brancos. Um movimento de excluídos e marginalizados, gerando, em primeiro lugar, a urbanização. Em segundo, agrega misturas de raças, principalmente os da imigração, os pobres e, no contexto geral, marginalizados. “O movimento era inovador e, pelo menos nos discursos e nos anos iniciais, tendia a remover as barreiras que separavam brancos de negros, ricos de pobres, nativos de imigrantes.” (COSTA, 2020, p. 64).

2.1 Gunnar Vingren e Daniel Berg, perspectivas missionárias no Brasil

Ao se despedir de seus pais, Berg novamente faz outra viagem para o EUA. Dessa vez não estava tão preocupado quanto na primeira viagem à América. O que o tranquilizava nessa viagem é que conhecia o país de retorno. Ao chegar na América do Norte, começou a trabalhar em um atacadista de frutas. Em uma conferência realizada na cidade de Chicago, conheceu um jovem por nome Gunnar Vingren. Gunnar sentia vontade de iniciar um trabalho missionário, uma vez que era recém-formado no seminário batista. Começaram a conversar e o que ouviu de Gunnar é que era batizado no Espírito Santo. Isso o tornava mais convicto de sua chamada missionária para onde o Senhor o enviasse.

Quanto mais Berg ouvia Gunnar, mais alimentava as convicções de sua chamada missionária. O proprietário da casa em que hospedara Vingren recebeu de Deus uma revelação e profetizou que os jovens iriam para o Pará. Era um desafio, pois nunca tinha ouvido falar desse nome antes. “Certo dia, o dono da casa onde Gunnar Vingren se hospedava, recebeu de Deus uma revelação e profetizou para nós que iríamos para o Pará.” (BERG, 2018, p. 34).

Os jovens missionários suecos começaram os preparativos para a viagem ao Brasil. Os dois compartilhavam da mesma chamada missionária, da mesma fé e alegria que os motivara no novo desafio (a viagem missionária). Berg (2018) conta que chegou o momento de se despedir da casa em que trabalhava. O dono da empresa deu a ele uma bolacha e uma banana. Esse era um antigo costume americano. “Essa oferta significava que jamais faltaria alimento a quem a recebesse. Este fato também serviu para nos confortar.” (BERG, 2018, p. 35).

Ao chegarem à cidade de Nova Iorque, souberam que no dia 5 de novembro de 1910 sairia um navio para o Brasil. O que lhes restava era somente o firme pensamento em uma viagem para uma terra desconhecida. Na despedida, alguns irmãos haviam providenciado um pouco de dinheiro suficiente para a viagem. Ao procurarem pelo transporte que os conduziria à viagem, não o encontraram. Souberam que um navio que estava em manutenção, em um estaleiro, sairia naquela data. “Essa era mais uma prova de que o Senhor estava dirigindo os nossos passos, e de que estávamos no centro de sua vontade.” (BERG, 2018, p. 38).

Os missionários oriundos da Suécia estavam entusiasmados para o novo ciclo que se iniciava em suas vidas. Quando conversavam sobre o Norte do Brasil, pesquisado em uma biblioteca, se viam muito distantes, pensavam não ser da vontade de Deus aquele destino. Não imaginavam outra forma de terem a certeza da viagem, se não fosse pelo método da oração por uma semana. “Finalmente Deus confirmou que devíamos ir para o Pará. Logo que tivemos esta certeza, levamos o fato ao conhecimento do pastor e de alguns irmãos membros da igreja. Eles não se mostraram muito entusiasmados. Mencionaram dificuldades [...]” (BERG, 2018, p. 34).

Os amigos de Gunnar e Berg não fizeram questão de incentivá-los, devido ao diferente clima no Brasil. Não lhes ofereceram quaisquer tipos de sustentos, nem sequer novos testamentos para trazerem ao país de destino. O que de fato gerava essa recusa era tão somente a certeza de que retornariam à América o quanto antes. O que esses jovens tinham para a viagem passava pouco dos 90 dólares. Esse valor compreendia o preço da passagem de navio, com partida de Nova Iorque (EUA) até o destino: Pará (Brasil).

Conforme Berg (2018) relata, se nas mentes deles brotasse o mínimo de dúvidas, elas seriam eliminadas pela determinação e coragem. Esse fato retrata a história inicial de muitas ADs no Brasil e na IAD Betim em Minas Gerais. Mesmo quando os obreiros iniciantes não tinham melhores opções de transportes e muito menos recursos financeiros, nada os desanimava. Ainda sobre os missionários suecos, ouviram claramente a voz de Deus. Dessa forma, sabe-se que isso tenha ocorrido com algum pastor assembleiano um dia. Eles afirmavam ter escutado a voz do Senhor. “Se fores nada te faltará, afirmou Vingren.” (BERG, 2018, p. 35).

Vingren e Berg, cada dia que passava, amadureciam a visão missionária para além de suas fronteiras costumeiras. Ambos estavam selados (símbolo de promessas para um pentecostal – batismo com o Espírito Santo). Através desse selo, eles acreditavam que teriam forças para superarem as barreiras diversas que surgiriam. Ainda hoje isso figura para os pentecostais portadores de uma chamada. Nesse contexto, ela seria o mesmo que receber de Deus algo por revelação, ouvindo a voz do Senhor – ou através do profeta - (profecia / palavra revelada).

Agora eles estavam cheios de convicção de suas respectivas chamadas e convertidos ao pentecostalismo. Esse movimento avalista atuou no Brasil como cartão postal para as Assembleias de Deus. Serviu como selo reconhecido e marca registrada para os novos crentes brasileiros. “A origem está no chamado reavivamento evangélico, ideia que teve início quando John Wesley, reunindo-se com um grupo de professores e estudantes de Oxford, [...], assim empreendendo o que passou a chamar de reavivamento religioso.” (CORREA, 2018, p. 41).

Na visão de Wesley, era necessário que o povo tivesse acesso a uma nova vida de espiritualidade e o bem-estar material, em prol do benefício comunitário. Esse movimento se fixou em 1729. Segundo Correa (2018) pontua, Wesley e seus amigos se juntaram e se ligaram a um “clube santo”. “A intenção de Wesley não era fundar uma nova igreja, mas sim levá-los para a igreja anglicana a qual pertencia (e da qual nunca se desligou).” (CORREA, 2018, p. 41). Vingren e Berg, ao se converterem ao pentecostalismo, seguiram o mesmo percurso doutrinário da “santidade”, pois o idealizador do pentecostalismo nos EUA tivera o mesmo padrão. Willian J. Seymour falava nos sermões sobre “santificação e o batismo com o Espírito Santo. Anos mais tarde, esse fato aconteceu no Brasil com os dois missionários suecos. Eles também incentivaram essa doutrina pentecostal por onde passavam e lhes era permitido falar.

Os jovens, como todo pentecostal, mantinham acesa a chama espiritual em seus corações. Essa chama é também conhecida no meio assembleiano como “labaredas do espírito”. Quando um pentecostal se dispõe a realizar algo para Deus, ele sente um fogo queimar no seu interior. Em 1909, isso era normal e vivido por aqueles que aderiam ao *mover do espírito*⁴. Não se sabe o motivo pelo qual, na atualidade, uma minoria de pentecostais não esteja aberta aos mesmos pensamentos de seus antepassados. Isso pode ter explicações nas palavras de Durkheim (1989).

⁴ Mover do espírito, ou agir do Espírito Santo - termo comum usado no meio pentecostal para lembrar o batismo com o Espírito Santo.

Todos os cultos parecem, por definição, independentes de qualquer ideia de grupo. E não apenas essas religiões individuais são muito frequentes na história, mas alguns se perguntam hoje se elas não chamadas a se tornarem a forma eminente da vida religiosa e se não virá um dia em que não haverá outro culto senão aquele que cada um fará livremente no seu íntimo. (DURKHIEM, 1989, p. 78).

Embora se saiba que Gunnar expressa em o “*Diário dos Pioneiros*” os relatos dos acontecimentos em seu cotidiano, essas linhas escritas deixam uma mensagem de preocupação, quando o pioneiro lembra seu filho para que guardasse as “memórias” escritas por ele (Pai). Esses escritos também podem ilustrar a origem do movimento pentecostal para não se correr o risco de que eles fossem esquecidos. Ivar Vingren, filho de Gunnar, relata o que sentiu ao acessar as palavras contidas no “diário” após algum tempo.

Uma coisa que me tocou profundamente o coração foi que, muitos anos depois do falecimento de meus pais, encontrei, entre as folhas amarelas destas memórias, uma exortação escrita por ele, com grandes letras vermelhas, que dizia: “IVAR, GUARDA ISTO!” No nome do senhor Jesus me esforcei da melhor maneira possível para esta parte da história do movimento pentecostal fosse preservada para informação e bênção aos irmãos. (VINGREN, 2018, p. 9).

Os missionários Gunnar e Berg talvez não tivessem ideia de que mudanças ocorressem na matriz de todas as pentecostais. O objetivo consistia em cumprir a chamada divina ao chegarem em terras brasileiras. Também não seria algo que desanimasse esses suecos, nem mesmo as surpresas vindouras. “Não ficamos surpresos ao saber da existência de dois lugares no navio. O senhor havia preparado todas as coisas. Compramos as passagens e embarcamos.” (BERG, 2018, p. 41).

Para Marina Correa (2018), Gunnar e Berg sentiram-se motivados a virem em missão ao Brasil devido a uma revelação. A autora revela o que Gunnar sentiu após um culto de oração. “[...], por meio de uma profecia em culto de oração na Igreja Batista Sueca de South Bend, Indiana, que revelara vários mistérios sobre seu futuro, entre outros, que o Espírito Santo falara de um novo rumo em sua vida.” (CORREA, 2018, p. 67).

Conforme Araújo (2011), no dia 19 de novembro de 1910, Gunnar e Berg chegaram ao Brasil no navio Clement. Quando ainda estavam na embarcação, eles ouviram o português, o mesmo idioma que ouviram em uma reunião em que estavam orando, através da profecia proferida por um participante do grupo. Ao chegarem em Belém do Pará, cidade que abrigava 200 mil habitantes na época, acompanharam as pessoas esperando que Deus os guiasse. De todos os que viajaram nesse navio, os únicos que não tinham alguém para recebê-los eram eles. Eles tinham conhecidos no Brasil, porém não sabiam endereço de moradia deles.

Confiando que Deus iria orientá-los, “estavam com fome” e seguiram para um restaurante, onde “comeram uma autêntica comida brasileira”. Depois fizeram uma oração assentados em um banco para que Deus enviasse providências. Ao aguardarem ali por mais alguns instantes, encontraram uma família que viera na mesma viagem, falando inglês. A família os convidou para o hotel onde conheceram outras pessoas. Os missionários foram orientados por um senhor que conheceram no bonde, onde havia uma revista em língua portuguesa com o endereço de um pastor metodista. (ARAÚJO, 2011, p. 3).

Ao serem orientados pelo homem, chegaram à casa de um pastor americano, por nome Justus Nelson. Após saber que tinham origem batista, os acompanhou até a Igreja Batista de Belém. Ali encontraram o pastor Jerônimo Teixeira de Souza, que também falava inglês. Depois de conversarem, lhes perguntaram se o pastor sabia de um lugar onde pagariam menos que 16 mil réis (correspondendo a quatro dólares diários). O pastor Jerônimo “os convidou para morar na sua casa por dois dólares diários”. (ARAÚJO, 2011, p. 4).

Confiando que Deus continuaria a orientá-los, seguiram hospedados na casa do pastor Jerônimo. A nova hospedagem era em um porão escuro de chão grosso. Nele não havia janela e era muito abafado devido ao forte calor em Belém. Além de não ser confortável, tinha muitos mosquitos e lagartixas. Porém eles seguiam contentes, não perdendo o entusiasmo com a nova missão. Na região, só se ouvia falar dos novos irmãos missionários que haviam chegado dos Estados Unidos da América. “A notícia de que novos missionários haviam chegado dos Estados Unidos ecoou rapidamente nas quatro igrejas protestantes da cidade. Agora éramos levados de uma igreja para a outra e todos estavam interessados em ver e ouvir os recém-chegados.” (VINGREN, 2018, p. 37).

O trabalho começou a ser realizado na região pelos suecos, que pregavam a doutrina do batismo com o Espírito Santo. Por não concordar com tal ensinamento, e devido as crenças batistas Celina de Albuquerque e Maria de Nazaré terem recebido o batismo no mesmo dia 8 de junho de 1911, a Igreja Batista expulsou-as, em 13 de junho de 1911. Quanto mais pregavam, mais se viam as manifestações de milagres e maravilhas no meio do povo. Uma nova igreja se instalava na casa da irmã Celina. No dia 18 de junho de 1911, em um domingo, onde haviam 18 pessoas presentes, além de Vingren e Berg, fundou-se a “Missão da Fé Apostólica”. Segundo Isael Araújo (2011, p. 5), somente em 11 de janeiro de 1918 é registrada oficialmente como Sociedade Evangélica Assembleia de Deus.

Inicialmente na cidade de Belém, nesses dias, se via muitos casos de doenças, principalmente as relacionadas à febre amarela e lepra. Pessoas que portavam tais moléstias vinham à procura da “cura divina”. Uma epidemia assolava a população em toda região do Pará.

Naquele momento, isso seria outro desafio para os missionários recém-chegados. Eles ainda enfrentavam dificuldades com a língua portuguesa. Mas creram que haviam sido “enviados por Deus”, como pensava Berg.

Segundo Correa (2020), Vingren e Berg seguiam, mesmo que estivessem correndo risco de contaminação por ataques das doenças, e pouco se importavam. A preocupação deles era com o bem-estar e uma situação confortável para todos. “Dessa maneira, as classes mais pobres não tinham outro recurso se não buscar a “cura divina” e os missionários suecos, conhecedores dos propósitos de Deus, trabalhavam dia e noite em busca de um conforto espiritual para os doentes, familiares dos doentes, entre outros.” (CORREA, 2020, p. 86-87).

Fajardo (2019), ao referir-se aos primeiros passos das ADs no Norte do Brasil, aponta para outras dificuldades que surgiram e para as formas necessárias de uma comunidade organizada. Eles perceberem a urgência de um espaço onde pudessem congregar, contando com o auxílio de membros. O apoio de pessoas mais próximas também era essencial para o momento, pois abririam as portas de suas casas para as reuniões. Dessa forma, procederam-se os primeiros dias da ação missionária dos suecos em solo brasileiro. Fajardo (2019) disse:

Com este diálogo, Berg e Vingren se colocaram diante de uma nova dificuldade. Suas atuações proféticas geraram uma comunidade que precisava ser organizada. Em cinco dias, o grupo dissidente foi acomodado na casa de Celina de Albuquerque, onde até então funcionava uma das congregações da Igreja Batista na cidade. (FAJARDO, 2019, p. 74).

Segundo Araújo (2011), antes da chegada de Berg e Vingren ao Brasil, alguns diáconos da Igreja Batista se reuniam em oração, pedindo a Deus que lhes enviasse missionários. Em relatos, o autor pontua que, quando se tornou realidade esta resposta, eles confirmaram agradecidos. “[...] haviam reunidos todos os sábados durante bastante tempo para orar, pedindo a Deus que Ele enviasse novos missionários ao Brasil. Quando Vingren e Berg chegaram, eles disseram: “Chegaram aqueles que por quem estávamos orando.” (ARAÚJO, 2011, p. 4).

Essa dinâmica da oração ainda hoje acompanha os fiéis das ADs no Brasil. Essa prática acontece quando há dificuldades administrativas no ministério eclesial da igreja local. Acontece ao se saber que alguém na membresia tenha causas impossíveis para serem resolvidas, curas de enfermidades e tantos outros. A IAD Betim, nessa proporção, prossegue com o mesmo dinamismo doutrinário, criando expectativas de fé em todos os seus congregados. Inserem-se nessa logística os pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos e missionárias. Mesmo não sendo literalmente credenciados, demais auxiliares (cooperadores) são cotados para o trabalho.

A prática de se orar nas casas se tornou costumeira na rotina dos missionários. Eles iniciaram um período de oração na casa de uma irmã que sofria de uma doença que não se curava. Mediante essa situação, ela não podia se locomover para os cultos em outras localidades. Esse foi o motivo pelo qual se compadeceram dessa fiel. Segundo o que consta em “O Diário do Pioneiro”, o nome dela era Celina de Albuquerque que, após ser curada, recebeu o batismo com o Espírito Santo. Vingren (2018) relata:

Durante aquela semana realizamos cultos de oração todas as noites na casa de uma irmã que tinha uma enfermidade incurável nos lábios. Ela não podia assistir aos cultos na igreja. A primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe se cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos-lhe que deixasse de lado todos os remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o senhor Jesus a curou completamente. (VINGREN, 2018 p. 40).

Logo que chegaram em Belém, Vingren se viu na necessidade de estudar a língua portuguesa. Essa iniciativa foi primordial, pois precisava conduzir melhor suas funções eclesiais perante a igreja e a sociedade. De outro lado, Berg seguia no exercício ministerial, mas desempenhava um percurso profissional como fundidor. O trabalho de Daniel consistia em manter as despesas adquiridas no mês. “Como não tinham dinheiro para pagar as aulas, combinaram que Berg trabalharia como fundidor e sustentá-los nessa e em outras despesas. Vingren estudaria de dia e de noite e ele ensinaria a Berg.” (ARAÚJO, 2011, p. 24).

O trabalho de Berg rendia condições de mantê-los e ainda lhes restavam alguns réis⁵ para comprar algumas Bíblias para o serviço missionário. A renda era de doze mil réis diários. Ainda com o trabalho, ele havia economizado trezentos mil réis. “Berg informou em sua autobiografia que ganhava 12 mil réis por dia. Ele conseguiu juntar a quantia de 300 mil réis com o seu trabalho na fundição.” (BERG apud ARAÚJO, 2011, p. 24).

Berg relata em “As Memórias de Daniel Berg” que precisou deixar o emprego de fundidor, migrando para o trabalho de colportagem (distribuição de publicações, livros e panfletos religiosos – por - colportores – venda de casa em casa). Para o historiador Isael de Araújo (2011, p. 25) “[...] colportagem vem da palavra colportor que deriva do francês e significa “levar no pescoço”. Esse nome se originou do costume que tinham os colportores valdenses no século 12 de levarem escritos sagrados debaixo da roupa ou em uma bolsa que pendia no pescoço”.

Segundo ele, isso era algo novo na cidade de Belém. Mas essa nova função o condicionava a cuidar da obra a que Deus o havia chamado. “[...] todos se mostravam curiosos

⁵ Réis – dinheiro em espécie em 1910.

de conhecer o que vendíamos. Bíblias e Novos Testamentos em português, naquele tempo, não era coisa comum. Em geral, o que se ouvia era uma ou outra referência concernente à Bíblia durante a missa.” (BERG, 2018, p. 70).

O pioneiro passou a se dedicar integralmente ao novo serviço e continuidade à evangelização. A remessa de Bíblias e Novos Testamentos chegou dos EUA. No primeiro dia, saiu com os exemplares em sua maleta. Isso lhe proporcionava dialogar e evangelizar as pessoas. Segundo Araújo (2011, p. 24), “durante os primeiros três anos, Berg espalhou 2.000 Bíblias, 4.000 Novos Testamentos e 6.000 porções dos Evangelhos”.

A Assembleia de Deus seguia avante, pois a evangelização apresentava sinais positivos através da dinâmica criada por Berg. Com o crescimento da instituição, foi necessária a ordenação de alguns obreiros para auxiliar nas funções eclesiais. Conforme o crescimento de uma igreja em números de membros, constituiu-se uma seleção de candidatos. Isso ocorreu entre as pessoas que atuavam ativamente nos serviços das congregações. Para tal, é necessário que sejam casados e “de boa reputação”. (Atos 6.3).

Segundo Isael de Araújo (2011, p. 37), o primeiro membro da AD consagrado ao ministério de pastor foi Isidoro Saldanha de Oliveira (1879-1947). Ele era mais conhecido como Isidoro Filho “Caboclo”, nascido em 29 de novembro de 1879, na região de Freguesia de Arrumação, província do Ceará. Migrou com a família para Soure, na Ilha do Marajó, onde desempenhou seu trabalho ministerial na AD da cidade. Também era conhecido por ter uma forte personalidade. Sobre o primeiro pastor consagrado das ADs, Araújo (2011) ressalta:

Isidoro Filho era alfabetizado, fez o curso de guarda-livros, posteriormente reconhecido pelo governo brasileiro como a profissão de contabilista. Em Soure, sobrevivia da pesca, utilizando a técnica de captura de peixes em curral, nas praias do pesqueiro, e do mata-fome. (ARAÚJO, 2011, p. 37).

Ainda com a orientação dos missionários, percebe-se que as igrejas ADs expandiram para além das fronteiras paraenses. Além do primeiro pastor acima citado, mais quatro cooperadores foram consagrados ao ministério pastoral. Isael de Araújo (2011) os cita em sua obra, como sendo o segundo Absalão Piano (1877-1963), ordenado por Gunnar em 1913, em Rio Preto, Tajapur do Norte. O terceiro, Crispiniano Fernandes de Melo (1885- ?), nas Ilhas paraenses, que atuou também em Macapá – AP.

O quarto foi Pedro Trajano Pinheiro (? -1939), convertido na Igreja Presbiteriana. Ele foi citado no *Mensageiro da Paz* de maio de 1939 pelo pastor José Paulino Estumano de Moraes (1881- ?), também crente presbiteriano. Gunnar Vingren também o menciona em o *Diário do*

Pioneiro. Também crente presbiteriano, Adriano Nobre de Almeida (1883-1938) foi o quinto pastor, ordenado por Gunnar Vingren em 1916. Nobre era comandante de navio da Companhia Porto of Pará. “Por falar inglês, ele serviu como intérprete para Gunnar Vingren e Daniel Berg quando chegaram a Belém (PA) em novembro de 1910, apresentado aos recém-chegados por seu primo Raimundo Nobre [...]”. (ARAÚJO, 2011, p. 40).

Em 1917, ao chegar como missionária no Brasil, Frida Maria Strandberg (1891-1940), ao se casar com Gunnar em 1918, teve Nobre como seu professor de português. Pensa-se que ele tenha funcionado como braço direito de Vingren (expressão usada para pessoa que oferta apoio). Em viagem à Suécia, Gunnar o deixou como pastor na Igreja Mãe no período de 1915 a 1917. Adriano foi o editor da primeira edição da “Harpa Cristã”⁶, edição de dezembro de 1923, em Recife –PE. “Na atual *Harpa Cristã* seu nome consta como autor da versão de cinco hinos (2, 3, 10 e 413).” (ARAÚJO, 2011, p. 40).

É bastante comum nas ADs do Brasil o envio de missionários para outras nações. O primeiro obreiro a cruzar as fronteiras brasileiras rumo a Portugal foi José Plácido da Costa (1870-1965). Ele figurou entre os que foram excluídos da Igreja Batista em 13 de junho de 1911. Natural de Valezim Portugal, ajudou a organizar as Assembleias de Deus, ao lado de Gunnar Vingren e Daniel Berg. Plácido trabalhou na evangelização de sua terra natal, sendo ali pioneiro. Ele finalizou seu ministério pastoral aos 95 anos e faleceu no dia 17 de abril de 1965, “voltando para sua casa eterna”. (Lucas 1.23).

As ADs seguiram no exercício da evangelização, gerando missionários por diversos municípios e chegando aos estados ciclos vizinhos. Araújo (2011) identifica um roteiro que permite pensar a chegada das ADs nas unidades de federação. Em 1914, no Ceará, Paraíba e Piauí; 1915, Alagoas e Roraima; 1916, Amapá e Pernambuco; 1917, Amazonas; 1921, Maranhão e Rondônia; 1922, Espírito Santo e Mato Grosso; 1923, Guanabara – RJ – antigo Distrito Federal; 1923, Rio de Janeiro e São Paulo; 1924, Rio Grande do Sul e Bahia; 1927, Minas Gerais e Sergipe.

O evangelista enviado para Minas Gerais foi Clímaco Bueno Aza (1880-1950), que desempenhou a missão eclesiástica e também trabalhou como colportor. A experiência dele é similar à de Berg, pois também abandonou a função anterior para o serviço eclesial. Na nova atividade, vendeu muitos exemplares de Bíblias e Novos Testamentos. Assim sentiu que poderia falar do Evangelho para as pessoas, principalmente para clientes. Aza dedicou sua vida ministerial também no interior do Estado do Pará.

⁶ Harpa Cristã (HC) – “Hinário nacional oficial” das Assembleias de Deus, desde 1922. (ARAÚJO, 2011, p. 181).

Segundo Araújo (2011), Clímaco empreendeu sua primeira viagem para Estrada de Ferro Belém-Bragança. Ele tinha afinidades com Gunnar e Daniel, pois foi acompanhado em diversas viagens por Berg. Após ser batizado com o Espírito Santo em 1914, ele sentiu ainda mais vigor para continuar na lida. Passou por muitas cidades brasileiras pregando as “Boas Novas” (Evangelho). “Em Bragança, o casal Aza passou três anos, de 1917 a 1919. Em 10 de março de 1918, o missionário Gunnar Vingren consagrou Clímaco pastor. [...] na evangelização não somente em seu Estado, mas de todo o Brasil.” (ARAÚJO, 2011, 49).

Nesse percurso da vida cristã de Aza, a jornada ministerial o destinou ao Estado das Alterosas. O próximo tópico se discorrerá sobre o início da caminhada do evangelista que foi nacionalmente reconhecido. Obreiro que, ao trabalhar em Bragança, foi sustentado pela Igreja Filadélfia de Sköde, Suécia. Esse que trinta anos mais tarde foi pauta na CGADB de 1947, em São Paulo, para definir o seu sustento. Somente em 1953 na CGADB em Santos – SP, tendo falecido, foi decidido que o sustento da viúva Júlia Galvão viria da AD do Rio de Janeiro.

2.2 Assembleias de Deus em Minas Gerais, história e trajeto político

As ADs romperam as dificuldades através dos missionários suecos e também alguns americanos que estiveram em missões evangelizadoras no Brasil. O trabalho missionário crescia todos os dias nos vilarejos, grandes centros urbanos e na zona rural. As barreiras paraenses não suportaram as demandas da evangelização e logo se expandiram para outros estados. Para Minas Gerais, o pioneiro a se destacar foi Clímaco Bueno Aza. Procedente da Colômbia, converteu-se à Assembleia de Deus em 1913, em Belém. Depois de uma grande jornada de trabalho no Pará, foi ordenado pastor em 10 de março de 1918.

Conforme o historiador Isael de Araújo (2011), Aza foi um grande desbravador (pessoa que destaca no trabalho de evangelização) em terras brasileiras. Foi pioneiro da obra pentecostal em Macapá (AP), São Luís (MA), e Belo Horizonte (MG), onde atuou de 1927 a 1931. Também colaborou nas igrejas das cidades de Natal (RN), Rio de Janeiro (RJ), Paraíba do Sul, São Cristóvão, Petrópolis e Belford Roxo (RJ), Curitiba, Ponta Grossa (PR) e Juiz de Fora (MG). Os primeiros passos da AD no em Minas Gerais foram muito difíceis, mas o trabalho prosperou. Ele chegou em Belo Horizonte em fevereiro de 1927. Depois de ter desenvolvido notório trabalho de evangelização na região norte e também em outras partes do Brasil, Aza chega à capital mineira para mais um novo trabalho pelas ADs. Segundo Araújo (2011), os trabalhos iniciais começaram na casa do pastor Aza. Apesar de não ter amigos e nenhum conhecido em

BH, ele não se mostrava preocupado ou desanimado, pois sabia que Deus estava no controle de seu chamado⁷. Com sua fundação em janeiro de 1928, a ADBH recebeu a visita do missionário pioneiro Gunnar Vingren e de sua esposa, Frida Maria Strandberg Vingren.

Nesse ano, poucas pessoas tinham se convertido ao evangelho. A igreja contava com 22 membros e não havia ninguém além deles. Segundo Araújo (2011), os primeiros a aceitar Jesus (tornar-se membro na AD) foram Antônio Gomes, capitão Antônio Lopes de Oliveira, Baldomero Peres, Francisco Moreira, Elói, Gil Braz, José Alves Pimentel e João de Carvalho. Entre esses e outros membros da igreja, um braço forte⁸ de Aza foi José Alves Pimentel, também militar, que abraçou a causa da evangelização na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Araújo (2011) explica essa questão.

No mês de fevereiro de 1927 chegava a Belo Horizonte, esperançoso e pleno de vida, pastor Clímaco Bueno Aza, natural da Colômbia. Ele se convertera na Assembleia de Deus de Belém do Pará, no ano de 1913. Antes de dirigir-se para a capital de Minas, pastor Clímaco estivera no Rio de Janeiro, empenhado em campanhas de avivamento, durante um período áureo para a igreja na antiga capital do país. Após breve período de trabalho em Paraíba do Sul, pastor Clímaco, obedecendo à direção do Espírito Santo, transferiu-se para Belo Horizonte. A família Aza foi morar na Rua Peçanha, esquina da rua Paraíso. [...]. No mês de janeiro de 1928, o missionário Gunnar Vingren, junto com sua esposa Frida, visitou o pastor Clímaco em Belo Horizonte. O trabalho era pequeno e muito difícil naquele tempo. A igreja contava apenas 22 membros e não havia mais gente do que isso nos cultos. Da Rua Peçanha a igreja transferiu-se para a Rua Contagem 431, onde foi construído um pequeno templo, inaugurado a 15 de janeiro de 1929. Em fevereiro de 1930 o endereço da igreja constava no jornal Som Alegre sendo o da Rua Uberabinha 128 (mais tarde, Rua Uberlândia), no bairro Carlos Prates. (ARAÚJO, 2011, p. 249-250).

José Alves Pimentel (1910-1978) foi o primeiro pastor consagrado em Minas Gerais em 31 de dezembro de 1932. Ele se destacou como pioneiro na cidade de Coronel Fabriciano e posteriormente em Ipatinga, duas cidades pertencentes à região do “Vale do Aço”. Ele fez história nessa região e esteve na presidência da igreja por quase 22 anos. Após a morte dele, em decorrência de um câncer, a presidência da igreja no Vale do Aço passou ao pastor Antônio Rosa da Silva por um período de quase 50 anos. Direta ou indiretamente, esses pastores citados foram discípulos de Clímaco.

Ainda de acordo com Araújo (2011, p. 250), o pastor Clímaco seguiu para o trabalho evangelístico em Juiz de Fora - MG. Em 2 de agosto de 1931, o pastor Nils Kastberg o substituiu e esteve à frente da igreja mineira até 1933. Em seguida, foi a vez do missionário Anders Johnson. No mesmo ano veio para Belo Horizonte o missionário sueco Algot Svenson (1894-1959), que expandiu o trabalho e construiu diversas congregações na RMBH. Observando a

⁷ Chamado – quando uma pessoa possui uma vocação ministerial nas Assembleias de Deus.

⁸ Braço forte – Nas Assembleias de Deus, é aquele que dedica maior tempo em apoiar o Ministério.

galeria dos pastores-presidentes da IAD Betim, percebe-se que Svenson foi o primeiro presidente da igreja betinense.

Em 1956, é inaugurado o Templo Central⁹ (modelo sueco), na rua São Paulo 1.341, no bairro de Lourdes. A ADBH contava com pouco mais de 2 mil membros e isso colaborou para que outras cidades no interior do estado recebessem templos das ADs. Algumas dessas cidades se tornaram grandes sedes de campos evangelísticos regionais. Hoje elas têm presidências próprias: Governador Valadares (1932); Uberaba e Itajubá, ambas em (1934); Lavras; Espera Feliz e Caratinga (1936); e Uberlândia (1937).

Na cidade de Governador Valadares fixou-se a sede que supervisionou todo o trabalho da AD na Região Vale do Rio Doce. O pastor que se destacou nessa região foi Ormídio Siqueira das Neves (1905-1969). O pastor, vindo do estado do Espírito Santo, ficou muito conhecido pelo trabalho missionário desenvolvido na região. Segundo (SILVA, 2013, p. 2), até os dias de hoje fala-se nele, dando-lhe o título de “Apóstolo do Rio Doce”. Embora esses relatos sejam síntese dos acontecimentos das ADs em Minas Gerais, se tornaram relevantes para a história da igreja assembleiana brasileira. Araújo (2011) observa:

[...]. Finalmente, em 13 de maio de 1956, foi inaugurado o templo-sede da Rua São Paulo, 1341, bairro de Lourdes. Um dos mais lindos templos pentecostais do Brasil na época. Com a morte do missionário Algot Svenson, em 1959, assumiu a presidência o pastor Anselmo Silvestre. A igreja contava com mais de dois mil membros. No interior mineiro, ao longo dos anos, foram fundadas várias igrejas que hoje são sedes de grandes campos evangelísticos tais como Governador Valadares (1932), Uberaba (1934), Itajubá (1934), Lavras (1936), Espera Feliz (1936), Caratinga (1936), e Uberlândia (1937). (ARAÚJO, 2011, p. 250).

No ano de 1938 também se inicia um trabalho evangelístico na cidade de Betim - MG. Coincidentemente, a data se dá no ano de emancipação do Distrito Capela Nova (antigo nome de Betim), que pertencia à cidade de Esmeraldas - MG. Dois dos pastores renomados em Minas Gerais abriram caminhos para que a evangelização chegasse de forma dinâmica em Betim. O primeiro foi o missionário sueco Algot Svenson, que por um tempo assistiu a igreja na região até o retorno à Suécia. Em seguida, o pastor Anselmo Silvestre da Silva (1916-2012), brasileiro, natural de Sabinópolis-MG.

O missionário Algot foi fundamental para a IAD Betim, pois prestou assistência pastoral no bairro Colônia Santa Isabel. Lá ele fixou a primeira AD betinense. O mesmo pastor foi quem conseguiu com o governo do estado o lote para a construção da primeira congregação da IAD

⁹ Templo Central – Nome que deixou conhecida a Assembleia de Deus em Belo Horizonte, Rua São Paulo, 1341, Lourdes.

Betim. Segundo Araújo (2011), Svenson havia ficado como presidente da ADBH até o ano de 1959. Nesse mesmo ano, viajou à Suécia para tratamento de saúde, vindo a falecer. Em 1959, assumiu a presidência da igreja em Belo Horizonte o pastor Anselmo Silvestre. Por muitos anos ele foi vice-presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

O pastor Anselmo, conhecido internacionalmente como “Patriarca das ADs Mineiras”, exerceu um legado de 50 anos, presidindo as ADs em toda Minas Gerais. Também por muitos anos presidiu a Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado de Minas Gerais (Comademg). Dessa liderança, surgiram grandes convenções estaduais que atualmente estão localizadas em grandes cidades de destaque em todo o estado mineiro. Uma convenção no Estado torna-se necessária em função de cadastrar ministros, pastores e evangelistas para serem inscritos na (CGADB).

Isael de Araújo fala sobre as convenções e destaca as suas lideranças em Minas Gerais. Nessas convenções¹⁰, todo associado paga anualmente uma taxa. Em alguns estados da federação, elas chegam a comportar mais de 4 mil ministros inscritos, podendo exceder esse número. São elas: Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado de Minas Gerais (Comademg), Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Triângulo Mineiro (Comadetrim), Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus do Vale do Rio Doce e Outros (Comadvarado), Convenção das Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus do Estado de Minas Gerais e Outros (Cimademigo). Araújo (2011) confirma essas informações.

Os Pastores das Assembleias de Deus em Minas Gerais estão distribuídos nas seguintes convenções estaduais: Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado de Minas Gerais (Comademg), presidida pelo pastor Anselmo Silvestre; Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Triângulo Mineiro (Comadetrim), presidida pelo pastor Alvaro Alen Sanches; Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus do Vale do Rio Doce e Outros (Comadvarado), presidida pelo pastor Adão Alves de Araújo; e Convenção das Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus do Estado de Minas Gerais e Outros (Cimademigo), presidida pelo pastor José Rodrigues de Araújo. (ARAÚJO, 2011, p. 251).

A mais recente em Minas é a Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Leste do Estado de Minas e Outros (Comadeleste). A sede situa-se em João Monlevade e é presidida pelo pastor Célio de Almeida Theago. Percebe-se que há pequenos detalhes nas siglas de uma convenção. Algumas citam “ministros” e isso quer dizer que são associados somente pastores, evangelistas e presbíteros. Em outras, percebe-se que aparece “igrejas”, como

¹⁰ Convenções – funcionam como se fossem Associação de Pastores. (CORREA, 2018, p. 140).

associados diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores. Um detalhe em muitas delas é a palavra “outros”, significando ser extensiva a ministros de Estados limítrofes ou de outras regiões do Brasil.

Algumas ADs em outros Estados do Brasil são ligadas à Convenção Cimademigo. Essa convenção é uma das cinco em Minas e pertence à IAD Betim. O primeiro presidente foi o pastor José Rodrigues de Araújo, hoje presidente de honra da IAD Betim. O filho dele, pastor Nehemias Gaspar de Araújo, assumiu a presidência da igreja e convenção, e atualmente lidera essas duas instituições. Para Correa (2020), as funções passadas a herdeiros são chamadas de “sucessões familiares nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil”. (CORREA, 2020, p 104).

Em função da emancipação da igreja em Betim, a Cimademigo contou com o auxílio da Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado de São Paulo e Estados Limítrofes (Cieadespel). Essa convenção na época da cisão entre a ADBH e IAD Betim era presidida pelo pastor Samuel Rodrigues¹¹, conhecido por intermediar igrejas em conflitos. Para Fajardo (2019), essas relações de conflitos fazem parte do perfil histórico das ADs no Brasil. “A multiplicidade de formas institucionais assumida pelas ADs no Brasil garante não pouca confusão ao observador não acostumado ao complexo sistema de organização e interligação das diferentes vertentes da igreja em seus ministérios e convenções.” (FAJARDO, 2019, p. 43).

Quando em 2006 houve a emancipação da IAD Betim, o pastor Anselmo ainda liderava a igreja em Belo Horizonte e a Comademg. A IAD Betim, desde sua fundação, pertenceu à ADBH e também sua convenção. Assim como a atuação do missionário Svenson, foi importante para o início da IAD Betim também a participação do pastor Anselmo. Ele foi fundamental no processo de emancipação, assinando o documento que legitimou novo CNPJ para a AD betinense.

Afastando-se de suas funções ministeriais em 2009, o pastor Silvestre foi substituído pelo neto, pastor Moisés Silvestre Leal, que segundo ele, foi o sexto presidente da ADBH. Ao longo das negociações e processos judiciais gerados pela cisão entre as duas igrejas, o pastor Moisés Silvestre se prontificou em atuar como pacificador entre elas. O acordo concluiu em aliança fraternal a junção ministerial. Conforme Correa (2014), os pós-períodos de conflito são denominados de “laços fraternos”, que resultam de alianças feitas entre duas igrejas. As placas são alteradas em função de novas nomenclaturas dos ministérios.

Após a instauração de um processo de separação, os ministérios envolvidos tentam

¹¹ Pastor Samuel Rodrigues – Na época da emancipação da IAD Betim, presidia a convenção Cieadespel, ofertando suporte na criação da convenção Cimademigo. Rodrigues faleceu na “manhã do dia 28 de março de 2019”. (MP, n. 1608, p. 24, 2019).

resgatar as perdas geradas pela cisão. Sabe-se que há desgastes por todos os lados, porém são amenizados pelo novo laço de amizade e confiança firmado entre eles através de reuniões formais. “Ao que parece, as ADs unificaram suas divergências simbolizadas por duas palavras: ‘laços fraternos’, como remédio ou estratégia política para justificar os ‘desacordos’ vividos no seu meio”. (CORREA, 2014 p. 251).

Sabe-se que é de costume das ADs, antes de se fixarem em uma localidade, quer seja em vilarejos, quer seja em grandes centros urbanos, inicialmente acontecerem em domicílio. Antes, é feito o evangelismo de porta em porta¹². Em seguida, os chamados cultos em ar livre. O resultado dessas reuniões produz o início de orações, cânticos e ministrações da Palavra (Bíblia). No início, esse ajuntamento é chamado de culto doméstico e seria o mesmo “culto em célula”.

As características das ADs são desenvolvidas pelo mesmo viés. Percebe-se que na cidade de Belém do Pará esses cultos tiveram início em casas. Em Belo Horizonte-MG e no município de Betim- MG tiveram a mesma natureza. Uma dinâmica praticada pelas ADs é que os trabalhos religiosos seguem inicialmente e por algum tempo nas casas dos fiéis. Atualmente, essa logística se torna essencial para dar corpo a um “ponto de pregação”. Para Correa (2020, p. 179) ele tem a função de um “embrião” ligado a uma congregação.

O crescimento da AD no Estado de Minas Gerais tem se valido dessa dinâmica. Primeiro as reuniões em ar livre (praças e ruas) vão gerar os pontos de pregação (nas casas). Em seguida, passam para uma loja alugada, após a compra de um terreno (lote). Constrói-se um templo que, dependendo da infraestrutura, consolida-se em campos regionais. Uma igreja no comando de uma determinada região pode se tornar independente. As igrejas independentes serão reconhecidas pela CGADB e posteriormente sediarão as convenções estaduais.

Ainda para Correa (2020), os locais de cultos têm a perspectiva de serem transformados em congregação. O obreiro indicado pela direção maior da instituição se encarrega de prestar relatórios diariamente. Com o crescente número de congregados, o pastor da região autoriza o aluguel de uma loja até a construção de um templo. Nessa localidade, é criada uma subcongregação – ligada a uma igreja imediata (congregação). Ela passa a ter domínios eclesiais que a mais recente assim que esteja dependente.

¹² Evangelismo de porta em porta. Forma de divulgação realizada nas casas, utilizada pela IAD Betim, como modo de expansão e crescimento.

Dessa forma, com o passar do tempo, se esse ponto de pregação obtivesse um número maior de adepto, o obreiro responsável por ele levaria a questão ao pastor de sua congregação; a congregação responsável por esse ponto, após análise feita pelo pastor-presidente, compraria ou alugaria outro local, transformando o ponto de pregação em congregação ou (subcongregação), e o pastor-presidente designaria um presbítero ou um evangelista para direcionar os novos trabalhos desta nova casa. (CORREA 2020, p. 179-180).

O estilo inicial de todas as ADs não fugiu dos padrões que nortearam sua história. Para Alencar (2019), as reuniões aconteciam nas casas, nas ruas e alcançavam pessoas com pouca leitura. O diferencial do crescimento das ADs ocorria em camadas sociais mais baixas, através de testemunhos dos novos convertidos. “[...], em público, fala, canta, dá testemunho e prega Com um livro na mão – livro: sinal de ‘gente de letra’ – na rua da sua casa, na feira, no mercado, na praça, em qualquer pedaço da calçada, ele tem voz e vez.” (ALENCAR, 2019, p. 108).

Fajardo (2019) alerta para a segunda denominação a se instalar no Brasil. Após dez meses que a Congregação Cristã no Brasil se encontrava na Região Sudeste do país, a AD chega e organiza sua dinâmica de evangelismo no Norte brasileiro. Ela é contemporânea aos demais movimentos pentecostais existentes. “A AD é a segunda igreja pentecostal a instalar-se no Brasil. Foi fundada apenas dez meses depois que a pioneira Congregação Cristã no Brasil.” (FAJARDO, 2019, p. 45).

Outra característica da AD mineira foi organizar sua comunidade de fé em congregações. Com a iniciativa de ganhar as ruas, praças e as casas, essa medida dinamizou um crescimento no número de adepto das ADs no Estado. Não sendo diferente das demais igrejas no país, uma congregação espera ser reconhecida pela igreja regional. Mediante os trâmites legais perante a lei, poderá usufruir dos mesmos direitos constituídos, sendo institucionais e judiciais.

Para as igrejas que se tornam regionais, Correa (2020) lhes nomeia de “campo”. Campo seria o mesmo que “ministérios”, ou seja, maior que uma região. Para os que dirigem uma regional lhes é conferido o título de pastor-regional. Para os que presidem um campo, o reconhecimento titular é pastor-presidente, podendo alcançar cargos nas convenções estaduais. Esses cargos são políticos e internos dentro da convenção de cada Estado. Há Estado que contém mais de uma convenção, como é o caso de Minas Gerais.

Historicamente, as igrejas ADs batizaram os ministérios com a nomenclatura interna de Campo. Campo, nas Assembleias de Deus refere-se à área de atuação de um ministério ou igreja-sede - chamada também de igreja-mãe, e suas congregações e pontos de pregação agrupada em um determinado local. Essas congregações e pontos de pregação pertencentes a um ministério são desterritorializados, construídos em bairros, cidades em um ou mais estados. [...] constituem-se em uma rede de

congregação “satélites”, dependentes da matriz, a que chamam de ministério, liderado por um pastor-presidente que conta com um forte vínculo administrativo, doutrinário e litúrgico entre ele, as congregações e pontos de pregação. (CORREA, 2020, p. 178- 179).

Essas logísticas regionais de um campo culminam em organizar uma convenção. Um dos requisitos exigidos pela CGADB é o de que o ministério ingressante tenha no mínimo 300 ministros. Esses ministros precisam constar credenciados como pastores e evangelistas. Eles possuem direito de voto na convenção geral. Os presbíteros e diáconos não votam na geral, porém algumas convenções de estado os permitem votar em cargos dentro delas. Sabe-se que as convenções estaduais podem agregar diversos ministérios dentro delas.

No estado mineiro, existem cinco convenções. Com exceção da Comademg que se formou na capital (Sede), as demais foram procedentes de um campo ou regional (cidades). Campo de Uberlândia - Comadetrin. Regional Timóteo (Acesita) – Comadvardo. Regional Betim – Cimademigo e Regional João Monlevade – que possuía autonomia desde a gestão do pastor Philemon Rodrigues da Silva – Comadeleste. Aqui as cidades são citadas como regionais, em função de serem Campos Independentes da ADBH.

Na visão de Fajardo (2019, p. 94), a concepção dos suecos ao modelo das igrejas livres contava com o apoio da CGADB. Uma “igreja livre” na Suécia é aquela que não depende da ajuda estatal. No Brasil, internamente, essa não era a realidade, pois tais igrejas permeavam o pensamento de um sistema que fosse episcopal, subordinado a um pastor maior. “[...]. No entanto, no interior de tais igrejas livres consolidou-se sistema de governo episcopal, capitaneado na figura do “pastor-presidente de campo.” (FAJARDO 2019, p. 94).

Os pastores que estiveram no comando das igrejas em décadas anteriores passaram as sucessões para os filhos. Aqueles que não tinham filhos atribuíram o cargo a seus respectivos genros. Alguns ocuparam o cargo de presidentes de igrejas ou convenções por muitos anos. Uns eram eleitos por aclamação, outros por votação. Uma minoria de ministérios em Minas Gerais não seguiu as linhas de sucessões ministeriais. Na ADBH, nenhum membro da família Silvestre se encontra na presidência da AD.

Não havendo transição do cargo na ADBH e Convenção para familiares, o presidente atual é o pastor Simoni Hélio de Moraes. Na AD - Governador Valadares, o pastor Salatiel Fidelis (1929-2020) não deixou sucessor familiar. Assim ocorreu com o Campo de Coronel Fabriciano e Ipatinga. O pastor Antônio Rosa da Silva não passou o cargo a familiares. Todos os campos mencionados pertencem à Região do Vale do Aço em Minas Gerais. Em Betim-MG, a presidência da IAD Betim e Cimademigo seguiu o caminho sucessor. Para Marina Correa

(2020), o domínio das dinastias assegura a uma família as rédeas ministeriais. “A minha pesquisa parte do pressuposto de que a perpetuação familiar de líderes desse campo gira em torno do fortalecimento dos grupos familiares das ADs, de maneira a alcançar visibilidade nas esferas, social, política e econômica.” (CORREA, 2020b, p. 158).

Dos casos de sucessões, o mais recente foi na Comadeleste com o falecimento do pastor Sérgio Eleotério Coelho (1943-2020), em 26 de novembro de 2020. A administração da igreja em João Monlevade ficou na responsabilidade da família Coelho. Para direcionar a convenção, foi escolhido o pastor Célio de Almeida Theago (genro). Se seguirem essa linha de raciocínio, as igrejas Assembleias de Deus em Minas Gerais fixarão em 90% o modelo sucessor-presidencial das famílias.

Em alguns casos, essas sucessões têm ocorrido pacificamente, pois as chapas são escolhidas por diretorias ou famílias, quando é o caso. Em quase todas as plenárias convencionais se faz uma escolha, sempre por aclamação¹³. Atendendo ao pastor-presidente, naquele instante, todos os ministros permanecem assentados, em sinal de obediência. Não havendo nenhuma objeção, a sessão é aprovada unanimemente. O secretário da convenção realiza a leitura da ata anterior e o presidente faz sua pronúncia de encerramento.

Sem fazer aqui juízo de valores, porque esse não é o objetivo dessa pesquisa, percebe-se que o pastor-presidente exerce um poder de mando nas instituições. Ele detém para si todas as prerrogativas e imunidade eclesial. Sem a necessidade de submeter-se a um *Estatuto ou Regimento Interno*, suas habilidades e influências políticas o possibilitam operar com autonomia e autoridade no pleno exercício da função. Para esse símbolo capitaneado, Alencar (2019) explica a relação de poder.

O poder simbólico dos estamentos. À primeira vista, um pastor-presidente, soberano e vitalício, sem nenhum órgão que delimitasse suas funções, poderes e autoridade, sem nenhuma mediação de Regimento Interno ou Estatuto para lhe questionar ou limitar suas idiosincrasias; com plena autoridade sobre todos e tudo, sem a necessidade de pedir ou precisar de autorização para mudar pastor local, indicar nomes para consagração, administrar os bens e finanças da igreja, decidir seu próprio salário, de amigos e familiares, alterar programas e eventos etc., seria, assim, despidoradamente déspota. Esta é a leitura mais óbvia e rápida, mas não é verdade. Pelo menos, não a verdade toda e única. ALENCAR (2019), p. 185).

Na multiplicidade das AD's, é impossível obter conhecimento de todas as realizações internas. Sempre terá algo que não virá a ser exposto, até mesmo para a preservação da minoria. A comunidade da fé procede com simplicidade e obediência e, nesse ambiente pentecostal, é voluntária, leal e fiel. “[...] congregacional de uma irmandade simples, voluntariosa e

¹³ Aclamação – maneira de votação conduzida pela IAD Betim e Cimedemigo em suas plenárias.

profundamente marcada por fenômenos pentecostais deu lugar a um modelo institucional centralizado e regrado pelas Igrejas-Sedes e seus grupos de poder.” (ALENCAR, 2013, p. 173).

As ADs em Minas Gerais passaram por várias mudanças internas ao iniciarem os *pontos de pregação*, como afirma Marina Correa (2018). Ao virarem congregação, o próximo passo é a estrutura de um campo. As formas de dinamizar a logística que a elas foram conferidas pela Igreja Central as condicionam em base para o suporte convencional. Torna-se visível seu crescimento, devido às programações de eventos (EBO) e outras realizadas dentro de sua área de atuação.

As igrejas sedes, por elas próprias, desenvolvem habilidades que incluem a CPAD e a CGADB. Os eventos que contam com a participação dessas duas instituições deixam nas entrelinhas a valorização dessas igrejas, constituindo-as em futuras convenções de seus respectivos Estados. Assim aconteceu com a ADBH, que iniciou como ponto de pregação, virou sede, criou-se a Comademg que gerou quatro convenções no Estado de Minas Gerais: Comadetrim, Comadvardo, Cimademigo e Comadeleste.

No segmento político, desde 1959, a AD mineira teve representação na ALMG. O primeiro deputado estadual foi João Gomes Moreira¹⁴. Ele também foi um dos primeiros políticos evangélicos do Brasil. O deputado cumpriu os mandatos na quarta e quinta legislatura pelo PSP. O período desse mandato foi de 1959 a 1967. Moreira casou-se com Laurita Melo Moreira com quem teve oito filhos. Moreira serviu ao povo mineiro com suas atuações na área social.

O político mantinha uma casa onde servia de suporte às pessoas que vinham do interior de Minas Gerais. Elas vinham para receberem atendimentos médicos diversos e até aguardarem por cirurgias. O assembleiano João Gomes Moreira voltou à Casa Legislativa do Estado em 1971, onde atuou até ao ano de 1983 pelo MDB, por mais três mandatos. As legislaturas que deram legalidade a esse mandato foram a sétima e a nona. Nesse período, não havia um membro que representasse as ADs mineiras no Congresso Nacional. A igreja mineira foi representada durante muitos anos pelo deputado federal Carlos Cota.

José Maria Pinto, nascido em 3 de novembro de 1934, era membro da ADBH. Além de ter atuado como delegado de Polícia Civil, representou as ADs mineiras na ALMG. O ex-delegado, natural da cidade de Oliveira MG, foi eleito para duas legislaturas consecutivas. Pela sigla PTB, cumpriu mandato integral na 11ª e 12ª legislaturas, de 1987 a 1995. José Maria retornou à corporação policial, tendo como sucessor o empresário e político Djalma Diniz.

¹⁴ <https://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 03/06/2021.

Outro membro da ADBH que a representou na ALMG, como dito, foi Djalma Florêncio Diniz. Nascido no dia 5 de maio de 1948 na cidade de Linhares - ES, exerceu mandatos por quatro legislaturas: 13^a, 14^a, 15^a e 16^a. Tais legislaturas compreenderam os seguintes períodos: 1995-1999, 1999-2003, 2003-2007 e 2007-2011. Para além da política, Diniz também atuava em função anterior como empresário no ramo de terraplenagem na cidade de Contagem-MG.

Pensando em ampliar seu projeto político após a atuação de Cota, a ADBH decidiu escolher entre seus membros candidatos para concorrerem à Câmara dos Deputados. O primeiro deputado federal lançado pela ADBH foi o pastor Philemon Rodrigues da Silva (1932-...). Quando concorreu a esse cargo público, atuava como pastor presidente da AD João Monlevade por dez anos. Ele foi o primeiro pastor a ser enviado ao exterior por Minas Gerais em 1964. Silva foi indicado pelo reverendo Anselmo Silvestre, tendo desempenhado relevante trabalho missionário na Bolívia de 1964 a 1969. Também construiu o Templo Arca¹⁵ das ADs em João Monlevade, inaugurando-o no mês de outubro de 1985.

Nascido na cidade de Mamanguape – PB, em 1954, transferiu-se para Belo Horizonte – MG. Novo convertido na ADBH, ingressou como membro na gestão do pastor Algot Svenson. Casou-se com Celeida Miranda Rodrigues da Silva, com quem teve quatro filhos. Atuou nessa igreja como presbítero e evangelista até ao ano de 1964. Também auxiliou no trabalho juntamente com o pastor Anselmo. “Dessa época tenho as mais gratas recordações. Foi um tempo de intensa preparação para servir a Deus no exterior.” (SANTIAGO, 2018).

Em 1970, ainda nos trabalhos eclesiásticos, esteve em missão na cidade de Tarraco na Espanha. Também realizou missões em Barcelona, finalizando as atividades missionárias na Europa em 1975. Ao retornar ao Brasil, pastoreou o campo autônomo pertencente à cidade de João Monlevade no período de 1975 a 1985. “Em outubro de 1985, num dia festivo, foi inaugurado o novo templo. O modelo seguiu o projeto elaborado, sendo em forma de uma arca, [...]”. (SANTIAGO, 2018).

Com a inauguração do templo, o pastor Philemon passou a direção da igreja para o seu vice-presidente, pastor Pedro Francisco de Lima. Como havia iniciado a carreira pública em 1982, ingressou definitivamente na política no ano de 1985. No início, foi filiado ao PMDB. Após quatro anos, migrou para o PTB. Em 1986, registrou sua atuação como diretor administrativo da Secretaria de Educação de Minas Gerais, no governo Hélio Garcia, no mandato de 1984-1987. Também atuou na gestão do governador Newton Cardoso.

¹⁵ Templo no formato de Arca – situado à Rua Evangelista, 134 – Carneirinhos – João Monlevade - MG.

[...]. Iniciou sua carreira política em 1982, filiando-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), e depois de quatro anos, ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1986, exerceu o cargo de diretor administrativo da Secretaria de educação de Minas Gerais, na gestão do governador Hélio Garcia (1984-1987). (SANTIAGO, 2018).

Em 1988, Philemon teve a nomeação para a secretaria-adjunta na área da Educação, no governo Newton Cardoso, nos anos de 1987-1991. Também foi superintendente de Planejamento e Orçamento da Secretaria de Educação. Em 1990, se desliga do governo do Estado para uma candidatura na legenda do PTB. Conseguindo uma suplência, ocupou o cargo de diretor administrativo e financeiro do Centro Tecnológico de Minas Gerais (Cetec).

O ingresso na Câmara dos Deputados ocorreu um ano antes do fim da legislatura 1991- 1995, com o licenciamento de José Ulisses de Oliveira para integrar o governo Hélio Garcia em seu segundo mandato (1991-1995). Nas eleições de 1994 foi eleito deputado federal por Minas Gerais, sendo empossado em fevereiro de 1995. “[...], Philemon Rodrigues participou das atividades parlamentares como titular das comissões de Orçamento e de Viação e Transportes”. (SANTIAGO, 2018).

Tendo exercido mandatos como deputado federal, que corresponderam ao período de 1994 a 2003, ele representou o estado mineiro em Brasília – DF. Nas eleições de 2002, fixando seu domicílio em João Pessoa – PB, elegeu-se novamente para a Câmara dos Deputados no pleito de 2003 a 2007. No período de 2004 a 2007, foi presidente da Comissão de Viação e Transportes. Assim se percebe o carisma de um pastor que, de forma híbrida, representa dois estados brasileiros no Distrito Federal.

Em 1988, nomeado secretário-adjunto de educação pelo governador Newton Cardoso (1987-1991), durante um ano acumulou a função com a de superintendente de Planejamento e Orçamento da Secretaria de Educação. Em 1990, desligou-se do governo estadual para candidatar-se a uma cadeira de deputado federal na legenda do PTB, obtendo uma suplência. De volta ao serviço público, assumiu a direção administrativa e financeira do Centro tecnológico de Minas Gerais (CETEC). Ingressou na Câmara em agosto de 1994, pouco antes do fim da legislatura 1991-1995, em substituição a José Ulisses de Oliveira, que se licenciara para integrar o secretariado do segundo governo de Hélio Garcia (1991-1995). Eleito para a Câmara Federal pelo PTB de Minas Gerais em outubro de 1994, e empossado em fevereiro do ano seguinte, [...]. Exerceu os seguintes mandatos como deputado federal por Minas Gerais: 1994-1995; 1995-1999; 1999-2003; 2003-2007, PB, PL. Dt. Posse: 01/02/2003. Mudou seu domicílio eleitoral para João Pessoa e no pleito 2002, foi eleito deputado federal pelo estado da Paraíba. Assumiu seu mandato de 2003-2007. De 2004 a 2006 presidiu a Comissão de Viação e Transportes. (SANTIAGO, 2018).

Outro deputado federal, membro da Assembleia de Deus em Minas Gerais, foi Isaías Silvestre. Presbítero da ADBH e filho do pastor Anselmo Silvestre, representou a AD mineira na Câmara dos Deputados pelo PSB. Eleito para o período de 2002-2006, Isaías teve como compromisso lutar pelas famílias brasileiras e também em prol dos aposentados. Isaías afirmou em sua posse: “O fator previdenciário [regra que serve de base para o cálculo de aposentadorias] é uma agressão, precisamos lutar contra essa forma de tirar dos trabalhadores direitos adquiridos durante o período de trabalho”¹⁶.

Ainda em seu primeiro mandato, Isaías atuou em comissões dos Direitos Humanos, Segurança Pública e Combate ao crime organizado. Como presidente do PSB mineiro, teve participação na Comissão do Turismo e Desporto. Registrou passagem pelas seguintes comissões: especiais do Primeiro Emprego; também em Créditos para as atividades de Turismo; Políticas Públicas para a juventude e em seguida reforma trabalhista. Além de empresário em Belo Horizonte, atuou junto à Bancada Evangélica em Brasília.

O parlamentar também desempenhou funções como a da vice-presidência da Comissão de Trabalho, Comissão de Administração e também Comissão do Serviço Público. Foi relator das comissões especiais do Recesso e do Trabalho Escravo. Ocupou o cargo de presidente da Comissão de Fiscalização e Controle no ano de 2006. Por motivos de força maior, não foi possível estar à frente desse grupo e cumprir o mandato até o final¹⁷.

Uma mente que fomentou o pensamento político das ADs influenciando as lideranças da instituição foi Joanyr de Oliveira (1933-2009). Nascido em 6 de dezembro de 1933, na cidade mineira de Aimorés, mudou-se para Vitória - ES, onde tornou-se membro das Assembleias de Deus. Jornalista, poeta e escritor, também participou da Juventude Comunista de Vitória. Foi o pioneiro do pensamento político nas ADs. O maior desejo dele era ver sua igreja na inserção da política partidária do país.

Conforme Carvalho (2018), em 1978 algumas lideranças do meio evangélico foram homenageadas pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Um dos homenageados foi Joanyr de Oliveira. “Em agosto de 1978 a Assembleia Legislativa do Rio prestou homenagem a lideranças evangélicas, de modo que a maioria era de pastores pentecostais: [...], José de Souza Reis, Joanyr de Oliveira e Geziel Gomes.” (CARVALHO, 2018, p. 107).

Ao que parece, as ADs brasileiras teriam se mobilizado em momentos bem minuciosos da vida pública de seus candidatos. Um dos passos a serem observados foi a orientação de que o membro que aderisse à política não deveria se contaminar com as ofertas de cunho corrupto.

¹⁶ <https://psb40.org.br/noticias/deputadomineiroisaiasilvestretomaposseacamara>> Acesso em 24/06/202

¹⁷ Idem.

O que a liderança da AD temia era a difamação por algo que viesse manchar a honra da igreja. Escândalos não convinham aos membros aspirantes da política. Mesmo tendo esse cuidado, era possível que alguns rumores negativos afetassem os políticos assembleianos.

O estilo próprio de se fazer política dentro das ADs permitia pensar que o crente precisava ser representado publicamente perante as autoridades. E para tal precisava investir seu voto nos irmãos que se candidatavam. Os irmãos a serem votados para os cargos públicos seriam homens de Deus. As palavras do pastor José Wellington Bezerra da Costa proferidas na ocasião em que era presidente da CGADB entoam o discurso que os evangélicos se encontram em guerra contra o mundo pecaminoso e satanás. Machado (2003) cita a Folha de S.Paulo:

Temos uma guerra declarada contra o pecado e contra o satanás e agora vamos para uma guerra política. [...] Não temos eleitores, temos ovelhas. Mas somos pastores e queremos despertar o povo para exercer a cidadania. Pagamos impostos e queremos decidir o futuro do Brasil”. José Wellington Bezerra da Costa, Presidente da Convenção geral das Assembleias de Deus do Brasil. (FOLHA DE S. PAULO, 15/06/2002). (MACHADO, 2003, p. 283).

Percebe-se que a figura do presidente da CGADB tem representação do ofício da autoridade de seu cargo. Em sua fala, o crente precisa estar preparado para além de uma luta espiritual. Essa guerra se torna tangível por figurar no mundo físico. Pode ser que esse campo de batalha seja de ideologias e bandeiras levantadas por diversos partidos, principalmente os que são norteados pela esquerda. A bandeira defendida pelas ADs ainda gira em torno da família tradicional.

Uma guerra a ser vencida permite perceber a presença de soldados prontos para a peleja. Politicamente, o exército está representado na bancada evangélica que tem o compromisso de cercar o horizonte, quando sua bandeira se encontra em campos de ameaças, ou seja, ideologias que ferem suas crenças. Numa definição de luta, o segmento evangélico procura seu espaço e grande ocupação na esfera pública. “Mais ocupação de espaço público pelos evangélicos na política partidária, com a consequente consolidação da bancada evangélica [...]”. (CUNHA, 2018, p. 105).

Uma marca política das ADs que têm seus candidatos engajados na vida pública é o individualismo partidário. Esse ato funciona por priorizar somente um candidato, chamado – candidato oficial da igreja. Por essa linha de pensamento, os fiéis são levados a votar na exclusividade partidária da denominação. Isso foi inserido por anos na ADBH

e em outras mais por todo o estado mineiro. Também essa ideia acompanha o comprometimento de uma liderança que age pelo exemplo e por serem avessos. No que tange ao assunto, Correa (2019) cita Burity (1997).

Primeiro, o foco individualista (personalista?) que caracteriza o *ethos* evangélico- conservador projeta sobre o espaço da política exigências e formas de enfrentamento de problemas de cunho moralizante e deposita, por sua vez, todas as fichas na capacidade de ação exemplar e avessa a compromissos e concessões de um líder. O segundo traço do novo comportamento político pentecostal é que, após décadas de passividade e rigorosa recusa da política – assumindo inflexivelmente a superposição das distinções público/privado, política/religião, estado/igreja – os pentecostais lançam-se àquela a partir de 1986 escolhendo candidatos apoiados oficialmente pelas igrejas (inicialmente, a Assembleia de Deus) ou favorecendo explicitamente o voto corporativo [...] (BURITY, 1997, p. 75 apud CORREA, 2019, p. 51).

Para Correa (2019), no atual século, o país dos brasileiros ainda sofre com a pressão política e econômica. O fato é que são pressionados também pelo poder religioso dos que se dizem seguir a Cristo. A autora cita o Evangelho de São João, quando ele afirma que o reino de Jesus não pertencia a este mundo e que muitos pastores se apossaram dele (*João 18;36*). “Descobriram que a política é boa e o poder é bom. Um exemplo atual ocorre nas campanhas políticas no Brasil. Parece que não estamos em busca de representantes políticos e, sim, de representantes religiosos [...]” (CORREA, 2019, p. 50-51).

Pode-se perceber que a política se tornou lugar de refúgio dos candidatos pentecostais, pois em nome de Deus obtêm um novo mundo para se deleitar. O prazer em reinar em um espaço que antes se demonizava, alguns políticos evangélicos tomaram posse da benção do reinado público. Muitos nem pregam mensagens sobre os céus, pois o norte que os guiam passa pelo paraíso político. “Atualmente, a política se tornou o mundo e o reino dos líderes evangélicos.” (CORREA, 2019, p. 50).

Ainda conforme Correa (2019), devido ao grande público conquistado pelos pastores, a visibilidade garantiu a eles posição de destaque no meio político. O pentecostalismo que tem alimentado a força religiosa regeu a politização evangélica através dos costumes saudáveis. O movimento também alcançou os discursos que rodearam a moral e a luta pela tolerância religiosa. Os assembleianos não tiveram noção do pedestal político que seus líderes alcançaram.

Os pastores também não se deram conta de que seus ministérios pudessem ser representados em esferas políticas de alto gabarito. Os homens de negócios pensariam paralelamente nesse viés.

[...], a transformação social e política conquistada pelos pastores assembleianos ao longo dos tempos, se na década de 1980, o discurso dos pastores era pela luta de liberdade religiosa, pela defesa moral e bons costumes. [...]. Os pastores assembleianos conquistaram um campo jamais imaginado há cem anos, o de “pastores políticos”. Quanto maior o público, mais visibilidade, o que gera novos acordos, novas possibilidades, novos cargos. Os Ministérios ADs são extremamente políticos. Nas eleições seculares, os candidatos que concorrem a cargos municipais, estaduais e presidenciais, têm os olhos fixos nesse público religioso. Por fim, os pastores da atualidade são homens de negócios, além de administrar suas redes de igrejas espalhadas por todo território nacional e no exterior, ainda são representantes do povo, nas questões políticas da sociedade em geral. (CORREA, 2019, p. 52).

Para Trabuco (2016), o protestantismo se inseriu nas lutas políticas e sociais desde sua chegada ao Brasil no século XIX. O autor também aponta para o pentecostalismo que se instalou no país construindo suas formas próprias de se comunicar. A representação dele o evidenciou em aspectos dinâmicos, tornando-o mais ativo no espaço totalmente público. Lutar pelas camadas inferiores era a marca registrada desse movimento. Trabuco (2016) também ilustra a nova presença evangélica no Brasil, que diferenciou do segmento que operava desde anteriormente.

[...], o pentecostalismo foi criando suas próprias formas de evidênciação e representação no espaço público. Se desde a chegada ao Brasil no século XIX o protestantismo se inseriu nas lutas sociais e políticas do país, e pelo menos desde os anos 1930, é possível falar de uma presença evangélica regular nos espaços de representação, [...]. Participação política ancorada em bases sociais e religiosas cuja sociabilidade relação indivíduo-comunidade eram muito distintas do protestantismo histórico. (TRABUCO, 2016, p. 152).

O fenômeno pentecostal que se tornou político partidário superou expectativas no âmbito religioso interligado ao espaço público. Esse elemento, isto é, o pentecostalismo reagiu fenomenologicamente ativando o resgate que o protestantismo poderia ter realizado. O primeiro se importou com as classes menos favorecidas, enquanto o segundo abraçou as esferas de autopoder de posses. Em contrapartida, isso justificaria a explosão pentecostal no Brasil de um jeito híbrido, ou seja, criado por americanos e importado para o Brasil por europeus.

Para Alencar (2019), esse jeito tão abasileirado de ser das Assembleias de Deus prossegue nos diversos ministérios religiosamente. Esses estão acoplados à política que servirá de sustentação para as igrejas que se inserirem nesse negócio público-religioso. Por se tratar das ADs, o autor a refere como influente. “É ainda a principal igreja, não apenas por ser a maior, mas por ser – até o momento – a mais influente no momento.” (ALENCAR, 2019, p. 33).

3 A HISTÓRIA DA IAD BETIM

3.1 IAD Betim: história e passos doutrinários

A história da Igreja Assembleia de Deus de Betim (IAD Betim) teve sua gênese a partir da chegada de familiares dos irmãos portadores de hanseníase. Esses irmãos deixavam suas cidades de origens com destino ao bairro Colônia Santa Isabel em Betim-MG. Essa localidade hospedou um dos centros de tratamentos criados pelo governo brasileiro em vários estados da federação. Esses centros inspiravam-se na política sanitária do médico e cientista Oswaldo Cruz (1872-1917), que tinha como objetivo erradicar a doença. Em 12 de dezembro de 1931, Minas Gerais inaugurou a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig). Esse centro ficou conhecido como Casa de Saúde Santa Isabel, em função do bairro onde o tratamento era ofertado.

Conforme Silva (2013), em 1938 o Distrito Capela Nova (antigo nome de Betim) se emancipou do município de Esmeraldas-MG, com o nome de Betim. Nesse mesmo ano, a IAD Betim se instalou na cidade. O início da IAD Betim contou com irmãos que estavam entre os internos que se tratavam na Casa de Saúde Santa Isabel e alguns de seus familiares. A cada dia crescia o número dos pacientes em tratamento de saúde em Betim. Em pouco tempo, os internos somavam aproximadamente 4 mil pessoas. Os irmãos internos da Casa de Saúde, recém- chegados a Betim, e parte de seus familiares, mesmo em um número considerável de pessoas, “não tinham um espaço físico para se reunirem”. (SILVA, 2013, p. 2).

O trabalho de evangelização (arrebanhar pessoas para o rol de membros da igreja) sempre foi uma tarefa árdua, pois a *seara* (campo de trabalho), tornava-se grande. A obra evangelizadora ampliou sua área de atuação em toda a trajetória da IAD Betim. O que acontecia nessa logística é que havia pouca oferta para muita demanda – há um campo de trabalho – porém “os obreiros são poucos [...]”. (Lucas 10. 2). Essa visão está expressa nas consagrações (ordenação de pastores) da IAD Betim, pois o quadro de obreiros nunca se completa. Analisando o cenário das congregações (atualmente chamadas de filiais), no período de 1938 a 1948, os assembleianos ainda não possuíam meios de comunicação. Por isso, nesse período, há uma lentidão no desenvolvimento da IAD em Betim. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p. 1.524).

Os primeiros cultos tiveram início às margens do Rio Paraopeba, debaixo de uma tocha de arranha-gato¹⁸. Depois, conseguiram uma casa onde eram promovidas as reuniões. Ali reuniam os irmãos internos, que podiam se locomover para o local onde lhes fora designado. Eles louvavam a Deus com orações, cânticos e leitura da Bíblia Sagrada. Prosseguiram com a mensagem oficial pregada pelas ADs em todo território brasileiro. Essa mensagem, em todos os cultos era: “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e que em breve voltará”. A logística dos cultos era realizada por membros da igreja que entre eles possuíam mais habilidades. Assim permaneceram ali abrigados até a igreja conseguir um terreno próprio [lote]. (SILVA, 2019, p.123).

Por ser a primeira igreja estabelecida no município, seguida pela Congregação Cristã no Brasil (CCB), a IAD Betim é marcada por não ter um espaço para os congregados. Mesmo sem infraestrutura, os obreiros realizavam os trabalhos eclesiais. Nessa época, a igreja local contava com o auxílio da ADBH, que enviava cooperadores mais habilitados para desempenhar o ofício ministerial. O novo trabalho foi aos poucos se desenvolvendo, pois no período de 1938 a 1948 a igreja ainda enfrentava inúmeras dificuldades no seu cotidiano.

Ao que parece, as ADs e a CCB têm as instalações quase sempre em datas próximas uma da outra. Ao chegar no Brasil, primeiramente a CCB (1910), fixa espaço na região Sudeste do Brasil, precisamente no bairro do Brás, São Paulo – SP. A origem é italiana. O fundador foi Luigi Francescon (1866-1964). Na relação com as ADs (1911), vale lembrar que essas duas igrejas em diversas localidades, quase sempre se encontram.

No Brasil, a CCB e AD chegam com diferença de dez meses. Em Betim, o fato se repete entre elas. É bem curioso o que se vê no bairro Santo Afonso – Betim. Elas se encontram na mesma rua. A IAD Betim está na Rua Sergipe nº 621. Já a CCB está no nº 827, separando-se pela Rua Buenos Aires, em 200 metros. Não são homogêneas nem em doutrina e nem no formato padrão de suas edificações. Tampouco no pensamento político-partidário.

No período inicial da IAD Betim, os irmãos avançavam na missão evangelizadora, apesar de enfrentarem problemas como de saúde, transporte e recursos financeiros. Mesmo assim faziam a obra do Senhor conforme suas forças e capacidades. Eles se

¹⁸ Tocha de arranha-gato – É o nome popular de uma planta chamada acácia spp. Trata-se de um espinheiro, com pontas semelhantes às das roseiras, com ramas que avançam e se entrelaçam entre si e com outras plantas, formando um emaranhado de penetração quase impossível. (<https://www.agrolink.com.br/arran...>).

reuniam em uma casa alugada. Conforme Silva (2013, p.3), “a irmã Ilda Silvano Pinto, a única sobrevivente do início da Assembleia de Deus na Colônia de Santa Isabel, os trabalhos ali iniciaram entre os anos de 1938 a 1940 com os irmãos internos”.

Após conseguirem a casa para se reunirem, a igreja em Betim recebeu a visita do missionário Algot Svensson, que na ocasião era o presidente da ADBH. Foi Svensson que providenciou o lote com o governo do estado. Nesse terreno, foi edificado um templo onde os irmãos puderam congregar mais confortavelmente. Até hoje se reúnem nessa igreja, conhecida como “filial AD Betim – Colônia Santa Isabel”. Ainda conforme Silva (2013), os irmãos que ali cultuavam a Deus eram perseguidos pelas autoridades da época. Porém, quanto mais eram odiados, mais a obra do Senhor Jesus crescia naquele lugar.

Os irmãos pioneiros na Colônia Santa Isabel enfrentaram muitas dificuldades para realizar as reuniões de fé. Muitos andavam a pé por muitos quilômetros até chegarem ao local. Alguns deles não tinham uma condução em horários apropriados, em função da deficiência no transporte público da época. Após o culto, alguns se orientavam pela Lua. Esses primeiros crentes, contudo, mesmo com uma condição nada favorável, continuavam entusiasmados com a missão a eles confiada.

Os crentes pioneiros na Colônia Santa Isabel, segundo a nossa informante foram os irmãos; José Augusto, Joaquim Moreira, Abel, Maurílio Sinobellino Pinto, Ilda Silvano Pinto, Maria Couto, Maria José, Amélia e Julieta. Os trabalhos na Colônia Santa Isabel receberam os cuidados diretamente da igreja em Belo Horizonte, desde seu início, até 1963 quando a responsabilidade foi transferida para a congregação da Assembleia de Deus de Betim, primeiramente o trabalho foi supervisionado pelo pr. Algot Svensson, e depois pelo pr. Anselmo Silvestre. (SILVA, 2013, p. 3).

Os tempos passaram e a igreja se mobilizou para novas perspectivas e dinâmicas. A congregação procurou agregar aspectos da *igreja primitiva*. “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”. (Atos 2. 42). Agora com o trabalho supervisionado pelo pastor Anselmo Silvestre, a IAD Betim tomou novos rumos em sua história. A partir de então, passou a contar com uma assistência pastoral mais assídua na região, que proporcionou crescimento na área espiritual e material. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p, 1.634).

Da Colônia Santa Isabel, onde fora seu início, a IAD Betim iniciou seus trabalhos evangelísticos no centro da cidade. Segundo José Egídio da Silva (2013), irmãos que aceitaram a Jesus (tornar –se membro da IAD Betim) antes dele disseram que as reuniões no centro de Betim começaram por volta do período de 1947 a 1949. Os tempos passaram

e não se tem relatos sobre festas e indícios de eventos que teriam acontecido nesse período. Nem informações de que tenha havido movimentos festeiros em outras partes do Brasil. Os aspectos doutrinários ainda se faziam necessários e o crescimento ainda estava gradativo.

Dois fatores que contribuíram para o crescimento da IAD Betim foram as instalações de empresas, fábricas e outros setores da indústria. Em 30 de março de 1968, a Refinaria Gabriel Passos (Regap/Petrobras) se instalou em Betim. Em 1975, veio para a cidade a fábrica da Fiat Automóveis. É fato que essas duas empresas tenham contribuído para a construção do município betinense e na edificação do campo religioso, trazendo para o município muitos fiéis de outras cidades.

Muitos membros se inseriram nessas empresas como colaboradores. Outros conseguiram emprego por vias terceirizadas. Os irmãos que chegavam em Betim, além de trabalharem em fábricas durante o dia, à noite se reuniam em núcleos (pontos de pregação), onde alguns serviam como dirigentes desses trabalhos de evangelização. Dessa forma, a IAD Betim foi se realizando como igreja através do êxodo que acontecia na zona rural.

O veículo de comunicação que poderia ajudar na divulgação dos trabalhos eclesiais na época teria sido o rádio, porém o custo do aparelho não era acessível aos membros das ADs. Os irmãos que vinham de outras cidades informavam aos de Betim quanto aos procedimentos doutrinários em seus municípios de origem. Os assembleianos brasileiros não utilizavam o rádio, enquanto os americanos se apropriavam do aparelho desde a década de 1920. Somente em 1955 houve a permissão ao acesso de programas radiofônicos nas ADs.

Os assembleianos no início dos anos 50 não podiam ouvir rádio, principalmente, porque não tinham condição financeira para possuir aparelhos de rádio ou TV. No entanto, frequentavam as praças, principalmente para a realização de cultos ao ar livre. Os aparelhos de TV foram inicialmente colocados nos lugares públicos. Logo, a novidade tornou-se conhecida dos crentes, sobretudo no Rio de Janeiro e São Paulo. Por isso, já cedo (1957) a televisão se tornou tema de debates na CGADB. Nesse contexto, o apoio dos líderes das ADs à produção de programa na rádio em 1955 pode ter sido um mecanismo de conter a euforia dos crentes frente à novidade da televisão. Além disso, com a concorrência da televisão, as ADs encontraram novas condições de produção nas emissoras de rádio. (SOUZA; MATOS, 2017, p. 13).

Os primeiros membros das ADs eram conservadores e alguns extremistas (não flexíveis aos costumes doutrinários). Poderiam ter alcançado multidões de pessoas através das locuções, mas isso veio a longo prazo. Também havia uma demonização das mídias, exceto o material impresso. Mas o uso do rádio pode ter sido liberado em 1955, em função do início da utilização da televisão. Em decorrência à posição refratária das ADs, o pensamento político também pode ter tido impacto negativo em retardar esses recursos midiáticos. Eles não estavam acessíveis aos membros. Também muitos não teriam acessos às informações impressas, pois o índice de analfabetismo ainda era grande. Essa ausência das mídias contribuiu para que o entendimento político viesse a longo prazo em um ambiente que ignorou a política, excluindo-a.

Partindo do pressuposto da “demonização” das mídias existentes, com exceção dos jornais impressos, o rádio e a televisão não eram vistos inicialmente com bons olhos pela AD. Ao que parece, isso comprometeria a santidade dos adeptos. A recusa desses meios pode ter sido a causa de poucas conversões na IAD Betim durante um bom período. Quando os membros foram liberados para ouvirem as programações em rádios, o número de fiéis começou a crescer. Celita de Jesus – *in memoriam*, (antiga fiel – da IAD Betim – filial – Santa Lúcia), afirmou: “Eu estava em minha casa e nunca tinha ouvido a mensagem do evangelho. Naquele momento, eu ouvindo o rádio, aceitei Jesus. Depois procurei uma igreja, conforme orientação do locutor”¹⁹.

Ela contou que ouvia a Rádio Marumby. Essa é a segunda rádio mais antiga do Estado do Paraná por meio de ondas curtas. A emissora operava desde 1946 e a direção inicial era católica. Foi uma rádio especialmente voltado para os esportes, conseguindo o grande jargão entre seus ouvintes de “Marumba Querida”. Em seguida a rádio passou a pertencer ao sistema Iensem de Comunicação. O proprietário foi Matheus Iensem (membro da AD e deputado federal pelo Paraná).

Apesar de ter enfrentado momentos de recusa pela maioria dos líderes assembleianos, a televisão passou por um período gradativo de aceitação em diversas ADs do Brasil. O aparelho que significou “o coração do diabo”²⁰ era duramente combatido principalmente nos cultos de cunho doutrinários. Em algumas igrejas assembleianas era aplicada medida disciplinar ao membro que assistisse programações

¹⁹ Celita de Jesus relatou o testemunho de sua conversão em uma aula da EBD, em um domingo pela manhã no ano de 2001.

²⁰ Modo de tratamento ao se referir à televisão em cultos denominados de doutrina.

televisivas. Essa medida correspondia a um período de no mínimo seis meses, podendo chegar a um ano.

Uma ênfase com mais repercussão nessa época foi o movimento de “santificação” (holliness). Os ensinamentos sobre essa doutrina privavam os congregados de utilizarem os veículos de comunicação existentes. Como dito anteriormente, o rádio e a televisão eram proibidos. Pensa-se que a resistência quanto aos programas radiofônicos possa ter uma relação com times de futebol. Os crentes (como eram chamados os fiéis das igrejas evangélicas) não tinham o costume de acompanhar notícias sobre esse esporte.

A visão que permeava os líderes assembleianos conduzia-os a refletir sobre o mundanismo e os riscos que o rádio poderia trazer. Dessa forma, os membros eram orientados a se afastarem de quaisquer influências que os levariam a se contaminar, manchando as vestes espirituais. As ameaças provenientes do aparelho colocariam em provas os fiéis que buscavam ter vida com Deus. A vigilância e a prudência eram sempre lembradas como forma de advertência. A oposição ao rádio passou a existir com menos radicalismo nas ADs. (GANDRA, 2014) explica:

A preocupação da liderança naquele momento seria o perigo que supostamente o rádio traria para a “identidade” do assembleiano. Além disso, sobre a associação com sociedades evangélicas que usavam o rádio na evangelização, foi aconselhado prudência: [...]. Mesmo enfrentando oposições, alguns líderes assembleianos decidiram evangelizar pelo rádio, é o caso do missionário norte-americano Lawrence Olson (1910-1993), que lançou em 1947 um programa de evangelização na Rádio Cultura de Lavras em Minas Gerais e em 1955 pela Rádio Tamoio o programa Voz das Assembleias de Deus. (GANDRA, 2014, p. 92).

Outro assunto que mais enfrentou resistência foi a adesão ao uso da televisão. Os membros não poderiam assisti-la. A igreja nesse período se preocupava em convencer pessoas para compor o seu rebanho e orientá-las nesse regime. A televisão passou por um repúdio a longo prazo em todo território nacional. Isso pode ter sido em função das programações de propagandas como as de bebidas e cigarros. Também pelo fato de comerciais estarem relacionados à exposição de fotos de mulheres seminuas. Essa observação fazia parte dos princípios doutrinários da igreja, com fortes resistências de alguns dos convencionais. Na CGADB de 1968, em Fortaleza - CE, a pergunta era: “É lícito ao crente possuir televisão em sua casa?”. (SOUZA; MATOS, 2017, p. 14).

A partir de 1950, o Brasil ganhou mais uma modalidade em termos de meios de comunicação. O jornalista Assis Chateaubriand recebeu no Porto de Santos os primeiros equipamentos televisivos para o Brasil. “A televisão no Brasil foi inaugurada oficialmente

no dia 18 de setembro de 1950, por iniciativa do Jornalista Assis Chateaubriand, que fundou o primeiro canal de televisão país: a TV Tupi”. (MATTOS, 2002, p. 49).

Os princípios doutrinários enfatizavam o batismo com o Espírito Santo e a santidade. Os irmãos que se envolvessem com tais assuntos mundanos seriam suspensos da “Ceia do Senhor”. Medidas disciplinares eram aplicadas aos membros que não se portassem antagônicos aos preceitos dogmáticos. Os novos convertidos que chegavam para a igreja se doutrinavam pela conduta de cada congregado. Essa prática assemelhou-se aos “Usos e costumes” e aos exemplos dos “Testemunhos”.

Além da postura contracultural dos “Usos e costumes” e da negação em criar seminários teológicos, houve também repúdio aos meios de comunicação de massa, primeiro do rádio e depois da televisão, ainda que tenha sido vanguarda no início do século XX com a comunicação via jornal impresso, diga-se de passagem, liderada por uma mulher, Frida Vingren (1891-1940), esposa de Gunnar Vingren. [...]. Além disso, a “identidade assembleiana” a partir dos “usos e costumes de santidade” e da “demonização” do rádio e depois da televisão sofreu um considerável recuo, como pode ser constatado nas resoluções do 5º Encontro dos Líderes das ADs (ELAD) em 1999 e confirmado na 40ª Assembleia Geral Ordinária (AGO) em 2011. (GANDRA; WESTPHAL, 2013, p. 274).

As contribuições que os costumes doutrinários deixaram para o início da igreja exigiam que os membros fossem diferenciados dos demais, que não pertenciam à comunidade de fé. A mulher que chegava ao local de culto observava o traje das irmãs e da mesma forma procedia. As regras de “usos e costumes” para mulheres eram as seguintes: cabelos compridos, vestimentas longas (vestidos e saias), no mínimo dez centímetros abaixo dos joelhos. Os costumes identificavam essas irmãs também por não fazerem uso de maquiagens. O maior destaque estava em não adotar o uso de calças para mulheres. Somente saias e vestidos longos.

O vestuário feminino na igreja tornou-se necessário não para discriminar pessoas, mas para descrevê-las para a sociedade. Quem olhasse uma irmã, sabia que ela pertencia à AD. Por muito tempo, houve o seguinte comentário: “Aquela moça é da Assembleia de Deus”. O fato que chama a atenção é que tudo isso estava atrelado aos níveis mais elevados de *santidade*. Se não cumprissem essas determinações, dificilmente receberiam o “batismo com o Espírito Santo”. Em algumas igrejas, observou-se que a flexibilização desses costumes em um pentecostalismo modernizado.

A compreensão dos motivos que geraram as alterações da igreja Assembleia de Deus

– do seu aspecto tradicional para esse mais neopentecostalizado – é uma tarefa desafiante que, muitas vezes, se orienta por caminhos tortuosos. Já foi visto que a AD – Bom Retiro não se trata apenas de uma amostra aleatória da igreja AD, discípula da mesma igreja mãe, que foi fundada inicialmente em Belém do Pará. É representante viva de um novo tronco das AD e se considera independente, embora siga basicamente as mesmas doutrinas daquela primeira. Ao contrário dos preceitos rígidos vividos em sua origem, a AD – Bom Retiro traz um perfil mais informal adaptando-se nos moldes atuais da sociedade. Suas mudanças são significativas principalmente, no que se diz respeito a celebração dos cultos, vestimentas femininas mais flexíveis, uso de maquiagens, cabelos modernos para as mulheres etc. (CORREA, 2006, p. 121).

Para os homens – varões – com espiritualidade acima do exigido, bastava usar cabelos cortados e se absterem dos vícios (bebidas, cigarros e jogos). Ao deixarem essas práticas, mostrariam para os neófitos (recém-convertidos) que realmente ser crente era ser diferente. Eles seguiam o exemplo e os testemunhos contados pelos irmãos veteranos. Com a recusa desses vícios, o estreante pentecostal estava pronto para o batismo em águas (por imersão) ou até “falar em línguas”.

Sabe-se que, desde o início no Brasil, as ADs estruturaram padrões rígidos, contextualizando-os em textos bíblicos. Os primeiros pastores davam mais ênfase aos costumes doutrinários a partir dos próprios ensinamentos extraídos da Bíblia. Em diversas localidades, os crentes contavam com o auxílio divino para que os textos lidos lhes fossem revelados. Por terem uma gama de ensinamentos sobre os trajes, não se deu importância aos ensinamentos da “doutrina bíblica”.

Hoje o assembleiano distingue “usos e costumes” de “doutrina bíblica”. É perceptível que os costumes dentro de uma mesma rede de igrejas podem variar de congregação para congregação. Em uma mesma cidade, de bairro para bairro. Isso se deve ao fato de os pastores serem taxativos na aplicação doutrinária de sua comunidade. Alguns comportam-se como conservadores (menos flexíveis), outros por serem liberais (flexíveis).

Denominações já experimentaram até cismas por causa dos usos e costumes. Aquelas que se autointitulam “igrejas da restauração” geralmente reagem contra o que consideram libertinagem em suas congregações. Com um conservadorismo sufocante, tentam restaurar os “costumes dos nossos pais”, brigam com aqueles a que chamam de liberais, acusando-os de jogar a igreja no esgoto do mundanismo. Entre eles, as mulheres que fazem uso de maquiagem recebem a pecha de “Jezabel”; os que assistem a televisão são tachados de “aliados do diabo”; os jovens que escutam músicas qualquer música que não seja “evangélica” são vistos como desviados. (GONDIM, 2001, p. 12).

Esse assunto é algo que até hoje divide opiniões. Um exemplo é o uso de joias para as mulheres. Na filial “A” o pastor não permite. Na filial “B”, o outro pastor permite. Essa narrativa tem sido alvo de vários questionamentos. Cláudio da Silva (2003), 20 anos pertencente ao ministério AD, chama a atenção para esses procedimentos ocorridos nas ADs. “E como pastor dirigente da igreja (congregação) já enfrentei várias dificuldades ao permitir que jovens jogassem bola, e fui questionado pelos membros mais antigos na igreja, por que eu estava liberando os usos e costumes”. (SILVA, 2003, p. 14).

O movimento pentecostal, desde a fundação, enfatizou sua forma doutrinária. Ele se preocupou em valorizar os que viviam nas linhas de marginalização. Esse movimento também proporcionou aos que viviam na subalternidade, expectativas de que teriam as vidas mudadas pela intervenção do Espírito Santo). Marina Correa (2019) refere-se às linhas mais baixas do pentecostalismo, mas em conexão com o sagrado, possibilitou um escape pelo viés espiritual.

O pentecostalismo veio de baixo. Foi nas baixas camadas sociais, aquelas que estavam sendo marginalizadas pelo crescente processo de industrialização que efervescia na América do Norte, que as novidades começaram a borbulhar. Lá as barreiras que separavam negros e brancos, ricos e pobres deram espaço para que as seitas se tornassem uma válvula de escape, um meio pelo qual os socialmente marginalizados pudessem se conectar ao sagrado, não de maneira tradicional, mas de um modo popularmente próprio. Pode-se pensar que o pentecostalismo deve ser lido como um movimento de aproximação e distanciamento. Estes movimentos, tentam omitir as relações de influências mútuas que caracterizam a ambos os grupos, protestantes e pentecostais. (CORREA, 2019, p. 31).

Sabe-se que as raízes dogmáticas das ADs assumiram três posturas como formas doutrinárias: batismo com o Espírito Santo, santidade e usos e costumes. A primeira, trazida pelo pentecostalismo, é para fortalecimento espiritual do crente, fazendo-o esquecer as mazelas do mundo. A segunda o colocará em um santo pedestal imaginário que criará para si a superioridade em relação ao ambiente onde foi inserido. E a terceira o mostrará para os de fora que de fato houve mudanças, principalmente no comportamento cotidiano. Na concepção Weberiana (2002), há:

uma probabilidade realmente existente de regularidade numa orientação de ação social será chamada de “uso”, até o ponto em que a probabilidade de sua existência dentro de um grupo de pessoas não se baseie em mais nada a não ser o hábito real. O uso será chamado de “costume” se o hábito real vier de longa data. (WEBER, 2002, p. 51).

O que se sabe sobre formas de doutrinas nas ADs é que o pastor ensinava os “usos e costumes”. O ensinamento bíblico doutrinário acontecia pelos pastores em cultos específicos nas suas congregações. Alguém pode perguntar? Quais pontos podem diferenciar os usos e costumes dos ensinamentos doutrinários? É simples! O costume de uma igreja está vinculado à comunidade local, é mutável (pode mudar de uma localidade para a outra). A doutrina é geral e imutável (não passa por mudanças e tem uma abrangência universal).

Para Boyer (2018), o costume é: “uso; prática geralmente observada. //Não praticando nenhum dos c abomináveis, Lv18.30 [...]”. No entendimento do senso comum, é algo que está ligado à cultura. Aquilo que se torna rotineiro, que pode gerar desconforto ou não em alguém. Alguns costumes são capazes de constranger pessoas que não pertencem a uma comunidade de origem. Outros possuem atrativos, capazes de agregar indivíduos de outras culturas, descaracterizando as raízes de outrem. (BOYER, 2018, p. 145).

Ainda segundo Boyer (2018) a doutrina é “tudo o que é objeto de ensino; disciplina. // goteje a minha d como a chuva, Dt 32.2 [...]”. O livro bíblico de Deuteronômio ainda se refere à doutrina para além de gotejar, comparando-a ao destilar da palavra em forma de orvalho. No texto é perceptível o chuveirar na erva e as inúmeras gotas de água sobre a relva. Partindo desse entendimento, o ensinamento ofertado quando assimilado, produz abundância de conhecimento. (BOYER, 2018, p. 178).

Após 1950, as ADs se veem com a identidade ameaçada pelo “Deuteropentecostalismo”. A implicação está em sempre observar o outro. Uma igreja que bem representou o movimento deuteropentecostal foi a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ - 1951). Gandra (2013, p.276) afirma que “a identidade consiste na diferenciação, porém, quando as diferenças se tornam fluidas, como é o caso do campo religioso pentecostal, há uma busca por novos (ou não tão novos assim) referenciais demarcatórios da identidade, [...]”.

Essas novas formas de se observar o outro gerou nas ADs uma necessidade de mudança por parte dos membros. Por não haver flexibilidade a partir da liderança, a comunidade assembleiana preferiu migrar para os movimentos maleáveis em suas práticas doutrinárias. No sentido de se ter um costume como cultura, muitos assembleianos que aderem às práticas costumeiras da igreja veem as das outras denominações, como “grotescas”, gerando assim desconforto e estranheza alheia. Em seu artigo para a Revista Horizonte, Paulo Augusto de Souza Nogueira (2016) salienta:

O grotesco é tão amplo que pode ser relacionado à fertilidade da terra e à alegria vital do povo (carnaval), como também pode estar associado às imagens do monstruoso e do objeto. Ou seja, o grotesco é construído pelas imagens que nos causam horror ou prazer desconcertante, ou os dois ao mesmo tempo. Ele nos desenha diante dos olhos a alteridade em formas que a amplificam. Suas formas estão presentes nas linguagem da religião desde manifestações sutis, como em narrativas estranhas e desajustadas, até milagres desconcertantes, martírios exagerados, relíquias de santos e seres encantados de funções ambíguas. O grotesco tem sua manifestação plena em seres monstruosos, descrições do além-mundo e do além-morte. Ele é tão presente, tão incorporado aos textos religiosos, que só o reconhecemos nas religiões do outro. Mas elas estão ali, do nosso lado, nos elementos centrais do cristianismo. [...]. O grotesco pode, no entanto, nos servir para uma aproximação com as profundezas da psique humana, uma vez que elas partilham da liberdade imagética do inconsciente, mas também da cultura popular, que na exploração do corpo grotesco, de suas imagens e enredos, investe o mundo e as relações por ele consideradas legítimas. (NOGUEIRA, 2016, p. 257-258).

Pode-se pensar que a IAD Betim tenha se firmado em suas bases doutrinárias iniciais. Essas bases não subsistiram por muito tempo, permitindo alguns dogmas se flexibilizarem no dia a dia da igreja. O que geralmente se tinha como cultural aos poucos foi passando por atualizações conforme mudanças de faixas etárias dentro da igreja local. Os passos para que essas mudanças tenham de fato acontecido podem ser explicados na carência de renovação e um pouco do que julgam ser algo mais interessante que se percebe nas “igrejas de segunda onda”.

Na citação de Nogueira (2016), algo que chama a atenção é o fato de perceber o “outro”. Talvez algum costume doutrinário ou até mesmo experiências litúrgicas fizeram as ADs de todo território nacional se reinventarem. De acordo com o que se vê, o pentecostalismo de “segunda onda” estruturou sua liturgia e base doutrinária de forma tão diferente. Para além do que havia no contexto eclesial, a partir de 1951 a IEQ trouxe uma forma de culto bem diferente que se contemplava nas ADs.

Nas realizações de cultos das ADs, o costume litúrgico cumpre o mesmo roteiro. Primeiro, três hinos da *HC*. Em seguida, o oficiante do culto faz a leitura bíblica oficial e uma oração para se fazer um pedido ou agradecer uma benção. Posteriormente, ele dá oportunidades aos membros da igreja. No meio da celebração há também a participação da “equipe de louvor”. Prosseguindo, vem a realização do ofertório. Alguém é escolhido entre os presentes para louvar com um hino. Por último, a palavra final, a oração final e a benção apostólica.

Por se tratar da liturgia assembleiana, assegura-se que o momento introdutório de suas características não passe por nenhuma mudança. O propósito da ala conservadora da

igreja reage a cada vez que a identidade litúrgica é ameaçada. A infiltração de novas práticas costumeiras no ambiente cultural dessa igreja pentecostal é cuidadosamente observada pelos pastores locais das ADs, convenções estaduais e até mesmo por parte da CGADB.

Uma observação que tem sido acompanhada de perto é que as equipes que louvam no período de adoração prossigam, desde que os hinos oficiais não sejam substituídos pelas músicas avulsas nas igrejas AD. O pastor presidente da IAD Betim, Nehemias Araújo, tem alertado os membros e obreiros de uma forma geral para não desprezarem os hinos do hinário oficial das ADs. Em diversos cultos, os hinos congregacionais²¹ são sempre lembrados nas reuniões. A seguir, o hino congregacional oficial:

DEM À ASSEMBLEIA DE DEUS 144

1 Assembleia de Deus vem
comigo, Ouvir a Palavra de
Deus;
E terás a certeza, contigo,
Que Jesus é o caminho dos céus.

*Ó vem, vem, vem, vem!
Vem Assembleia e
louvemos
Ao nosso bom Deus
Redentor, Pois maior
alegria não temos, Que
fruir Seu imenso amor.*

2 Vem, irmão, à Assembleia dos
Santos, Sentir o poder do
Senhor
E ali entoar lindos
cantos Exultando no
Consolador.

3 Na Assembleia de Deus tu
estejas Humilde aos pés do
Senhor; Santidade convém
à Igreja,
Para gozarmos celeste
amor.

4 Nós sentimos a santa presença Do nosso querido Jesus; Anulada foi tua
sentença;
Deixa as trevas e vem para a luz. (HARPA CRISTÃ, 2009).

No parágrafo anterior, observou-se que há nas ADs a “equipe de louvor”. No início, essa prática não era comum. Mas ela se inseriu nas igrejas ADs como forma de “atualização” no decorrer de uma reunião assembleiana. Para Costa (2020), a expressão

²¹ Hinos extraídos do Hinário Oficial das ADs – *Harpa Cristã*

para essas novas formas de adoração nas ADs é o *aggiornamento*, que remete à igreja em suas novas acomodações. “O *aggiornamento* do pentecostalismo assembleiano pode ser pensado como um conjunto de *estratégias* adotadas, cujo objetivo foi o de garantir o crescimento e a manutenção de poder no campo religioso brasileiro”. (COSTA, 2020, p. 294).

Para o autor, após a década de 1980, as instituições de fé em diversos âmbitos de suas tradições litúrgicas, enfrentaram pressões por parte da concorrência (outras igrejas). Outro rito que chama a atenção está relacionado às inserções dos símbolos religiosos nas ADs. Sabe-se que a Igreja Católica Apostólica Romana trabalha com as *imagens* (santos, crucifixo etc.). Por outro lado, algumas igrejas neopentecostais operam por meio dos *símbolos bíblicos* (Arca da Aliança, Fogueira Santa de Israel, oração no copo d’água, rosa ungida, sessão do descarrego etc.).

No ambiente pentecostal, em se tratando das ADs, o uso de símbolos de outras igrejas tem se tornado cada vez normal. A inserção da equipe de louvor foi a que mais se adaptou aos cultos assembleianos. Ela é de origem batista e quadrangular. Por outro lado, a tradição exige os hinos da *Harpa Cristã*. O “culto da vitória” veio para justificar as práticas neopentecostais, como a “Fogueira Santa de Israel e batalha espiritual”. A campanha de “libertação” nas ADs também imita a “sessão do descarrego”, costume da IURD. Mas há outros pesquisadores que apontam para as mudanças nas ADs brasileiras.

Segundo Costa (2020), as ADs mudaram e se adaptaram, aderindo a um modelo estratégico em sua liturgia, sem ferir as tradições. Elas prosseguiram com a promoção de mudanças adaptativas e, ao mesmo tempo, mantiveram ritos que não causassem rupturas e ameaças seus princípios doutrinários. “Para tanto, foi preciso, no conjunto de suas características, promover mudanças, adaptações que permitissem essa manutenção e crescimento sem romper totalmente com a tradição que legitimava sua existência e sua identidade pentecostal”. (COSTA, 2020, p. 294).

A mente cultural assembleiana, durante pouco mais de um século, deixaram em alerta que algo mudaria em seu cotidiano. Não demorou muito para que mudanças acontecessem em algumas ADs no país. Marina Correa (2006), em sua dissertação de mestrado, aborda sobre as características na AD Bom Retiro São Paulo – SP. A identidade tradicional da instituição foi reformulada. “As igrejas evangélicas pentecostais inseriram em seu meio o uso de ritos e práticas vindas do passado, principalmente as igrejas consideradas neopentecostais que usam as “unções sagradas” como forma de mediação entre o profano e o sagrado”. (CORREA, 2006, p. 111).

O órgão controlador que rege as diretrizes doutrinárias das ADs é a CGADB, através das convenções estaduais. Ela tem autonomia para se posicionar em quaisquer assuntos que envolvam a área socioeconômica e a esfera literalmente religiosa. Também exerce um sistema que controla seus membros, utilizando instrumentos literários que são impressos na CPAD. A identidade das ADs, em todos os estados brasileiros, tem base nas declarações e condutas regimentares dessas duas instituições.

[...]. Tanto é que a CGADB, em quatro ocasiões, se posicionou oficialmente – quer por meio de resoluções, de declarações ou manifestos – definindo, reafirmando, ou ressignificando a conduta esperada por seus membros e congregados em relação às suas práticas e crenças, tendo sempre como referências o campo religioso e o contexto socioeconômico do país. A (sic) duas primeiras, em 1946 e 1975, tiveram uma relação direta com a questão dos “usos e costumes” e, as duas últimas, reafirmaram a identidade pentecostal clássica em oposição à identidade concorrente neopentecostal. (COSTA, 2020, p. 295).

Para Gandra (2013), objetos que influenciaram as identidades doutrinárias nas ADs foram as comunicações literárias da CGADB e Cpad. Elas exercem o poder de controle de cima para baixo, ou seja, primeiramente todo o corpo de obreiros (ministros). Após repassar as informações doutrinárias aos ministros por meio das convenções nos estados, então chega às igrejas (aos ministérios). Para além dos veículos comunicadores das ADs “Mensageiro da Paz”, também se faz lembrar das “lições Bíblicas das Escolas Dominicais” com assuntos para todos os domingos nas igrejas. (GANDRA, 2013, p. 270).

Outra forma de ensinamento doutrinário encontrada pelas ADs foi a Escola Bíblica Dominical (EBD). Essa instituição de ensino tem como material didático as “Lições Bíblicas” (Cpad). Os assuntos são diversificados e podem atender ao âmbito religioso e político como temas ofertados aos alunos. O objetivo de sua criação é como uma forma de suplemento do “Jornal Boa semente” que auxiliava na base de ensino dos obreiros com vocação ministerial. “O suplemento era denominado *Estudos Dominicaes*, escritos pelo missionário Samuel Nyström, pastor sueco de vasta cultura bíblica e secular.” (ARAÚJO, 2011, p. 136).

Conforme Bandeira (2020), os comentaristas de tais artigos enfatizavam que o participante era um indivíduo no meio social. A preocupação desses alunos se reduzia a uma noção voltada para o reino de Deus, em que o fiel poderia encontrar seu sustento e cuidar das obrigações impostas pela lei do país, não deixando de orar pelas autoridades. A partir desse princípio, verifica-se a ausência da participação dos fiéis na política.

Em se tratando propriamente do tema da política, essa não deveria ser uma preocupação central na vida do crente, este deveria apenas ser grato a Deus por viver em um país com liberdade religiosa e buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça que as demais coisas lhes seriam acrescentadas. [...] Este caminho é deveras importante pois os crentes passam de uma quase inexistente participação política a protagonistas no cenário nacional. (BANDEIRA, 2020, p. 110-111).

Pensa-se que o resultado fracassado nas urnas em alguns municípios do Brasil se reduza a uma experiência doutrinária contra a política partidária. A ideia de que o crente assembleiano não precisava se envolver com os assuntos da sociedade impactou de forma negativa no futuro da igreja. Com as representações nos vários âmbitos da política, ainda há uma luta para se ter um resultado expressivo nas eleições em diversos municípios do país. A conscientização política, principalmente na IAD Betim, pode ocorrer a partir de seminários e oficinas voltadas para esse assunto dentro da instituição.

É fato que houve uma demonização da política por pentecostais assembleianos no percurso de sua história. Hoje, o discurso sobre o assunto é mais aceito por essa comunidade de fé. A doutrina escatológica que sustenta a crença milenarista afastou o fiel de sua participação e envolvimento com as políticas em um âmbito geral. Crer nas doutrinas do porvir seria mais nobre que lutar por uma vida mais digna. O trabalho mais digno, condições econômicas e sociais mais humanas transformariam o cidadão e sua concepção em uma fonte que se empreenderia politicamente.

Há um estudo sobre as rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro. Também sobre como a análise das condições escatológicas pentecostais pode ajudar a compreender as razões de sua participação na política eleitoral a partir de meados da década de 1980. Partindo da aparente contradição entre a confissão de uma crença escatológica pré-milenarista que, segundo estudos anteriores, seria responsável pelo sectarismo e apatia política do pentecostalismo brasileiro. E, na sua entrada efetiva na política eleitoral, buscou-se analisar as concepções escatológicas e as expectativas milenaristas do pentecostalismo num diálogo com a história das crenças escatológicas. (ROCHA, 2009, p. 7).

O assembleiano se mobilizou para as doutrinas escatológicas baseadas em textos do profeta Daniel, também de Ezequiel, além de outros profetas e no Evangelho de Mateus capítulo 24. Para alguns nas ADs, o livro de Apocalipse amedronta e terroriza. Para outros, o escrito apocalíptico é um o resumo das coisas que irão acontecer. Também vivem na esperança do Messias e seu reino milenar. “Sendo assim o tempo messiânico não é um período cronológico, mas sim uma transformação qualitativa do tempo vivido.

Há também uma diferença entre o tempo apocalíptico e o tempo messiânico.” (CARVALHO, 2018, p. 55).

Para Rocha (2020), o reflexo escatológico ganhou destaque no meio pentecostal quando se enfatizava a “nova descida” do Espírito Santo como sinal do fim dos tempos. O mover do espírito traria aos crentes pentecostais uma experiência notável no mundo cristão, conferindo-lhes especialidades, tornando-os mais dignos dos planos divinos. Essa ideia estava relacionada à era vindoura para os seres humanos. Rocha (2020) expõe detalhadamente esse assunto:

A questão escatológica logo se destacou entre os pentecostais. A “nova descida” do Espírito Santo seria um sinal da aproximação do fim dos tempos. Esse novo despertar conferia aos pentecostais um lugar especial na história do cristianismo e nos planos de Deus em relação ao futuro da humanidade. (ROCHA, 2020, p. 611).

A esfera escatológica na qual se inserem as ADs no Brasil segue o mesmo norte das igrejas norte-americanas. A premissa de que o reino milenar de Cristo está próximo tende a especular diversas vertentes do Cristianismo. Inicia-se pela ala pentecostal, que apregoa o pré- milenarismo como válvula de escape para uma vida gloriosa com Cristo nos céus, enquanto este mundo passa por momentos de terror. Esses dias terríveis dão legalidades à operação do anticristo que assolará a humanidade nos últimos três anos e meio de sete anos de atribulação. Isso possui relação com a iminência do fim em suas expectativas.

Entretanto, a expectativa da iminência do fim, a espontaneidade, o primado da oralidade sobre a tradição teológica e uma certa informalidade, que marcou os primórdios do movimento pentecostal foram, aos poucos, tendo que conviver com um processo lento e gradual de institucionalização em igrejas locais e denominações de caráter nacional. Novas “revelações do Espírito Santo” levaram a sucessivas cisões dentro dos incipientes grupos pentecostais. Podemos perceber já nos dezessete artigos do primeiro *Statement of Fundamental truths* das Assembleias de Deus norte- americanas de 1916 traços da influência da perspectiva teológica conservadora fundamentalista e do literalismo bíblico sobre setores do movimento pentecostal. (ROCHA, 2020, p. 611-612).

Os passos doutrinários orientados por pastores da IAD Betim serviram de parâmetros para nortear sua membresia, mesmo pós-jubileu de Carvalho²². As mensagens na igreja se orientaram teologicamente por meio de literaturas das editoras,

²² 80 anos da IAD Betim.

principalmente da CPAD. Através de jornais, revistas, livros e artigos, assumiram um papel educativo para o seu rebanho. É possível perceber que os costumes doutrinários são flexibilizados na medida em que as modernidades se inserem influenciando os departamentos de ensino de uma igreja.

Tais modernidades podem ocupar espaços no âmbito teológico por meio de afluentes, como, por exemplo, as mídias sociais e veículos de comunicação de uma forma geral. Também é possível que subsistam às doutrinas bíblicas fundamentais nas perspectivas dorsais da instituição. Isso pode ocorrer por vias de pensamentos das diversas teologias atuais que se tornam existentes nas igrejas de cunho neopentecostal. Elas são introduzidas pelas atualizações pentecostais, permitindo livre acesso à secularização eclesial.

A secularização que de forma indireta atinge as ADs chega por vias de acessos do consumismo pregado pela “Teologia da Prosperidade”. Essa teologia surgiu das igrejas norte-americanas que são norteadas por um modelo empreendedor. Esse modelo leva uma igreja a se pronunciar como empresa bem-sucedida e permite uma versão na ótica empresarial da fé.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas últimas décadas, mais precisamente nos ambientes urbanos, o novo pentecostalismo tem registrado considerável avanço. Em outra via, o movimento protestante histórico tem crescido bem abaixo da média da população brasileira. O que embala a expansão do primeiro grupo é a chegada ao Brasil, a partir da década de 1990, do movimento denominado Teologia da Prosperidade, advinda dos estados Unidos (EUA), na qual as igrejas são regidas a partir da ótica empresarial. (ROCHA; DUQUE, 2020, p. 104).

Na IAD Betim, o cuidado que se tem com o que convém falar à “sã doutrina” é a mesma recomendada pelo Apóstolo São Paulo, quando instrui a Tito para que observasse os ensinamentos doutrinários de sua época. Os pastores veteranos da igreja AD em Betim também admoestam os jovens obreiros a cuidarem deles mesmos (saúde) e dos ensinamentos que lhes foram ofertados. Dentro dessa visão, é provável que a AD betinense se desvie das modernizações nocivas da secularização. (BIBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p. 1889).

3.2 IAD Betim: Missão Evangelizadora e as Gestões Eclesiásticas

Desde o início, a igreja assembleiana betinense passa pelo crivo hierárquico e assim seleciona seus obreiros. Nessa temporada de constante evangelização, a IAD Betim cresceu de forma gradativa, necessitando novos auxiliares. Um tempo de evolução evangelística em andamento ocorreu a partir de 1948 com o surgimento dos primeiros cultos realizados no bairro Chácara, em um pequeno salão improvisado pela ADBH. Os tempos de fato foram mudando para a IAD Betim, que buscava intensamente formas de arrebanhar pessoas para o seu aprisco (templo que agrega pessoas – chamadas ovelhas).

Essas dinâmicas eram realizadas por meio de folhetos com carimbo contendo o endereço da igreja. Também faziam cultos em praças e também reuniões nas casas (cultos domésticos). Esses agrupamentos eram realizados nas residências dos irmãos que convertiam, hoje reuniões realizadas nas residências, conhecidos por “cultos em células”. Essa ideia de cultos é definida por Marina Correa (2018, p. 179) como “pontos de pregação” e essas reuniões são protótipos da IAD Betim.

Percebe-se que inicialmente a instituição contou com essa modalidade para tornar extensivas as suas atividades evangelísticas. Mesmo tendo reuniões dentro dos templos, a IAD Betim não abre mão de suas atividades extra templo. Os resultados extraídos dessa ideia têm sido cada vez mais positivos, pois cada um de seus integrantes se torna um missionário. Esse novo obreiro tem autonomia para presidir as reuniões em um agrupamento de pessoas em um local específico. Essas reuniões que se iniciam a partir de dois integrantes são conhecidas por congregações. Esses pontos pertencem a um ministério onde são inseridos, fixando suas bases em bairros ou vilarejos, podendo alcançar diversos municípios.

Esse parâmetro aplicado pela IAD Betim foi seguido na íntegra. Os cultos começaram nas casas dos convertidos, assim como em muitas das congregações que tiveram essa mesma rotina. Isso é comum, pois a igreja não dispõe de uma auditoria para consultar locais, números de membros e público-alvo. No caso da igreja em Betim, a maioria desses pontos chegaram ao nível de congregação. É possível que não haja nenhum caso de frustração, pois a IAD Betim não trabalha para alugar primeiramente um espaço. O que é feito com muita segurança é realmente iniciar pontos de cultos nas casas de fiéis. Essa ideia é aceita pela maioria dos membros.

O primeiro gestor eclesiástico a presidir a IAD Betim foi o missionário sueco Algot Svensson. Ele presidiu a AD em Alagoas de 1930 a 1933. Segundo Carvalho

(2018), Svensson e a esposa Rosa se mudaram para Belo Horizonte - MG em 1933. O missionário inaugurou o Templo Central da AD na capital mineira “situado à rua São Paulo, número 1.341”. “O casal Algot teve dois filhos: Frank e Cristina. Enquanto ainda estudava arquitetura, Frank elaborou o projeto do Templo Central de BH, além de ter sido o primeiro maestro do Coral da Igreja”. (CARVALHO, 2018, p. 101).

Algo que abre espaço para acontecimentos políticos na AD foi o fato de que Frank Svensson (1934-2018) fazia parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Devido a sua forma política de pensar, soou para as ADs como “uma voz dissonante”. Esteve próximo a Oscar Niemeyer, tornando-se professor e arquiteto de renome. Desenvolveu projetos arquitetônicos para diversos países, militou na França e na Suécia, foi professor em Universidade aqui no Brasil e trabalhou na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Carvalho (2018) explica essa atuação:

[...]. Tempos depois Frank se tornou um renomado professor e arquiteto. Foi dele também o projeto do Templo sede de Recife. Trabalhou também com Oscar Niemeyer, atuando também assessor de projetos para implantação de cursos de arquitetura na África. Algo inusitado na trajetória de Frank é que se tornou membro do partido comunista e por causa de sua atuação política foi proibido de ensinar na UNB (Universidade de Brasília). Fora do Brasil esteve envolvido com partidos comunistas na França e na Suécia. Entre os anos de 2003 e 2006 fez parte do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República e em 2010 chegou a se candidatar governador do Distrito Federal. Em fevereiro de 2018 Frank Svensson faleceu na cidade de Brasília. (CARVALHO, 2018, p. 101).

É possível que o pensamento político da IAD Betim tenha vindo da família Svensson, porém uma ideia inicial da política da ADBH agregou-se à igreja em Betim. O projeto de que a igreja precisava de representações nos setores públicos acontece desde meados da década de 1980. No entanto, a partir de 1959, as ADs mineiras, por alguns mandatos, elegeram João Gomes Moreira para deputado estadual. Da gestão “Svensson” ficou um legado eclesial e também político. Esse legado político acompanhou a IAD Betim a partir de 1977, quando membros da instituição participaram da vida pública no município.

Segundo Silva (2013), os trabalhos nas igrejas, congregações (pontos de pregação), no início da IAD Betim, recebiam visitas periódicas do pastor Anselmo Silvestre. O autor relata que muitas famílias se convertiam na IAD Betim e se tornavam membros na congregação improvisada no bairro Chácara. “Neste período, a família da irmã Ana Cândida, em sua maioria, filhos, filhas, noras, genros e boa parte dos netos

aderiram ao evangelho e aceitaram a Jesus. [...]”. (SILVA, 2013, p. 4).

Segundo José Egídio da Silva, pioneiro e também o atual 1º vice-presidente da IAD Betim, alguns dos irmãos que vivenciaram o início da igreja relataram que a AD localizada no centro de Betim teve seu início entre os anos de 1947 e 1949, sendo mais preciso em 1948. Visitas periódicas eram feitas pelo pr. Anselmo Silvestre, presidente da ADBH, e outros cooperadores de sua confiança, que pertenciam à Igreja Sede em Belo Horizonte.

De conformidade as informações colhidas de alguns irmãos que serviram ao Senhor Jesus antes de mim, as Assembleias de Deus do Centro de Betim, teve início aproximadamente entre os anos de 1947 e 1949. Mais precisamente em 1948, com visitas periódicas do pr. Anselmo Silvestre e outros cooperadores da sede em Belo Horizonte. Os primeiros cultos aconteceram nas casas dos irmãos. As primeiras pessoas que aceitaram a Jesus em Betim, nesta segunda fase foram as irmãs Ana Cândida e Maria Fragosa. Com o crescimento do trabalho, a igreja improvisou um salão no bairro Chácara onde congregaram por um período de tempo. O espaço foi ficando pequeno e a igreja alugou então um salão maior na avenida Amazonas, 251, bairro centro. Neste período, a família da irmã Ana Cândida, em sua maioria, filhos e filhas, noras e genros e boa parte dos netos aderiram ao evangelho e aceitaram a Jesus [...]. (SILVA, 2013, p. 3).

Os trabalhos se desenvolveram de forma surpreendente, pois o pastor Anselmo tinha um auxiliar de sua inteira confiança. Esse cooperador se chamava Abel. Ele foi um dos pioneiros do trabalho no Colônia Santa Isabel e também dirigente dos cultos no centro de Betim. Ele era muito estimado pelos irmãos e tinha dificuldades de se locomover para atender o trabalho de evangelização. Abel tinha uma das pernas amputada e, em função dessa deficiência, ganhou um burro (animal), que servia de transporte entre as duas congregações.

Percebe-se que os obreiros da IAD Betim seguem na mesma margem dos demais antepassados e não perdem essa marca que é o “carisma por ele mesmo”. Para Correa (2018), os pastores das ADs demonstram capacidade de se relacionar com as pessoas por serem carismáticos. Isso os leva a arrebanhar multidões de fiéis. Alguns não necessariamente passaram por grandes seminários teológicos e nem tenham completado o primário, o ensino fundamental e nem tampouco tenham concluído o Ensino Médio. (CORREA, 2018, p. 57).

Para Rodrigues (2007), o Espírito Santo agindo nas pessoas faz com que elas se tornem capazes de desempenhar o trabalho espiritual de forma carismática. O autor baseia sua fala observando personagens do Primeiro Testamento da Bíblia Sagrada. Ele aponta que o espírito que agiu na vida de muitos homens e mulheres será o mesmo que estará presente, que acompanha líderes e os faz carismáticos. “O mesmo Espírito que agiu nos

líderes carismáticos de outrora, na vida de homens e mulheres, que age hoje tanto quanto tem agido em toda a história da humanidade, da antiguidade até a atualidade.” (RODRIGUES, 2007, p. 35).

Para Correa (2018, p. 183), “o caminho percorrido para se tornar pastor segue uma ordem: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista e pastor”. Essa ordem é seguida em todas ADs no Brasil, e a IAD Betim ainda tem se inserido nesse caminho. Para ser um auxiliar, ou ocupar um dos cargos acima citados, primeiramente é necessário que o candidato seja crente (ter feito confissão de fé - ser membro da IAD Betim - batizado em águas por imersão). É preciso ser casado e ter conhecimento do “Credo das Assembleias de Deus”. Demais orientações seguem as ordenanças de (Atos 6. 3).

Ao observar-se as dificuldades da IAD Betim, após o ano de 1962, um grande problema ainda era enfrentado. O transporte para os cooperadores atenderem as congregações recém- criadas operava de forma deficiente. A exemplo da congregação em Igarapé, havia ônibus pela manhã e depois das 19h não tinha como voltar. O mesmo acontecia nas igrejas de outros bairros. Os horários dos ônibus não coincidiam com os horários dos cultos. A exceção era a Colônia. Lá o transporte era sempre a pé. Isso levou o presbítero Oscar a montar estratégias para atender melhor as congregações. Por exemplo, quem fosse a Mateus Leme no domingo cuidava também de Juatuba e, para voltar, teria que esperar o trem que passava entre 23h e 0h.

Nessa época, algumas vezes os cultos contavam com a pregação do pastor Anselmo Silvestre. A visita do reverendo era de suma importância para o dirigente e os membros das igrejas recém-fundadas. Silva (2013) relata que o cooperador que fosse à cidade de Esmeraldas no decorrer do dia voltava à tarde para Vianópolis. Depois do culto à noite, o obreiro contava com duas alternativas: dormir na casa de alguém ou vir caminhando até chegar ao centro de Betim. Essa era a realidade daqueles dias e a igreja contava somente com três auxiliares que se revezavam. Ele lembra que o irmão Jair Suriba fazia parte desta difícil tarefa.

Ainda segundo Silva (2013), no fim de 1962, assumiu o trabalho em Betim o diácono Oscar Augusto de Souza, sargento da Polícia Militar, moço humilde, alegre, trabalhador. Oscar se dedicava com muito carinho à obra de Deus. O referido diácono chegou a Betim em um período de oração²³. Dessa forma, os membros atuantes da IAD

²³ O período de oração é o momento em que membros da igreja se reúnem para um propósito específico, dedicando um tempo maior de seus cultos, “ajoelhados” em oração.

Betim faziam um pedido a Deus que lhes dessem meios de conseguirem uma sede própria.

Oscar Augusto de Souza foi consagrado para ao ministério de presbítero no dia 24 de março de 1964. Nesse mesmo dia, Souza indicou para ser separado ao diaconato da igreja José Egídio da Silva, pioneiro da IAD Betim. É bom lembrar que as consagrações (ordenação de obreiros) nas ADs surgem de acordo com o crescimento da igreja local. Nessa perspectiva, são escolhidos os obreiros atuantes e feita a distribuição dos cargos ministeriais. Esses cargos são hierárquicos. Primeiramente, inicia-se como cooperador (obreiro), diácono, presbítero, evangelista, pastor e pastor-presidente. A IAD Betim se organizou dessa forma e hoje conta com um corpo eclesial consolidado.

Ainda sob a administração de Oscar, a evangelização seguiu em ritmo mais acelerado, pois novas igrejas eram abertas e inauguradas. Foi erguida a congregação do bairro Vianópolis²⁴ em 1963, onde Divino José dos Santos e a esposa Maria Rosa dos Santos foram os primeiros fiéis. Em seguida, a construção do primeiro salão em Juatuba-MG e um ponto de culto em Mateus Leme-MG. Souza seguiu para a inauguração de um salão na cidade de Esmeraldas-MG, deixando estabelecido mais um trabalho evangelístico no município de Igarapé-MG.

Com os cultos acontecendo nesses bairros e cidades, em 1964 inicia-se a construção da sede regional²⁵ em Betim. Automaticamente, ela se submete aos comandos da presidência de uma outra igreja. Ao que parece, uma igreja deixa de ser regional quando passa administrativamente por um crivo interno, lhe sendo concedido o direito de sede. Esse direito ocorre via estatuto, regimento interno, seguindo orientações judiciais. Uma igreja, quando se torna sede, possui presidência própria com autonomia para atender suas questões burocráticas, situação atual da IAD Betim.

Segundo Silva (2013), em 1964, o salão onde os irmãos congregavam não mais comportava as pessoas que o frequentavam. Famílias inteiras se convertiam na IAD Betim, além de se reunirem crentes que migravam de outras cidades. Foi nesse crescimento da igreja que o Sr. Jeremias e a irmã Bila se sentiram tocados por Deus. Juntos, fizeram a doação de um terreno que abrigou a sede regional da IAD Betim. Silva (2013) registra esses acontecimentos e pontua:

[...]. O diácono Oscar Augusto, fez história em três anos de trabalho em Betim: Abriu o primeiro salão de culto no bairro Vianópolis em 1963. Construiu o primeiro salão de culto em Juatuba. Abriu ponto de culto também em Mateus Leme. Inaugurou um salão na cidade de Esmeraldas. Estabeleceu

²⁴ Foi a primeira filial construída na administração da IAD Betim.

²⁵ Sede regional é quando uma igreja atende às necessidades de uma região.

um ponto de culto na cidade de Igarapé. Construiu o templo sede da Assembleia de Deus, o que posteriormente passou por várias reformas. Em 1964 ele se dedicou à construção da igreja regional localizada na Av. Amazonas, 211, bairro Chácara – Betim. (SILVA, 2013, p. 4).

Como as tarefas se tornaram inúmeras para os auxiliares, a organização foi algo urgente na IAD Betim. O presbítero Oscar se encarregou de organizar os trabalhos na sede regional, também os pontos de cultos setoriais (grande região, dividida por setor). Em seguida, Souza foi substituído pelo pastor Euclides Morais Batista (1917 -?), vindo da cidade de Araxá-MG, em fevereiro de 1965. O trabalho continuou a se desenvolver com Morais, que se destacava na área de ensino da igreja e como um professor renomado da Escola Bíblica Permanente São (EBPS). Ele possuía habilidades nas Sagradas Escrituras e se dedicava a ensinar, sendo reconhecido por grandes lideranças e autoridades eclesiais. Um dos principais palestrantes nas Escolas Bíblicas de Obreiros (EBO), era muito amigo do reverendo Anselmo Silvestre. Devido a sua capacitação, não lhe restava tempo para trabalhar na igreja em Betim. Ele era um dos representantes da presidência da ADBH em Minas e em outros estados brasileiros. Nesse período de muito trabalho e crescimento da igreja, ele indicou para o presbitério José Egídio da Silva e, para o diaconato, o irmão Jair Suriba. Ambos foram consagrados na IAD Betim no dia 15 de setembro de 1965.

Nesse mesmo ano, chegou a Betim o irmão Bernardino Nunes Pereira e sua família, que imediatamente passou a fazer parte da equipe de trabalho da IAD Betim. A primeira congregação na gestão do pastor Euclides foi no bairro PTB e seu primeiro dirigente foi o irmão Bernardino. Irmãos residentes nessa localidade passaram a congregar no próprio bairro. Os trabalhos se desenvolveram rapidamente, onde a primeira crente do bairro PTB era a avó do pastor Agenor, que hoje se encontra presidindo a AD em Central de Minas-MG.

Ainda na gestão do pastor Morais foram criadas outras congregações, que hoje são igrejas renomadas, como, por exemplo, no bairro Dom Bosco. Segundo José Egídio da Silva, foi a segunda igreja nessa gestão que teve início na casa da irmã Anita Quintela. Posteriormente, os cultos foram transferidos para o salão de propriedade da referida irmã. O primeiro dirigente foi o irmão José Geraldo. Os primeiros crentes foram a proprietária do salão, irmã Rita, e o irmão José Geraldo. A terceira congregação foi edificada no bairro Imbiruçu, e um de seus dirigentes foi o irmão Jorge Pereira Machado. “A primeira crente a congregar no bairro Imbiruçu foi a irmã Adair Marçal.” (SILVA, 2013, p. 6).

No início da década de 1970, iniciou-se a construção do segundo templo-sede da IAD Betim, com frente para a Rua Inconfidência que, por falta de recursos, teve duração de sete anos. Nesse período, foram separados para o diaconato os irmãos Jorge Pereira Machado e Wilson Alves da Silva. Jair Suriba foi consagrado ao presbitério no mesmo dia, sendo um dos obreiros principais da IAD Betim. Moraes não concluiu a construção do templo, mas realizou o primeiro Congresso de Jovens na IAD Betim. O evento foi realizado em janeiro de 1976 e contou com a participação dos cantores Vitorino Silva, do organista Misael Passos, da cidade de Santos-SP, e também a pregação do pr. Dionísio Inácio Rocha, de Taubaté-SP.

Em 1976, o pastor Euclides Moraes foi transferido para a igreja do Barreiro-BH, deixando como substituto o presbítero Jair Suriba que, em seguida, foi ordenado pastor da IAD Betim. Depois da inauguração do novo templo, ele se dedicou ao trabalho de evangelização regional. Também criou equipes em diversos setores para cuidar do evangelismo na região de Betim. Promoveu períodos de oração semanal e mensal, introduzindo “vigílias” (período de oração nas madrugadas, precisamente de sábado para domingo). “No decorrer desses trabalhos de orações e consagrações, o Senhor salvou muitas almas, curou muitos doentes e batizou muitos crentes com o Espírito Santo. Deus abençoou o trabalho do pastor Jair Suriba.” (SILVA, 2013, p. 6).

Na gestão dele, Suriba adquiriu alguns lotes para a igreja e foram construídos alguns pequenos templos de acordo com recursos da época. Alguns deles são: Vianópolis, PTB, Imbiruçu, Juatuba, Teresópolis, Jardim Petrópolis, Alvorada, Colônia Santa Isabel, Dom Bosco, Cachoeira, Laranjeiras, Santa Lúcia, Citrolândia, Sede, São Joaquim de Bicas, Farofas (hoje Senhora da Paz, em São Joaquim de Bicas-MG), Reta – Mateus Leme, Igarapé, Vista Alegre, Pousada Del Rey, Vila Rica de Igarapé, Tropeiros e Esmeraldas.

Os templos mencionados acima foram reformados e outros construídos pelo seu sucessor. O pr. Jair apresentou nesse período alguns obreiros para o ministério, a fim de suprirem as necessidades do campo. Quando recebeu a igreja dirigida pelo pastor Euclides, no rol de membros em toda a região constavam 450 membros. O ministério eclesiástico da igreja contava com 20 obreiros aproximadamente. E havia também nove pontos de cultos com a sede. Nessa gestão, um membro da igreja se candidata ao cargo de vereador na cidade de Betim.

Em entrevista concedida pelo pioneiro e atual vice-presidente da IAD Betim, José Egídio da Silva, disse que em 1977 aconteceram as eleições municipais. Egídio é eleito para a casa legislativa de Betim por dois mandatos consecutivos que se prorrogaram: de 1977 a 1982 e de 1982 a 1988. No primeiro ano, 1977, ele foi eleito presidente da Câmara Municipal de Betim. Em julho de 1982, o pastor Jair Suriba é substituído pelo pastor José Rodrigues de Araújo, que recebeu a igreja com aproximadamente 1.000 membros, um número de obreiros próximo a 35 e 23 congregações.

O pastor José Rodrigues de Araújo tomou posse em Betim juntamente com a família, a irmã Maria de Lourdes e oito filhos, em 18 de julho de 1982. Nesse mesmo ano também aconteceram as eleições nos municípios brasileiros. Também houve prorrogação de mandato para o pleito de 1982 a 1988. Para essa gestão no município de Betim, chegaram à Câmara Municipal os seguintes representantes da IAD Betim: José Egídio da Silva (reeleito) e Zelita de Oliveira e Silva (estreada). Esse fato se tornou algo inédito, pois a AD betinense contou com dois vereadores. Apesar de não se ter um projeto político na IAD Betim nesse período, mesmo assim os membros eleitos para o legislativo a representavam.

Assim que assumiu o trabalho, o pastor Rodrigues percorreu o *campo* e tomou conhecimento da realidade da regional. Reuniu os obreiros locais para uma conversa franca e assumiu com determinação o trabalho em toda região. Pr. José Rodrigues ampliou o templo-sede e o reformou em sua totalidade. Outros templos da região também foram reformados ou ampliados, sendo as congregações dos bairros PTB, Colônia Santa Isabel, Jardim Petrópolis, Juatuba, entre outros. “Reconstruiu os templos do bairro Santa Lúcia, Vianópolis, Igarapé e Imbiruçu. Adquiriu dezenas de lotes para a igreja espalhados por toda a cidade de Betim.” (SILVA, 2013, p. 6-7).

O verdadeiro sentido de campo dentro das Assembleias de Deus é quando uma igreja está a um passo de sua autonomia, como observa Marina Correa. Para isso, é preciso que a instituição preencha os requisitos impostos pela CGADB, órgão máximo das ADs no país. Para esse fim, é necessário que a igreja egressa tenha um bom espaço limítrofe, um número considerável de membros e obreiros e a dinâmica do pastor-presidente desse campo.

Foi nesse sentido que a IAD Betim obteve passos largos para sua emancipação. No propósito de conquistar novos territórios eclesiais, é tendencioso que uma AD, demarque seu novo espaço pela nomenclatura “campo”.

Historicamente, nas igrejas ADs batizamos ministérios com a nomenclatura interna de campo. Campo nas Assembleias de Deus refere-se a uma área de atuação de um ministério ou igreja-sede – chamada também de igreja-mãe -, e suas congregações e os pontos de pregação agrupada em determinado local. Elas são construídas em bairros, cidades em um ou mais estados. Também se constitui em uma rede de congregações “satélites”, dependentes da matriz, onde é liderada por um pastor-presidente. Essas congregações são fortalecidas por vínculos administrativo, doutrinário e litúrgico. Geralmente elas são lideradas por diáconos, presbíteros, evangelista e por um pastor local, que prestam obediência ao pastor-presidente. Existem também subcongregações, que são comandadas por congregação. Dentro da visão assembleiana, tudo começa com um ponto de pregação (embrião), que geralmente está ligado à igreja mais próxima. Suas atividades começam nas casas dos convertidos, [...]. (CORREA, 2013, p. 142).

Os relatos dos teóricos dessa pesquisa nos revelam essa dinâmica em lidar com *pontos de pregação*. O pastor responsável pelo campo faz visitas periódicas na casa de um membro da igreja, de preferência aquele que melhor se localiza. É possível que, em casas como essas, o desempenho evangelístico tende a evoluir instantaneamente. O motivo desse método adotado pela liderança da igreja é que, em melhores localidades, as congregações surgem mais fortes.

Esse é o motivo do crescimento da IAD Betim que, na atualidade, mais precisamente em 2020, conta com aproximadamente 12.000 membros. Hoje a IAD Betim dispõe de 85 filiais (congregações) em quase todos os bairros da cidade de Betim. No interior do Estado de Minas Gerais, há também congregações. Por exemplo, a mais distante se encontra na cidade de Almenara-MG.

3.3 A IAD Betim na sucessão eclesial e na política partidária

No âmbito hierárquico da IAD Betim, a sucessão familiar tem se posicionado como “cabeça” nas áreas eclesial e política. Desde 1994, o pastor José Rodrigues de Araújo (hoje presidente de honra da igreja) recebeu o filho, Nehemias Gaspar de Araújo (atual presidente da IAD Betim e Cimademigo). Ele se destacou como aliado ao lado do pai, sendo hábil para o serviço eclesial e também na esfera pública. Após ter auxiliado o pastor Edir, aos 17 anos de idade, Nehemias assume a filial do bairro Jardim Petrópolis/Betim-MG, no período de 1995 a 1997. Logo depois foi transferido para a cidade de Juatuba, seguindo convicto de sua chamada ministerial. (SILVA; COTTA, 2016, p. 630).

Ainda para Silva e Cotta (2016), a política religiosa brasileira traz a ideia de um indivíduo que se destaca nesse cenário como “cabeça”. Mesmo que os autores tenham atribuído o texto ao Estado Novo e seu interesse no ambiente religioso, em 1930 também é perceptível que na IAD Betim não tenha sido diferente. A ideia de comando está representada a partir das cadeiras maiores nos púlpitos de diversas ADs por todo o país, traduzindo em poder no que há de sagrado no cosmo. “Esse cosmo sagrado produzia o sentido de transcendência da nação. Após breve asserção sobre o mistério da fé no multissecular ritual da transubstanciação, acudido pela análise junjiana, [...]” (SILVA; COTTA, 2016, p. 636).

Para Alencar (2019) a situação se configurava da seguinte forma:

Não é coincidência que, nas igrejas-sede, as cadeiras principais do púlpito sejam distintas das demais. E há um “trono”, uma cadeira central, em que somente o pastor-presidente senta. Na ausência dele no culto, ninguém ocupa esse “trono”. (ALENCAR, 2019, p. 236).

Depois de ampliar e reformar o templo da AD Juatuba em 2000, Nehemias seguiu para o bairro Parque Jardim BH na companhia da esposa, Eliane de Freitas Araújo. No fim de 2004,

o pastor Nehemias voltou para Betim na função de vice-regional ao lado do pai. Ocupou a função de diretor administrativo da igreja, criando a Escola Bíblica para Obreiros (EBO) em 2006. A EBO se tornou de grande relevância, estando entre os maiores do país. O evento é realizado todos os anos no feriado da “Semana Santa”, exceto nos anos de 2020-2021, em função da pandemia de Covid – 19. O espaço público para a realização da EBO é o Ginásio Poliesportivo “Divino Braga”.

A IAD Betim se orientou em novos horizontes em seu cotidiano, pois a cada dia surgia algo inédito para a vida eclesial. Assim como a EBO se tornou realidade, também se inseriu no projeto da igreja a restauração do Centro de Assistência Social Ebenézer (Case). O Case atende centenas de crianças no município de Betim e mantém convênio com a prefeitura municipal, prestando ações sociais à população menos favorecida. Também tem sido fonte de renda para muitas famílias. À medida que a rotina da IAD Betim se direcionava, surgiam outras perspectivas para compor o seu cenário.

Segundo (SILVA, 2013), em 2006 houve outro ato de suma importância para a igreja betinense: a “emancipação” da IAD Betim. Houve um desmembramento da ADBH. Essa eventualidade trouxe para a igreja em Betim autonomia, independência e uma nova sede AD. “O pastor Anselmo Silvestre deu uma procuração para o pastor José

Rodrigues de Araújo, outorgando-lhe poderes para os fins que se fizessem necessários. Com a posse desse documento mais uma vez, o pr. Nehemias foi peça-chave [...]” (SILVA, 2013 p. 8). A seguir, o documento do Termo de Autorização:

Por este instrumento de termo de autorização. A Assembleia de Deus do Estado de Minas Gerais, CGC – 17428079-0001-59, com sua Sede, localizada na rua São Paulo, nº. 1341, bairro Lourdes, na Capital/ MG; através de seu presidente Pr. Anselmo Silvestre, portador da CI nº. M-521.202 da SSP/MG e do CPF nº. 001.023.466-68. Em gozo e uso de suas prerrogativas. Por reconhecimento de mérito ao Pr. Evangélico, José Rodrigues de Araújo, portador da CI nº. M-953.764 da SSP/Mg e do CPF nº. 083.737.016-72. Dirigente titular da Assembleia de Deus – Região de Betim e suas coligações concedendo-lhe pleno e irrevogável poder; sem determinação de prazo, portanto a qualquer tempo, Para, criar e fundar a primeira diretoria independente da Assembleia de Deus de Betim, fazendo constar em seus registros autonomia sobre todos os imóveis, localizados e coligados com à Sede da Assembleia de Deus, da Av. Bandeirante, nº. 211, bairro Chácara – Betim. Fica certo que; todo o domínio e direito sobre os referidos imóveis situados em Betim e regiões coligadas, poderão ser a qualquer tempo transferidos para o domínio da diretoria da Assembleia de Deus, cuja Sede funciona na Av. Bandeirante, nº. 211, Betim/MG. Que fica desde já, desvinculada da Sede da Assembleia de Deus, situada na Rua São Paulo, nº 1341, bairro; Lourdes, toda autonomia administrativa e financeira, sendo esta de ora (sic) em diante, de total responsabilidade do Pr. José Rodrigues de Araújo. Por assim estarem acordados; assinam as partes o presente termo em 03 vias de igual valor e teor, na presença das testemunhas. Betim, 10 de novembro de 2005. (FONTE, ano).

No “Termo de Autorização” acima citado, percebe-se que a natureza da igreja é extensiva à “Região de Betim e suas coligadas”. Isso significa que as cidades de Igarapé, Mateus Leme e São Joaquim de Bicas também continuariam ligadas à IAD Betim. As ADs dessas cidades também eram pertencentes à ADBH e, pelo termo assinado, vincularam-se automaticamente à IAD Betim. Com a posse do termo, os trâmites seguiram para a emancipação, que dividiu opiniões entre ministros das Igrejas ADBH e IAD Betim.

O fato repercutiu nacionalmente, gerando a criação da convenção Cimademigo, homologada na 40ª Assembleia Geral Ordinária (AGO) da CGADB, com o Nº 62, em Cuiabá MT. Esse projeto também fez parte das idealizações do pastor Nehemias. A instituição foi essencial para amparar outros campos em suas necessidades emancipatórias. Também deu suporte às igrejas em processo de emancipação, que aconteceu em várias cidades brasileiras. Um exemplo de suporte emancipatório foi a criação da convenção Comadeleste em João Monlevade-MG.

Foi criado o Instituto Teológico Ebenézer (ITE), tendo grades para os cursos básico e bacharel em Teologia. A finalidade do ITE é ofertar cursos para noivos, escola

de música e treinamento para obreiros. Abriga também o estudo para professores da Escola Bíblica Dominical (EBD). Também se criou o Curso de Aperfeiçoamento dos Professores da Escola Dominical (Caped). A Escola de Líderes das Assembleias de Deus (Elad) também foi necessária, assim como o Departamento de Música da igreja.

Após o jubileu de carvalho (80 anos), a IAD Betim não abandonou suas raízes. Implantou doutrinas internas, conhecidas por usos e costumes. Desde os primórdios, a IAD Betim observou cortes de cabelos para mulheres, usos de adornos e maquiagem e outros costumes. O pastor Araújo sempre focou em conservá-los, pois eram parte da identidade da igreja. Houve dificuldade na IAD Betim em relação aos costumes doutrinários, pois essa discussão é algo que ainda divide opiniões de conservadores e liberais doutrinários.

Isso é observado ocasionalmente ao se tratar dos diferentes perfis de pastores destacados em cada filial (Congregação ligada à Sede). Aparentemente tem se notado que o padrão doutrinário das filiais da IAD Betim segue, em sua maioria, as orientações da matriz. O que difere em alguns casos é a localidade em que a IAD Betim se insere. Nas periferias aproxima-se do que é orientado no geral. As filiais ciclo-vizinhas da Sede, a conduta doutrinária é percebida pelo descumprimento das normativas contidas no parâmetro (Estatuto e Regimento Interno da IAD Betim). Segue orientação do Art. 3 do Estatuto:

A Assembleia de Deus de Betim/MG, por afinidade aos princípios espirituais que professa, compartilha as regras de fé e práticas doutrinárias das demais Assembleias de Deus no Brasil, reconhecendo a convenção estadual Convenção das igrejas e Ministros das Assembleias de Deus de Minas Gerais e Outros – Cimademigo, e a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB, sendo entretanto, autônoma e competente para, por si mesma, resolver qualquer questão de ordem interna e externa, administrativa ou espiritual, que surgiu na Sede ou nas Filiais. (ESTATUTO DA ASSEMBLEIA DE DEUS DE BETIM, 2018, p. 2).

Os passos hierárquicos vistos em ADs em diversas regiões brasileiras serviram de modelo para a sucessão eclesial e política da IAD Betim. O pastor José Rodrigues de Araújo passou o cargo de presidente da igreja para o filho Nehemias Araújo. O pastor veterano foi nomeado presidente de honra da IAD Betim e Cimademigo. Essas sucessões têm sido frequentes, pois é uma estratégia adotada pelas famílias pastorais, a começar pela família Bezerra da Costa na CGADB e Cpad. Nesse caso, o filho trocou de instituição com o pai. O pastor José Wellington Bezerra da Costa (pai) assumiu o Conselho

Administrativo da Cpad. No entanto, o pastor José Wellington Costa Junior lidera a CGADB.

Segundo Correa (2020b), as sucessões familiares nas ADs ocorrem por três linhas: “reta, colateral e por afinidade”. A primeira pode ocorrer por meio de “avós” a “bisnetos”, sendo possível seguir em linha hereditária. A segunda gira em torno dos irmãos, podendo incluir na sucessão os tios e primos também. Na terceira, acontece por afinidade familiar, tendo a participação de cunhados, dos sogros e também de genros e noras. Marina Correa (2020b) salienta que a terceira possui as mesmas prerrogativas das outras. O que difere é que ela possui vínculo com o Código Civil, onde ela cita “os artigos de 1.591 a 1638 (Brasil, 2002).” (CORREA, 2020b, p. 104).

Para Alencar (2019), a sucessão pelo grau de parentesco sendo protótipo da CGADB, é a forma mais comum na substituição institucional das ADs. Nesse caso, o parente mais próximo assume à frente do comando. No início, essa linha de sucessão não era aceita, pois os pastores possivelmente temiam a acusação de nepotismo. “Isso vai caracterizar as cúpulas dos ministérios no 3º período, no qual o filho (ou genro) é pastor auxiliar ou vice-presidente, esperando apenas o pai/sogro morrer para herdar o *trono*.” (ALENCAR, 2019, p. 236).

Os pastores veteranos que compreendem a primeira geração no cenário pentecostal AD não se preocuparam em investir em sucessões ministeriais. As gerações chegavam não tinham interesse e nem mesmo incentivos para que pudessem continuar o legado. Eles cuidaram em deixar um legado moral e firme na igreja onde se destacaram. “[...] a primeira geração de pastores não fez sucessores consanguíneos, os pastores ficaram mais de sessenta anos investidos nos cargos de pastores-presidente.” (CORREA, 2020b, p. 158).

Pelo mesmo procedimento, houve transição de cargo familiar para a convenção Cimademigo, que está sob comando da família Araújo. Outrora, essa convenção se legitimava com a nomenclatura Comadcom. O presidente era o pastor Oscar Antunes, também presidente da AD Divinópolis-MG. Com o falecimento dele, a liderança da igreja foi passada aos filhos. Em acordo com a igreja em Betim, ficou decidido que 60% dos cargos convencionais ficaria a critério da família Araújo e 40% desses com a família Antunes. Seguindo na linha de sucessão, as duas famílias no comando principal da Cimademigo ainda são Araújo e Antunes.

Antes que uma igreja assembleiana se torne uma convenção, ela precisa seguir alguns passos. Primeiro se dá início a um “ponto de culto”. Depois aluga-se um salão. Em

seguida, de acordo com o crescimento e número de membros, compra-se um terreno. Tendo consolidado esses requisitos, essa AD torna-se um “campo” ou “ministério”. Para um ministério se tornar uma convenção estadual é necessário no mínimo trezentos ministros. Obviamente que eles estão filiados em uma Convenção de Estado ligada à CGADB. Tal convenção servirá de ponte para que os ministros sejam arrolados no órgão máximo convencional. Foi dessa forma que a Cimademigo se introduziu através da Cieadespel.

A Cimademigo foi fundada no dia 11 de setembro de 1983 na cidade mineira de Divinópolis. O fundador foi o pastor Oscar Antunes, que a registrou como Convenção de Ministros das Assembleias de Deus do Centro Oeste Mineiro – Comadcom. O primeiro registro em cartório de pessoas jurídicas foi no dia 30/12/1984, ainda com a sigla acima mencionada. A Cimademigo foi registrada em cartório de mesma procedência no dia 30/07/2009, tendo como presidente o pastor José Rodrigues de Araújo. Essa convenção teve a primeira reforma de seu Estatuto Social e Regimento Interno em 27/01/2013, sendo feito o registro em 25/02/2013, com novo presidente: Nehemias Gaspar de Araújo. A segunda reforma do Estatuto Social foi em 18/06/2016, mantendo o presidente.

Sobre a convenção da igreja em Betim, a fundação foi em 1983, porém com outra nomenclatura. Percebe-se que há internamente em sua diretoria a presença familiar. No cargo de presidente está Nehemias Gaspar de Araújo. Nos outros cargos também aparecem membros das duas famílias, sendo 2º vice-presidente Gesiel Araújo Antunes; 4º secretário, Jetro Araújo Antunes. Membros da Comissão Pró-reforma: Elias Gaspar de Araújo, Jetro Araújo Antunes e Samuel Alves de Almeida (genro / família Antunes). Segue trecho do estatuto com as duas nomenclaturas:

Fundada pelo Pr. Oscar Antunes em 11/09/1983, na cidade de Divinópolis/MG, tendo seu 1º registro no cartório de pessoas jurídicas de Divinópolis em 30/12/1984, com a sigla Comadcom – Convenção de Ministros das Assembleias de Deus do Centro Oeste Mineiro, sob o número 671, livro A-7, folha V. 2º Registro no cartório de pessoas jurídicas de Betim/MG no livro “A” sob o número 04167 em 30/07/2009, com a sigla Cimademigo – Convenção das Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus de Minas Gerais e Outros, sendo seu presidente: Pr. José Rodrigues de Araújo. 1ª Reforma do Estatuto Social e Regimento Interno em 27/01/2013, registrado no cartório de pessoas jurídicas de Betim no livro “A” sob o número 04167 em 25/02/2013. Sendo seu presidente: Pr. Nehemias Gaspar de Araújo. 2ª Reforma do Estatuto Social em 18/06/2016; registrado no cartório de pessoas jurídicas de Betim no livro “A” sob o número 04167, sendo seu presidente: Pr. Nehemias Gaspar de Araújo. (ESTATUTO SOCIAL DA CIMADEMIGO, 2016, p. 9).

A IAD Betim, com autonomia através de sua convenção estadual, tem se inserido em esferas eclesiais nacionais. Através de seu presidente, pastor Nehemias Gaspar de Araújo, tem se intensificado em proporcionar a seus ministros cargos importantes dentro da CGADB. O pastor acima citado faz parte da mesa diretora da Convenção Geral, sendo 2º tesoureiro. O cargo nessa convenção muito importa, pois dobra a autoridade do ministro em âmbito estadual. Além de ocupar cargo em convenção de âmbito nacional, Nehemias (Pr) é também o atual presidente da Cimademigo. Essa convenção estadual, nos últimos dez anos, tem se portado como instituição religiosa com nível elevado de poder eclesial, representada em seu líder.

Para Alencar (2019), depois de ter observado três questões fundamentais pontuadas por Weber, “poder, dominação e disciplina”, verifica que esses conceitos são necessários. E para compreender o funcionamento das ADs no geral, eles são fundamentais. Muitos dos pesquisadores das ADs brasileiras terão a mesma percepção no interior dessa instituição. Os anseios da IAD Betim não se reduzem à esfera eclesial, mas também política pela forma do poder dominante e disciplinar. “Em síntese, *poder* gera *dominação*, que se transforma em *disciplina*. Estes três conceitos são fundamentais para nosso entendimento das ADs.” (ALENCAR, 2019, p. 70).

No ano de 2009, a IAD Betim cuidou em observar e estruturar o seu projeto político. O pastor Nehemias Araújo passou pela vida pública do município betinense. Ele se elegeu vereador para o pleito de 2009-2012, filiado ao Partido Verde (PV), na gestão da prefeita Maria do Carmo Lara do Partido dos Trabalhadores (PT). Na primeira bienal, ele foi escolhido vice-presidente da Câmara Municipal de Betim ao lado do presidente da casa, Beto do Depósito. Consecutivamente, elegeu-se presidente desse mesmo legislativo municipal. Para mais dedicação às atividades eclesiais, o pastor Nehemias deixou a vida pública. O projeto continua e incentiva novos aspirantes ao legislativo municipal.

Em entrevista, Nehemias Araújo disse ter trabalhado na Câmara Municipal quando ainda era adolescente. Depois dessa experiência próximo ao legislativo de Betim, ao completar a maior idade, atuou como assessor parlamentar no Congresso Nacional em Brasília. Essa experiência possivelmente o tenha incentivado a trilhar os caminhos da política partidária. “Aos quatorze anos eu trabalhei na Câmara de Betim, como copeiro, estive ali até aos dezoito anos. Após essa experiência estive na Câmara dos Deputados como assessor parlamentar do deputado federal pastor Philemon Rodrigues da Silva”. (ARAÚJO, 2021).

No pleito de 2013-2016, a candidata que concorreu pela IAD Betim não obteve sucesso nas urnas. Uma gestão sem a representação assembleiana na cidade de Betim. Para 2017-2020, foi eleito vereador Elias Gaspar de Araújo. Elias Araújo, como é conhecido, é pastor e irmão do atual presidente da IAD Betim e Cimademigo. Com mais de 50 Projetos de Lei aprovados, foi escolhido pelos colegas vereadores como vice-presidente. Elias legisla ao lado de Klebinho Resende, atual presidente da Câmara Municipal de Betim. Nas eleições de 2020, alterou-se a data para 15 de novembro, em função da pandemia de Covid – 19. Elias Araújo saiu candidato apoiado pela IAD Betim, novamente pelo PV.

Para Correa (2020b), essas sucessões são atribuídas às perpetuações familiares, gerando fortalecimento desses grupos. Nesse campo, sempre há discussões em torno de futuras propostas para o bem-estar da política familiarizada, em que existe uma busca pelo que é legítimo. Também nesse ambiente religioso preza-se pelo que é de alcance visível em diversas esferas, sendo socioeconômico e também político. Isso se norteia pelo fato de haver desacordos externos que possam desestruturar os planos de sustentação familiar.

Busca-se, nessa relação, destaque e legitimação interna, e, portanto, a sobreposição aos demais grupos, além, do favorecimento dentro do próprio grupo familiar, nos cargos, administrativos burocráticos, políticos e no sagrado, diminuindo-se, assim as tensões geradas por sucessões externas ao grupo familiar. (CORREA, 2020b, p. 158).

É comum que grupos externos ministeriais possam entrar em conflito dentro do debate político no âmbito eclesial. Fajardo (2019) aponta para a *geopolítica assembleiana e as cisões ministeriais* que pautaram diversas reuniões da CGADB. Em 1960, pautou-se também “as invasões de campo”, quando um ministério cruzava o limite do outro, provocando desavenças. “[...] determinado ministério instalava-se em localidade onde outro ministério já estava presente, o que poderia criar atrito entre as respectivas lideranças locais, já que os diferentes ministérios não seguem uma lógica de delimitação territorial.” (FAJARDO, 2019, p. 97).

Há sucessões também no Departamento Feminino, União Nacional das Esposas de Ministros das Assembleias de Deus no Brasil (Unemad), ligado à CGADB. O encontro com as esposas de pastores acontece nos mesmos dias das plenárias da Convenção Geral. É liderado por Lídia Costa Dantas, esposa do pastor José Wellington Costa Junior, atual presidente da CGADB. Em 2017, Lídia sucedeu a sogra, Wanda Freire da Costa (1934-

2019). Irmã Wanda, como era conhecida, faleceu no dia 5 de junho de 2019.

A missionária Eliane de Freitas Araújo, primeira-dama da IAD Betim, também exerce a função de “2ª tesoureira da Unemad”. Ela foi conduzida ao cargo no dia 20 de março de 2021 por ocasião da 45ª AGO da CGADB. O esposo dela, pastor Nehemias Araújo, também foi reconduzido ao cargo de “2º tesoureiro da Convenção Geral”. O Conselho Político da Cimademigo, nesse mesmo dia, passou a ser representado por Elias Gaspar de Araújo dentro da Convenção Geral. O mandato desses cargos tem a duração de quatro anos, quando ocorrerá novas eleições. (MP, n. 1632, p. 5, 2021).

O Mensageiro da Paz ainda ressalta:

A filha do pastor Jonas Pinto Neto e Leir de Freitas Pinto não imaginava que as brincadeiras infantis de culto doméstico com o futuro pastor Nehemias Gaspar de Araújo resultassem em um feliz matrimônio que já completou 22 anos. [...]. Hoje Eliane milita na Seara do Mestre, ao lado do pastor Nehemias (líder da AD em Betim– MG), exerce o cargo de 2ª tesoureira da Unemad, lidera a Ucomadep, sem esquecer das atividades ligadas ao Departamento Feminino local. (MENSAGEIRO DA PAZ, 2019, p. 19).

O Ucomadep é o maior departamento da IAD Betim, agregando a união das mulheres, membros da Igreja betinense. Esse setor insere também um dos órgãos mais antigos dentro das ADs: o Círculo de Oração. Antes o CO funcionava à tarde, das 14h às 16h. Nos dias atuais, o horário de reunião foi alterado para a noite, sendo uma vez por semana. Essa alteração se deu em função de muitas mulheres pertencentes à união feminina da igreja trabalharem durante o dia.

O Círculo de Oração da IAD Betim é um departamento que tem sido frequentado por diversas faixas etárias da igreja. A dimensão dele se torna abrangente quando se encontra nas suas dependências os pedidos de oração²⁶. Esses pedidos podem ser colocados em uma sacola ou em uma caixa confeccionada pelas irmãs participantes. Em determinado momento se faz súplicas por pedidos de causas impossíveis.

²⁶ São apresentados a Deus em oração, pedidos de causas impossíveis. Este ato acontece em meados do culto e faz parte da liturgia tradicional do Círculo de Oração.

4 AS RELAÇÕES POLÍTICAS DA IAD BETIM

4.1 A IAD Betim e suas relações políticas com o pentecostalismo

Desde a fundação em 1911, no Estado do Pará, Brasil, as ADs tiveram influências diretas ligadas ao pentecostalismo. Esse movimento de origem política nos EUA chegou ao Brasil com o objetivo de resgatar os “corpos subalternos”, segundo Carvalho (2018). Muito presente e enraizado na vida eclesial dessa igreja, o “poder político” não deixou de operar nas camadas internas e externas da AD. Mesmo não se fazendo percebido pelos fiéis, alcançou lugares desejados, quer seja por força, quer seja por carisma. (CARVALHO, 2018, p. 122).

As camadas internas são compreendidas para estarem nos degraus onde somente alguns “pés suaves” os alcançam. (Isaias 52. 7)²⁷. Principalmente nas decisões burocráticas, somente têm acesso livre os que compõem uma diretoria aclamada. O poder aqui percebido não seria aquele relatado pelo evangelista Lucas em Atos dos Apóstolos: “mas recebereis a virtude do Espírito Santo, [...]”. (Atos 1. 8)²⁸. Não tendo encontrado vaga no degrau espiritual, esse poder revela o exercício de interesse eclesiástico. Em sua prática, não é visto como forma de “virtude”, mas pela maneira imperialista dos homens de fé. Compreendendo a *glossolalia* na forma de protesto, Portella (2012) explica:

A glossolalia, que seria patrocinada pelo Espírito, não deixa de ser um protesto simbólico dos marginalizados da *cultura oficial*, ou seja, é a afirmação que o crente tem/recebe uma sabedoria (misteriosa) que a sociedade, com toda sua *ilustração*, não consegue dar ou chegar a ela. (PORTELLA, 2012, p. 6).

A “política” sempre fomentou as ADs de forma abrangente e eficaz. Seguras de que tenham semeado um terreno fértil, elas encontram a terra preparada (coração), onde a semente (palavra) gera muitos frutos (votos)²⁹. No decorrer desta pesquisa, seguir-se-á o caminho que se fará perceber a IAD Betim nessas estruturas. Os tópicos seguintes transcorrerão de forma que ilustram quais dinâmicas são existentes nessa igreja. Uma análise será realizada no viés político-partidário da IAD Betim, pois lançar candidatos a

²⁷ Isaias 52.7 – “[...]. Prenuncia, também, a proclamação da salvação através do Messias vindouro (ver Rm 10.15; Ef 6.15)”. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p. 1053).

²⁸ (Atos1.8) – O termo original para “Virtude” é *dunamis*, que significa poder real; poder em ação. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p. 1626).

²⁹ Votos – No sentido eleitoral e não como ofertório (doações).

cargos públicos tem sido sua marca registrada. Também será analisada sua capacidade de se relacionar com o pentecostalismo e a política. Apesar de se encontrar os avessos políticos dentro da instituição, Correa (2019) questiona:

[...] seriam os pentecostais apolíticos, alienados e passivos diante do teatro político no Brasil em todo o período pré-Assembleia Nacional Constituinte? Herdeiros dos movimentos de santidade das igrejas evangélicas do século XIX estariam os “pentecostais” somente direcionando suas energias políticas para as “campanhas morais e religiosas” dentro dos seus templos e em suas cruzadas evangelísticas por todo território nacional. (CORREA,2019, p. 43).

O pentecostal apolítico ainda se encontram em grande número dentro da IAD Betim. Por ter convertido em uma época em que diversos ensinamentos demonizavam a política, na atualidade há membros da AD betinense que não valoriza a importância do voto. O pensamento é que o crente não precisa da política e que ela é coisa deste mundo. E, com isso, os candidatos lançados pela igreja não conseguem se sobressair nas urnas. Essa ideia política partidária tem sido trabalhada na igreja de Betim, através de seu presidente, pastor Nehemias Araújo, porém ainda há uma resistência mesmo no ministério.

Com o intuito de transformar a vida das pessoas, o pentecostalismo não se apresentou como apolítico. Ao chegar no Brasil, ele abraçou as causas trabalhistas, deu notas de empoderamento às mulheres. Há relatos de pessoas que lideraram movimentos que tenham valorizado aos que outrora viviam como “corpos subalternos”, a exemplo do pastor “Antônio Torres Galvão”. (CARVALHO, 2018, p. 89). O movimento aliou-se aos vilarejos e favelas, resgatando da subalternidade os que ocupariam, em um futuro não distante, cargos importantes nas igrejas pentecostais. Ao que parece, a comunidade assembleiana escolheu pertencer ao movimento pentecostal e/ou vice-versa.

O pentecostalismo brasileiro derivou-se dos EUA, mais precisamente da comunidade de “pentecostais brancos”. A luta que travava entre os pentecostais mencionados e os “pentecostais negros” nos EUA não obteve força em solo brasileiro com a mesma intensidade. No início de sua implantação no Brasil, o pentecostalismo era visto como fraco e de pessoas fracas. Agia como movimento, porém era subestimado pelas camadas mais elitizadas da sociedade. Isso contava pelo fato de habitar as classes menos favorecidas existentes no Brasil da época. Rocha (2020) ressalta:

O pentecostalismo inicial caracterizava-se por uma rejeição ao intelectualismo teológico e pelos cultos pouco formais e mais emocionais, destacando-se as manifestações de glossolalia, a oralidade e as experiências de cura divina. O pentecostalismo atraiu um público – composto principalmente por negros e imigrantes – que se sentia excluído do intelectualizado protestantismo tradicional. E, embora tenha tido alguma presença no sul agrícola e em outras regiões mais pobres dos EUA posteriormente, a explosão do pentecostalismo se deu entre as camadas mais desfavorecidas dos grandes centros urbanos que surgiam, como Los Angeles e Chicago, por exemplo. Entre seus atrativos para tal público, podemos elencar a já citada aversão ao preparo teológico e ao intelectualismo entre suas lideranças, a maior abertura para a participação de mulheres na liderança das comunidades e a criação de um espaço não segregacionista, em um país onde negros e imigrantes sofriam forte discriminação. (ROCHA, 2020, p. 611).

Ao analisar o histórico desse movimento, Marina Correa (2006, p. 56) aponta seu “surgimento e desenvolvimento”, nunca sendo homogêneo totalmente. As duas igrejas de origem pentecostal no Brasil desde o início do movimento foram a AD e a CCB. Elas nunca apresentaram hegemonia por se diferenciarem dos aspectos doutrinários e institucionais. Também apresentaram visão internamente desigual nas formas de evangelização e liturgias. Essas igrejas também foram as primeiras na evangelização da cidade de Betim.

Para Carvalho (2018), o pentecostalismo operou na esfera mais subjugada da sociedade naqueles dias. Na obra “Pentecostalismo na Esfera Pública”, ele nos remete aos acontecimentos políticos no ambiente pentecostal brasileiro, com informações a partir do “Mensageiro da Paz”. O autor também aponta para a inserção política das ADs desde a década de 1930. O que caracterizou esse viés político foi a busca pelo reconhecimento dos pentecostais nas camadas mais elevadas da sociedade. Somente pela política é que o movimento chegaria aos prestígios das autoridades políticas, eclesiásticas e judiciárias.

Ao se tratar da aproximação das ADs com autoridades políticas do país, preza-se pelo reconhecimento e olhar de alguma autoridade legalmente constituída. Tem-se como exemplo o pastor Paulo Leivas Macalão, autor de muitos hinos da Harpa Cristã. Ele se mantinha muito próximo do governador, de deputados estaduais, federais, senadores e outros mais. Carvalho (2018, p. 87) revela que em 1975 o pastor Macalão recebeu o título de cidadão honorário do estado da Guanabara, conforme Kézia Sotero publicou em nota:

[...], também recebeu em 1975 o título de cidadão honorário do estado da Guanabara conforme nota publicada pela Kézia Sotero. O autor da proposta foi o deputado Sérgio Maranhão – nasceu na mesma cidade de Macalão. Ele era do então partido de oposição, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Naquela legislatura, inclusive 36 dos 48 deputados estaduais eleitos eram do MDB. (CARVALHO, 2018, p. 87).

A aliança entre as ADs e política tem se estendido por todo o percurso histórico dessa igreja. Dos cargos sindicalistas a governadores, foram ocupados por membros das ADs. Para Carvalho (2018, p. 89), é percebido um marco político-partidário com inserção de lideranças evangélicas na esfera pública. Ele se tornou notório em representações bem-sucedidas no país. Na função sindical, atuou o pastor Antônio Torres Galvão que, além de escrever diversos artigos para o “Mensageiro da Paz”, também compunha hinos que fazem parte da HC.

Conforme Osiel Lourenço de Carvalho (2018, p. 91-92), “a liderança de Galvão entre os operários levou muitos trabalhadores da indústria têxtil de outras cidades, como foi o caso de Igarassu, a aderirem ao sindicato”. Mesmo exercendo funções sindicais, Galvão também não abria mão de seus ofícios eclesiais, pois ainda servia à AD como pastor. Após apresentar um projeto de desapropriação de cinquenta hectares de terras, teve reconhecimento populacional. Esse terreno era da Companhia de Tecidos Paulista, que foi transformado em uma área livre do município. Com a morte do governador de Pernambuco Agamenon Magalhães, em agosto de 1952, Galvão assumiu o governo do Estado.

A política baseia-se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano, e produto da natureza humana. A filosofia e a teologia sempre se ocupam *do* homem, e todas as suas afirmações seriam corretas mesmo se houvesse apenas um homem, ou apenas dois homens, ou apenas homens idênticos. Por isso, não encontraram nenhuma resposta filosoficamente válida para a pergunta: o que é política? Mais, ainda: para todo o pensamento científico existe apenas o homem – na biologia ou psicologia, na filosofia e na teologia, da mesma forma como para a zoologia só existe o leão. Os leões seriam, no caso, uma questão que só interessaria aos leões. (ARENDR, 2002, p. 5).

O desempenho político da IAD Betim não teve iniciativa dos pastores em 1977. A observação do cenário político nessa época aconteceu por meio dos membros da igreja betinense. O desafio de se lançar politicamente dentro das ADs ainda era sentido como tabu, pois há indícios de que a política teria sido rejeitada por entenderem que os crentes não deveriam se misturar com as coisas deste mundo. A doutrina que combatia o pensamento político era o “pré-milenarismo”.

Os adeptos assembleianos pensavam que o não envolvimento político os faria mais santos e os colocaria mais próximos de Deus. Nessas condições, eles se viam preparados para o arrebatamento da igreja para se encontrar com o Messias vindouro.

A ideia da segunda vinda de Cristo, em alguns anos passados, estava arraigada nas

ADs. Hoje está presente com mais entendimento e com menos proporção radicalizada entre os membros da AD na atualidade.

Uma “lógica” que vem sendo seguida em várias pesquisas é a de que o pré-milenarismo - pela sua visão pessimista da história e por apontar para uma “redenção” da sociedade apenas após uma intervenção sobrenatural de Deus e a volta de Jesus Cristo – levaria aqueles que o professam à apatia política. Por outro lado, o pós- milenarismo levaria ao engajamento no sentido de “construir” o reino de Deus na terra, trazendo justiça e paz sem a necessidade de uma intervenção sobrenatural de Deus. (ROCHA, 2017, p. 65).

A política no meio pentecostal se passou por avessa no início da igreja no Brasil. Esse ambiente foi sempre ocupado por aspectos teológicos que não tinham ênfase na esfera pública. Com o crescimento e desenvolvimento da igreja, inicia-se o seu pensamento político e acredita-se que a IAD Betim tenha se inserido nesse contexto. “Os primeiros pentecostais vindos da vertente norte-americana, no início do século XX, eram avessos à participação no campo político, sendo mais voltados para as questões teológicas.” (CORREA, 2019, p. 42).

Os encantamentos pela política na IAD Betim surgem com mais força após 2009. Fomentada pelo seu presidente, a dinâmica do aspecto na esfera pública mudou-se em razão do investimento político através das redes sociais da própria igreja. A perspectiva do eleitorado da Assembleia Deus betinense pode ocorrer em um ritmo em que seus membros possam identificar-se como parceiros na caminhada pública. O estilo que rejeitava a política devido a formas pentecostais mais radicais não mais se sobrepõe aos indicativos políticos de hoje.

Esses indicativos, que se tornam positivamente na mentalidade assembleiana da IAD Betim, se norteiam por diversas atualizações vindas da diretoria da instituição. Hoje há uma comissão política coordenada pela convenção Cimademigo que, através do vereador Elias Gaspar de Araújo, a representa diante da CGADB. O conselho político atua como órgão que depende do parecer do pastor-presidente, que influenciará em todos os tipos de decisões. A decisão por ele tomada, como o das prestações de conta, figura como indicativo de saber político da igreja. O Estatuto da Cimademigo estabelece o seguinte:

- I – O conselho Político está diretamente subordinado ao presidente da Cimademigo, o qual definirá os critérios para o bom funcionamento do conselho, bem como a prestação de contas;
- II – Examinar os candidatos que concorrerão aos seguintes cargos: Presidente da República, Governador do Estado, Senador, Deputado Estadual e Federal;
- III – Após analisar os candidatos o Conselho Político emitirá um parecer à Mesa Diretora quanto aos candidatos a ser apoiado;
- IV – Compete à Mesa Diretora, após o parecer do Conselho Político decidir o candidato que será apoiado pela Cimademigo;
- V – A decisão da Mesa Diretora será Homologada em uma Assembleia geral;
- VI – Compete ao Conselho Político apresentar representação contra as Igrejas filiadas à Cimademigo que descumprirem o acordo homologado em Assembleia Geral, sendo as mesmas sujeitas às penalidades do Estatuto Social. (ESTATUTO SOCIAL DA CIMADEMIGO, 2016, p. 31).

O estilo de fazer política adotado pela IAD Betim se baseia na escolha direta a partir dos olhares de seu presidente. Essa prática pode ser associada ao pentecostalismo que foi por via legal, que legitimou poder às camadas inferiores da sociedade. As ADs do Brasil em seu cotidiano têm chegado aos patamares políticos. Neles exerce coerência em suas conexões com distintas alianças da esfera pública. O caminho a ser explorado pela IAD Betim na política partidária não ficará somente no âmbito municipal, mas também em outras dimensões do segmento político.

Para Freston (2006), o fator fenomenológico evangélico tem sido por vezes valorizado pelos sociólogos e outras esferas que o analisam socialmente. Na cultura assembleiana herdada do pentecostalismo, se vê o progresso nos resgates subalternos. Isso ocorre quando o indivíduo se torna livre para falar e desenvolver as práticas de seu ofício religioso. “No âmbito cultural, há uma revalorização do fenômeno evangélico por parte de sociólogos e analistas sociais.” (FRESTON, 2006, p. 25).

Os candidatos pentecostais, principalmente os da IAD Betim, têm se valido dessa cultura para saírem vitoriosos nos pleitos eleitorais. Há uma apresentação do candidato, fazendo-lhe conhecido por sua dinâmica e carisma. Ao se identificar como pentecostal, isso por si só garante a atenção de seu público-alvo. Aquilo que lhe é corporativo e que sustenta seus triunfos pode ser nocivo às camadas positivas da política. “As tendências predominantes na política evangélica, a corporativa e a triunfalista, são desvios que põem em risco tudo de positivo que o crescimento evangélico pode representar na sociedade brasileira.” (FRESTON, 2006, p. 26).

O que acontece no meio pentecostal são os discursos inoportunos que são utilizados por meio de alguns políticos evangélicos. Tais candidatos aos cargos públicos se valem do carisma e dos discursos em tons persuasivos que buscam proveitos no

eleitorado da comunidade de fé. “De fato existem maneiras de ligar religião e política eleitoral que são péssimas: o objetivo de favorecer se grupo religioso, ou de impor a moral pessoal e social de sua religião sobre a população.” (FREESTON, 2006, p. 31).

O ajuste político dentro das igrejas de um jeito bem pentecostal assegura resultados consistentes dando à instituição a valorização necessária. Essa forma de fazer política torna a representação eficaz no ponto de vista nacional em busca do reconhecimento de seus candidatos. A política na IAD Betim começa a ser ajustada através do pastor-presidente da igreja e da convenção. Nos tramites estatutários, o pastor que preside sobre as instituições age de acordo com o que é proposto por ele mesmo.

A comunidade pentecostal perdeu o medo de se pronunciar e assim o faz em qualquer hora, tempo e lugar. Nota-se que há uma configuração nos modos próprios de pensamentos, em que são alcançados diversos saberes entre si. Pode-se perceber que econômica, política e socialmente a cultura pentecostal tem se adequado aos modelos atuais e cada vez mais figurado nas camadas sociais de maneira livre. A começar pelas mulheres da IAD Betim, que somente atuavam no Círculo de Oração e em trabalhos missionários em outros países. Hoje, elas se encontram devidamente credenciadas na convenção Cimademigo. Nesse valor de fala, o padre Francisco Cartaxo (1987) exemplifica:

Fui ver os cultos pentecostais, pois me disseram que há neles muita participação. [...]. Das pregações, o que ficou é que tanto os pastores como os simples crentes não têm medo de falar. Nem acanhamento. Mas a pregação, começando sempre por um texto da Bíblia, interpretado ao pé da letra, fica girando em torno do poder de Deus, do Espírito Santo. Nas várias vezes em que estive nos cultos, nunca escutei uma referência sequer às desigualdades e injustiças sociais. Me lembro de que uma vez falaram de desemprego, mas foi só para dizer que Jesus vai melhorar a vida dos que ‘aceitam Jesus’ (entre os crentes, aceitar Jesus significa se converter). (ROLIM, 1987, p. 9-10-11).

Não se sabe por quanto tempo o ministério feminino atuará de forma limitada em suas funções dentro da IAD Betim. Esse limite implica limites doutrinários impostos a ela. Por exemplo, não transmitir a benção apostólica, não realizar batismos em águas, não exercer atividades sacerdotais que competem aos pastores. Ainda isso não ocorrerá, nem na ausência dos ministros. Mas politicamente elas alcançaram êxito quando foram representadas pela vereadora Zelita Oliveira Silva (MDB) nas eleições municipais de 1982. Sabe-se que, em outras ADs em diversas cidades do país, elas têm ocupado cargos nas Assembleias Legislativas, Congresso Federal, Senado Federal e ministérios ao lado da presidência da República.

O pentecostalismo também legitimou a mulher assembleiana brasileira, atribuindo-a valores sociais dentro de uma comunidade subalterna. O fato de que elas tenham assumido a presidência do Círculo de Oração serviu como início da luta pelo reconhecimento do departamento feminino da igreja. A frustração do empenho ministerial das mulheres nas ADs aconteceu na Convenção Geral de 1930. Um dos assuntos tratados foi a participação das mulheres como pastoras nas Igrejas Assembleianas do Brasil.

Em suma, foram quatro os assuntos discutidos na convenção de 1930, que ocorreu entre os dias 05 e 10 de setembro, na cidade de Natal – RN. Nesse encontro, reuniram-se os pastores suecos e brasileiros. A reunião que definiu as normativas das ADs no Brasil pontuou os seguintes tópicos: “1) O relatório do trabalho realizado pelos missionários. 2) A nova direção do trabalho pentecostal no Norte e Nordeste. 3) A circulação dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*. 4) O trabalho feminino na igreja.” (DANIEL, 2004, p. 27).

Apesar de polêmica, a questão discutida sobre a atuação feminina na igreja também houve duas outras convenções gerais em prol dessa resolução. Em 1983, esse assunto em pauta foi rejeitado por unanimidade. Posteriormente, em 2001, no Distrito Federal, a pauta foi reaberta e mais uma vez sem sucesso foi reprovada pela maioria dos convencionais presentes. Uma observação foi redigida concernente à função ministerial da mulher nas ADs, dando-lhes autonomia parcial de atuação.

As irmãs têm todo direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12. 3-8 [uma referência ao princípio do estado de necessidade]. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar. (DANIEL, 2004, p. 40).

Aproximadamente dos três últimos anos até a atualidade, houve mudança significativa no ministério feminino da IAD Betim. Percebe-se que é algo que ainda divide opiniões dentro da IAD Betim. Alguns poucos ministros defendem a causa ministerial feminina para diversas funções na igreja. Outros não a rejeitam inteiramente, sinalizando repúdio visível em não permitir que as mulheres utilizem os púlpitos das igrejas, mesmo sendo no Círculo de Oração. Em uma ou outra filial³⁰ é aceitável, podendo haver totalidade ou parcialidade na rejeição assumida pela maioria.

³⁰ Filial na IAD Betim corresponde à congregação em bairros da cidade.

Percebendo que o pentecostalismo tenha agido de forma que as mulheres não continuassem nas margens subalternas da sociedade, é importante para se pensar que são essenciais. Aquelas que são eleitas para cargos públicos têm se posicionado com firmeza e dedicação. É notável que a cultura ideológica herdada dos pastores nacionalistas vem perdendo força dentro das ADs no Brasil. Não se tem nenhum relato de que as mulheres evangélicas se constituíssem como ameaça para os homens na política.

As discussões em torno das funções exercidas pela mulher assembleiana foram pautadas somente no âmbito religioso. O assunto repudiado era somente sobre o sacerdócio, que sempre foi um ofício exercido por homens nas ADs brasileiras. Na cultura de dominação, a clareza é perceptível onde a área econômica é explorada, a política é dominada e no contexto social a exclusão é generalizada. A exclusão feminina tende a ser ocultada na teoria, mas gradativamente, na prática, surgem avanços.

[...]. Graças às análises e críticas da ideologia, sabemos que o lugar da cultura dominante é bastante claro: é o lugar a partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social. Mas esse lugar também torna mais nítida a cultura popular como aquilo que é elaborado pelas classes populares e, em particular, pela classe trabalhadora, segundo o que se faz no pólo da dominação, ou seja, como repetição ou como contestação, dependendo das condições históricas e das formas de organização populares. Por isso mesmo é preciso levar em conta a maneira como a divisão cultural tende a ser ocultada e, por esse motivo, reforçada com o surgimento da cultura de massa ou da indústria cultural. Como opera a indústria cultural? (CHAUI, 2008, p. 59).

Os caminhos que levarão as futuras gerações a observarem o contexto com que o ministério feminino é inserido, pode-se pensar em um prazo não distante que mais conquistas virão. O termômetro pentecostal tem aferido a participação assídua entre os jovens assembleianos da atualidade. Eles, sim, poderão ter o discernimento de que os desafios do tempo presente [hoje] terão uma leitura mais apurada. Ainda será possível, através de seminários e resoluções, os trâmites legais que aproximarão as mulheres assembleianas na formalidade ministerial da igreja.

Algo que será possível é o número de pastoras que serão consagradas assumindo por completo o ofício pastoral em demanda das necessidades existentes. Isso tende a acontecer em um futuro breve, pois na política elas assumem com propriedade o exercício pleno da função. No âmbito religioso, basta a conscientização e a percepção do necessário. “O número de missionárias inscritas na Cimademigo é de 485”³¹. No capítulo 2, que trata da competência dessa convenção, o Artigo 4º no item II reza que: “Inscrever

³¹ Relatório do secretário geral da Cimademigo – Mauro Afonso Jales, em 06/06/2021.

e credenciar como membros os diáconos, presbíteros, evangelistas, pastores e missionárias³² indicadas pelas igrejas autônomas a ela filiadas [...]”. (ESTATUTO DA CIMADEMIGO, 2016, p. 11).

Essa nomenclatura *missionária* na IAD Betim tem adquirido uma posição importante interna e externamente. Internamente, elas se destacam pela forma de apresentação pessoal e outras por serem esposas de ministros. Externamente, pela pregação eloquente de uma pentecostal e também pelo fato de pertencerem a uma igreja de grande porte ministerial e por ser maior em números de membros. A função de uma missionária assembleiana betinense seria a mesma ocupada pelas diaconisas de alguns ministérios, porém com prerrogativas diferenciadas.

Isso ocorre pelo motivo de não se ter outra nomenclatura que justifique o cargo a elas ofertado. Elas têm maior proporção quando são enviadas para o exterior, pois em terras distantes desempenham trabalhos sociais e outras atividades eclesiais, com a ressalva de não desenvolverem funções do ofício ministerial masculino. Isso corresponde à realização de batismo em águas, unção com óleo, transmitir a benção apostólica etc. Uma função que lhes é peculiar é a de presidente do Círculo de Oração.

Mas as ADs não subsistirão sem a participação delas. No dia 13 de junho de 1911, na Igreja Batista de Belém, juntamente com os obreiros excluídos, também se relata a integração de algumas mulheres que aderiram a este grupo. Uma delas é a irmã Celina de Albuquerque, a primeira crente a receber o batismo com o Espírito Santo. Nesse grupo, se percebe uma raiz política no interior dessa igreja iniciante. Diante do quadro que ganhou proporção nacional expandindo as Assembleias de Deus, Araújo (2014) explica:

Segundo a Ata nº 222 da Igreja Batista de Belém, na sessão extraordinária de 13 de junho de 1911, treze pessoas se levantaram favoráveis ao ensino pentecostal e foram excluídas da igreja. Foram eles: José Plácido da Costa (diácono moderador); Manoel Maria Rodrigues (diácono e secretário); José Batista de3 Carvalho (diácono e tesoureiro); Antônio Mendes Garcia (diácono); Lourenço Domingos; João Domingos; Maria dos Prazeres Costa; Maria Pinto de Carvalho; Alberta Ribeiro Garcia; Manoel Dias Rodrigues; Jesusa Dias Rodrigues; Celina de Albuquerque; e Maria de Jesus Nazareth. ARAUJO, 2014, p. 15).

É importante se pensar que havia nessa igreja iniciante uma política de regimento interno de viés religioso. O que se torna algo curioso é que possivelmente a maior parte da liderança batista com suas respectivas esposas tenha saído, provocando o incentivo

³² As missionárias da IAD Betim, são devidamente credenciadas na Cimademigo.

nos demais membros. Essa cisão surgiu de desacordos internos nessa igreja. As desavenças ocorridas fazem parte de um pentecostalismo que conferiu legalidade às camadas menos favorecidas.

Sendo a maior igreja do movimento pentecostal, a AD brasileira se consolida pelo número de fiéis diante das demais denominações do país. Dona de seus usos e costumes, destacou-se pelo diferenciamento doutrinário. Além das grandes metrópoles, também está presente na zona rural. “Dentre os pentecostais que vivem no Brasil podemos aqui citar a Assembleia de Deus com o maior número de pentecostais [...]” (SOUZA, 2017 p. 677).

O pentecostalismo como movimento de cunho político tem o próprio poder em resgatar os menos favorecidos da sociedade. Ele fomenta a sustentabilidade dos que aderem a sua crença. Com o passar dos tempos, a mentalidade política dos seguidores pentecostais, através de conhecimento sobre o assunto, poderá fazê-los mais confiantes com a política partidária e a inserção dos candidatos para os cargos públicos do município.

4.2 A IAD Betim e as relações políticas a partir das convenções Cimademigo e CGADB

As convenções nos estados têm suas funções políticas dentro da comunidade, seja de fé ou não. O ambiente político atual permite que pautas eclesiais sejam discutidas livremente em determinado espaço público. Isso condiciona o pastor-presidente a se mobilizar de forma habilidosa para manter diálogos permanentes com as autoridades da cidade. Quando essas autoridades são apoiadas pela igreja, os acordos fluem com mais precisão. Ao se tratar de oposição, a capacidade de dialogar depende da forma com que é apresentado à mesa.

Normalmente, os pastores das ADs sempre esboçaram seus discursos em participação na política do país. Carvalho (2018) lembra que o pastor José Pimentel de Carvalho (1916- 2011) reuniu sua comitiva em audiência com o chefe do executivo, José Sarney. O principal assunto da pauta em discussão constava a participação dos evangélicos na Assembleia Nacional Constituinte (ANC). “Na conversa, o pastor Pimentel disse ao presidente Sarney que as convenções estaduais das Assembleias de Deus já estavam articulando para o lançamento de candidaturas às eleições daquele ano.” (CARVALHO, 2018, p. 112).

A legalidade política, social e econômica conferida às convenções, está vinculada à CGADB. Em função da autonomia nos estados, as comitivas que acompanham o presidente da CGADB em viagens, partem dos dirigentes estaduais que o apoiam. José Pimentel de Carvalho era o presidente da Convenção Geral, na época do encontro com o presidente Sarney. Outro assunto tratado com o presidente da República na época foi sobre símbolos africanos estampados nas notas do *Cruzeiro*, desse 1977. Nas cédulas do *Plano Cruzado*, estava inserida a expressão “Deus seja louvado”. Carvalho (2018) cita o MP (1986).

Dentro de alguns meses, conforme anúncio das autoridades econômicas, às cédulas e moedas do combalido e extinto cruzeiro serão substituídas pelas do cruzado. Os grotescos totens das religiões afro-brasileiras serão substituídos por uma declaração de fé no Todo-poderoso: “Deus seja louvado.” (MP, n. 7, p. 8, 1986 apud CARVALHO, 2018, p. 113).

Os relatos anteriores indicam o empoderamento das convenções estaduais em decidir pautas na esfera pública. Sabe-se que elas se incorporam através do sistema pentecostal que nunca foi apolítico, uma força irresistível. Da formação de um campo à construção de uma convenção, sempre há de se ver fragmentos do poder até nas escalas menores de funcionamento interno. “Estas convenções contam com o auxílio de funcionários cada vez mais qualificados [...], e, além de profissionais, são investidos de poder religioso e político para atuar entre os ministérios associados e a sua equipe de serviços.” (CORREA, 2020, p. 291).

Uma observação de suma importância tem sido o fato de que os atuais pastores que concorrem em cargos públicos não precisam licenciar-se. Houve um tempo nas ADs que os dirigentes de igrejas se afastavam de suas funções eclesiais. Aproximadamente de 15 anos até a atualidade, os candidatos da IAD Betim continuam com suas funções ministeriais e, se eleitos, também conduzem paralelamente os dois segmentos: religioso e político. O presidente da IAD Betim, pastor Nehemias Araújo, confirmou em reunião com ministros no dia 17 de maio de 2021.

A CGADB lançou o *Projeto AD Brasil*, que pretende em cada Unidade de Federação, indicar dois deputados federais e um deputado estadual. Os dois federais, um concorrerá pelo Vale do Aço e o outro pelo Triângulo Mineiro. Para à ALMG é possível que seja um deputado que atuará por todo o Estado de Minas Gerais. [...]. Meu nome foi apreciado pelo Conselho Político de nossa Convenção Geral, então concorrerei nas Eleições de 2022. Também não serei impedido de desempenhar meu ministério pastoral, pois não tenho que estar lá todos os dias, salvo quando houver seções de urgências. Se fosse para Brasília eu não iria, pois a prioridade é meu ministério. (MINISTÉRIO DA IAD BETIM, 2021).

As normativas direcionadas pela CGADB vêm conduzindo as convenções estaduais a se conectarem religiosa e também politicamente. Sendo órgão máximo das ADs no Brasil, a CGADB segue na criação de mecanismos que a propaguem através de seus projetos. Um desses projetos que é de cunho político é a “cidadania AD Brasil”. Ele tem por finalidade promover a consciência política primeiramente aos ministros, podendo influenciar a membresia das ADs em todo território nacional.

Para Correa (2018), a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil atua de forma “extremamente política”. Contudo, suas prerrogativas soberanas não a constituem como órgão que interfere nas convenções dos estados. Isso não a gabarita em termos de substituição e indicação de ministros ou em outras atribuições de competências estaduais. O intuito da Convenção Geral consiste em unir as ADs brasileiras.

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil continua implantando projetos de desenvolvimento. Para isso, criou o Conselho político, que tem por finalidade coordenar o projeto “Cidadania AD Brasil”, que desenvolve a consciência política na liderança das Assembleias de Deus no Brasil e gerencia o lançamento de candidatos oficiais da denominação nos pleitos eleitorais em todo Brasil. [...], a CGADB é extremamente política, apesar de não ter poder legal sobre as convenções estaduais/ regionais, das quais não recebe subsídios – e sobre elas não detém poderes para designar ou substituir os seus associados, pastores e evangelistas em suas igrejas filiadas, que estão sujeitos às suas Convenções em seus Estados. Apesar de suas competências, segundo a CGADB, a sua finalidade final é de “(...) promover a união e o intercâmbio das Assembleia de Deus”. A CGADB possui “... aparência congregacional, mas o seu conteúdo é episcopal”. (CORREA, 2018, p. 149).

O pensamento político da IAD Betim chegou até à Cimademigo. A conscientização que posiciona os seus convencionais com a política partidária da cidade tem sido feita por meio de reuniões ministeriais periódicas. A proposta política também tem se inserido através de seminários e nos cursos preparatórios para obreiros. No capítulo I, no terceiro item do Artigo 3º, que fala das finalidades da Cimademigo consta “promover o desenvolvimento espiritual, moral, cultural, educacional e político dos membros das Assembleias de Deus no estado de Minas Gerais e outros [...]”. (ESTATUTO DA CIMADEMIGO, 2016, p. 11).

No contexto atual, têm sido muitos os discursos que giram em torno da ética na sociedade. É possível que o pensar pentecostal tenha se baseado na forma de conduta do protestantismo que, para Alves (1982), reluz sobre a individualidade social protestante. Embora as transformações no mundo tenham percorrido o caminho ético, nas igrejas evangélicas tem sido um assunto pouco debatido. “A ética social, portanto, não é uma parte essencial deste universo protestante. O protestante pode dizer tudo o que deve ser

dito sem se referir uma vez sequer à necessidade de transformação do mundo.” (ALVES, 1982, p. 216).

Em tempos anteriores, como na década de 1970, o espaço para debates de natureza política não encontrou prioridade na igreja AD para essa ocasião. O que se tinha em pauta era a doutrina pré-milenarista que direcionava os pensares do campo religioso a meditar em *iminente vinda do messias*. Hoje essas doutrinas têm sido pouco mencionadas nas igrejas, abrindo espaços para debates mais frequentes na atualidade, como é o da política. Entre os pentecostais, é certo que a consciência e inserção na esfera pública virá através das convenções. A necessidade da inserção política do momento tem sido debatida pelos pastores- presidentes de convenções e também através dos que presidem campos. A maior preocupação no meio pentecostal tem sido a continuação da doutrina familiar tradicional e os princípios morais e éticos da sociedade. O meio de conscientização dessa comunidade de fé é introduzido pelos ensinamentos das *Lições Bíblicas* da EBD. Essa forma de ensinamento acontece sempre aos domingos, das 8h às 10h, na maioria das ADs no Brasil.

O estudo aplicado pela IAD Betim segue na dinâmica das ADs no país. A logística prática de ensino é dividida por classes e faixas etárias correspondentes às revistas, contendo dois ou três professores por média de 15 a 25 alunos nas classes. Esse corpo docente da igreja é constituído por membros veteranos que também em um dia anterior ao estudo passam por aulas ministradas por outro professor da igreja sede. Logicamente ele tenha se discipulado com o comentarista da respectiva revista da EBD ou até mesmo por meio de subsídios publicados.

As publicações são procedentes da CPAD, que se encarrega de escolher um comentarista que tenha desenvolvido um tema de acordo com a necessidade da igreja AD brasileira. As ADs são divididas em diversos ministérios, porém sua forma bíblica doutrinária tem sido unânime. Esse modelo acompanha o plano político interno orientado pela CGADB. Essa política não terá oposição, pois tem a aceitação dos presidentes das convenções nos estados. Segue-se pelo exemplo da Cimademigo e de outras em Minas Gerais. Correa (2018) fala da Associação Geral das ADs.

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, segundo os seus idealizadores, surgiu como uma espécie de evento conciliatório entre os membros das ADs. Estes encontros começaram a ocorrer na década de 1920, como já dito anteriormente. Após a Convenção de 1930, com a expansão do movimento pentecostal em todas as regiões do país, o movimento foi adquirindo corpo ou se burocratizando e, após muitos ajustes, passou a ser denominada Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB, registrada como pessoa jurídica, em 1946. (CORREA, 2018, p. 140).

As relações que a IAD Betim tem com a CGADB sempre acontecerão por meio da Cimademigo e através dos ministros associados. Sem esse vínculo não há possibilidades de dinamizar esforços que venham ascender igrejas locais. Somente pelo aval do presidente geral é que o funcionamento das camadas inferiores – convenções estaduais e igrejas locais – é que o desenvolvimento eclesial periférico ou urbano subsistem.

Não basta suficientemente os esforços por meios das igrejas associadas. Antes é preciso que haja interesse do presidente da convenção no estado respectivo, em estar de acordo com as ideias do órgão maior. O efeito dessas relações surge de aproximações e de lealdade do pastor que preside no estado para com o pastor geral. Os acordos vinculados ao pertencimento da casa os mantêm em fortes laços de amizade. Constrói-se uma aliança duradora em uma esfera que permite as relações políticas dentro dessa instituição religiosa. Correa (2018) observa o estatuto interno de uma convenção no estado paulista.

Analisando o estatuto interno de uma convenção estadual, COMADESPE – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado de São Paulo e Outros, observamos que há uma convenção reconhecida pela CGADB, conforme registro nº 026, e sob o número de ordem 37.140 em 15/01/1982, no Cartório do 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos da Comarca de São Paulo, que tem em seu Capítulo III – Dos Membros, Direitos e Deveres e suas Contribuições. (CORREA, 2018, p. 144).

Partindo da premissa de submissão das convenções estaduais para com a CGADB, se percebe o alinhamento fraternal. Pela existência de cargos de confiança dentro da instituição, algumas convenções dos estados conseguem os primeiros que são disponibilizados pelo presidente-geral. É desses cargos que se seleciona a comitiva que acompanha o pastor-presidente da CGADB em participações nos eventos de cunho político, visitas ao Palácio do Planalto etc.

No dia 28 de setembro, o pastor-presidente da CGADB, José Wellington Costa Júnior, reuniu-se com alguns pastores representantes estaduais. Eles depois se encontraram com o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Esse evento em Brasília serviu para fortalecer a parceria do governo do país com as Assembleias de Deus. Para além dos pastores-presidentes de convenções de estados, estava também compondo a comitiva Ronaldo Rodrigues de Souza (diretor executivo da CPAD) e Abiezer Apolinário (presidente da Comissão Jurídica da CGADB).

Para representar politicamente as ADs, o evento contou com a presença do deputado federal pelo Estado de São Paulo, o pastor Paulo Freire (irmão do presidente da

CGADB), outros parlamentares da Bancada Evangélica e a ministra Damares Alves. O representante das convenções mineiras nessa comitiva pastoral foi o pastor-presidente da Cimademigo, Nehemias Araújo.

Na ocasião do evento, o pastor Wellington Junior presenteou o presidente Bolsonaro com um exemplar da Bíblia e o livro dos 100 acontecimentos que marcaram as Assembleias de Deus no Brasil. Jair Bolsonaro também recebeu uma placa contendo a ata mais antiga da Convenção de 1933 no Rio de Janeiro. Ele recebeu a oração feita pelo presidente da CGADB com a finalidade de abençoar a família Bolsonaro e também a nação brasileira. O jornal *Mensageiro da Paz* relatou sobre o evento.

[...]. Na ocasião, o pastor José Wellington Costa Junior presenteou o presidente da República com um exemplar da Bíblia da Assembleia de Deus no Brasil, que traz um encarte especial contando a história da denominação, apresentando sua estrutura organizacional no país e contendo um resumo da Declaração de Fé assembleiana; e também com um exemplar do livro 100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil e uma placa trazendo a reprodução das primeiras folhas da ata mais antiga das assembleias gerais realizadas pela CGADB, da Convenção de 1933, no Rio de Janeiro. No encontro, a CGADB firmou parcerias com o governo federal, visando ao crescimento das Assembleias de Deus em todo território nacional. O presidente Bolsonaro também falou a respeito da escolha dos dois nomes que apresentará para ocupar vagas no Supremo tribunal Federal durante seu mandato. Ele reafirmou o compromisso de que um dos nomes será um evangélico. Durante a reunião, o presidente da CGADB orou pelo presidente da república pedindo as bênçãos de deus para ele, sua família e a nossa nação. [...]. (MENSAGEIRO DA PAZ, 2020, p. 3).

Dessa forma, a IAD Betim e a Cimademigo se relacionam com a CGAB. Conforme Fajardo (2019), as ADs no Brasil chegam na atualidade com quatro lideranças de peso, definidas por “eras”. A primeira se inicia com o missionário Gunnar Vingren no período correspondente de 1911 a 1932. Com a Convenção Geral instituída, a era posterior ocorreu na gestão do pastor Samuel Nyström, de 1932 a 1946. Em seguida, Canuto/Macalão, de 1946 a 1980. O período mais duradouro das gestões nas ADs e à frente da CGADB foi a administração Wellington, de 1980 em diante.

É peculiar que a CGADB de 1957 realizou-se de 15 a 17 de novembro no Templo Central da Assembleia de Deus em Belo Horizonte. O evento geral das ADs aconteceu em Minas Gerais pela primeira vez de sua história com 300 convencionais. E foi na igreja anfitriã mineira que o pastor Cícero Canuto de Lima foi eleito pela terceira vez presidente da Convenção Geral. “[...] foi eleita a nova mesa diretora, formada pelos pastores Cícero Canuto de Lima, presidente; Alcebíades Pereira de Vasconcelos, vice-presidente;

Eugênio Martins Pires, 1º secretário; e Delfino Brunelli, 2º secretário.” (DANIEL, 2004, p. 314).

O sistema de perpetuação das dinastias nos diversos ministérios em redor do Brasil pode ter seguido esse modelo criado pela família Bezerra da Costa. Essa dinâmica familiar segue nos âmbitos religioso e político. Todos os filhos são pastores das ADs e alguns estão na vida pública. As filhas seguiram o caminho da política, sendo uma no legislativo municipal e outra na Assembleia Legislativa de São Paulo - SP.

O filho é José Wellington Bezerra da Costa Junior, atual vice-presidente do Ministério do Belém e pastor setorial da igreja de Guarulhos/SP. Desde 2017 é o presidente da CGADB, sucedendo ao seu pai na função. O casal José Wellington e Wanda Freire (falecida em 2019) teve outros três filhos (todos pastores) e duas filhas. Joel Freire, já foi deputado estadual e atualmente reside nos EUA, onde é pastor da AD Belém na cidade de Lighthouse Point, Flórida. Paulo Freire é presidente da AD de Campinas/SP e deputado federal. Marta Costa é deputada estadual de São Paulo/SP. Foi também suplente do senador Aloísio Nunes (PSDB/SP) na legislatura 2011-2019. Rute Costa é vereadora na cidade de São Paulo. (ARAÚJO, 2012). Samuel Freire é pastor do setor de São Mateus, Zona Leste de São Paulo. (ARAÚJO, 2012 apud FAJARDO, 2019, p. 127).

Dessa forma, estabelece-se o relacionamento da IAD Betim e Cimademigo para com a CGADB. Orienta-se em submissão ao órgão máximo das ADs o quesito do Capítulo III – Artigo 6º e § 4º, que diz: “Os membros da Cimademigo não poderão congregarem nem apoiar trabalhos de ministros já desligados da Cimademigo, da CGADB ou de uma das igrejas filiadas [...]”. Nessa visão acordada entre as duas convenções, criam-se vínculos de fortalecimentos para não haver cisões a partir dos ministros filiados. (ESTATUTO SOCIAL DA CIMADEMIGO, 2016, p. 13).

4.3 IAD Betim: relação e atuação de seus candidatos na política partidária

A IAD Betim nos primeiros passos de sua caminhada cuidou em organizar seu campo de trabalho eclesial. Ela seguiu na orientação de preservar os costumes doutrinários, sendo uma de suas premissas na área de atuação. Esses princípios de doutrinas colaboraram para que a igreja se preocupasse em direcionar seus adeptos à tradição. Os ensinamentos de cunho assembleiano nortearam os membros em toda a jornada de fé. Isso os fazia conhecidos por onde andassem aplicando-se esse princípio ao âmbito religioso apolítico.

Para Carvalho (2018), na AD brasileira a política se insere de forma bem discreta a partir de 1930, por iniciativa do pastor Paulo Leivas Macalão. Para o autor, a família Macalão possuía privilégios de estar sempre ao lado de grandes autoridades políticas do país. É certo que Macalão tenha sido influenciado politicamente por Lewi Pethrus, que o consagrou ao ministério de pastor aqui no Brasil. Pethrus também liderou o movimento pentecostal sueco. “[...] um dos fundadores do movimento pentecostal na Suécia.” (CARVALHO, 2018, p. 51).

Com o desligamento dele da Igreja Filadélfia, em 1958, Pethrus criou “uma organização filantrópica e, em 1964, o Partido Democrata Cristão (PDC)”. A influência política desse pastor sueco percorreu os bastidores ministeriais das ADs no Brasil e resultou na ocupação de cadeiras no parlamento por membros do partido criado por ele. Ele também atuou como líder pacificador na primeira Convenção Geral de 1930 em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. (CARVALHO, 2018, p. 50-51).

Essa instrução serve como ponto de partida para descrever de que maneira o pensamento político-partidário tenha se inserido nas ADs no Brasil. Essa noção política de forma gradativa teria chegado a Minas Gerais a partir do deputado estadual João Gomes Moreira, em 1959. Sabe-se que Moreira foi um dos primeiros políticos evangélicos do Brasil e membro da Assembleia de Deus de Belo Horizonte. Aos poucos essa visão na esfera pública alcançou a IAD Betim. Porém Correa (2019) pondera sobre a postura de distanciamento político assembleiano.

A postura de afastamento da política como algo mundano e até “diabólico” por parte da liderança pentecostal exigia, mas não deixou de ter pastores corajosos em caminhar na Rampa do Congresso Nacional. Em 1986, com a ANC, é possível deduzir que houve uma mobilização geral, ou melhor dizendo, a institucionalização cujo mérito foi a adesão dos líderes mais conservadores ou a erupção do vulcão adormecido, pois a maneira que os pastores se lançaram na política, era de grupos preparados para o enfrentamento nas urnas, mesmo porque, eles, os pastores, sabiam sobre os números de suas membrações, e isso, - os números de votos pentecostais -, iria gerar em futuro bem próspero e uma concorrência fortalecida entre os candidatos seculares. (CORREA, 2019, p. 48).

É possível lembrar que Moreira deu o prosseguimento político evangélico na ADBH. Depois disso, vem seguido dos demais deputados estaduais: José Maria Pinto e Djalma Diniz. Isso possibilitou no âmbito federal uma cadeira na Câmara dos Deputados para o pastor Philemon Rodrigues da Silva e Isaías Silvestre, presbítero da igreja e filho do pastor Anselmo Silvestre.

No espaço público que compreende a esfera estadual e federal, os candidatos obtiveram votos devido ao carisma do reverendo Silvestre. Ele atuou como presidente da ADBH e Comadeng que, tendo acessos favoráveis nas ADs mineiras, conseguia influenciar a membresia a votar nos candidatos indicados por ele. Correa (2020) revela o carisma através de mito que auxilia os pastores das ADs, mesmo quando o assunto é política. Alguns políticos da AD mineira saíram vitoriosos nas urnas em função desse mito carismático.

Os relatos místicos sempre começaram com histórias dos acontecimentos de fatos imaginários, de um tempo mais remoto e originário no interior de cada cultura. Por isso, os mitos sempre trazem uma afirmativa que tende a ser reproduzida no futuro passando por representações em um determinado momento e espaço, reproduzindo, assim, a si mesmos. (CORREA, 2020, p. 57).

Se no sentido político federal as ADs pensaram política a partir de 1930, no estado mineiro isso somente torna-se realidade em 1959. No município de Betim, esse norte passa a ser pensado na IAD Betim a partir de 1977. A iniciativa que surgiu dos próprios membros teve José Egídio da Silva como precursor político da igreja. Ele mobiliza o recinto religioso e se candidata para o pleito em vigência. Nas campanhas de 1976 e 1982 a iniciativa era dos próprios candidatos. Não havia interesse da direção da igreja nesse sentido.

Algo de grande relevância para a IAD Betim foi a representação do departamento feminino da igreja no legislativo da cidade. Zelita de Oliveira e Silva foi eleita vereadora na legislatura que compreenderam os anos de 1982 a 1988. A participação da mulher assembleiana na política partidária concede a elas pleno exercício de suas funções no mandato. Politicamente elas agem com total autonomia, sem que haja uma interferência religiosa. Isso na política, pois em algumas áreas eclesiásticas elas desempenham as funções com mais restrições.

Concernente às legislaturas, Egídio fala sobre a gestão do prefeito Osvaldo Franco e registra a passagem dele pelo MDB e PDS. Ele registra a composição da chapa eleita para o pleito de 1982 a 1988, com o prefeito Nilton Amaral Franco. Egídio ressalta as necessidades das prorrogações dos mandatos nas legislaturas e fala também do cumprimento do mandato da vereadora Zelita pelo MDB.

De 1977 a 1982, a chapa eleita foi: Osvaldo Rezende Franco, vice-prefeito, Marcos Braz, partido MDB. De 1982 a 1988 chapa prefeito Nilton Amaral Franco, vice- prefeito Tarcísio Eustáquio Braga, partido MDB. De 1977 a 1988 estive filiado no MDB. De 1982 a 1988 no PDS. A irmã Zelita esteve filiada no MDB e cumpriu o seu mandato integral de 1982 a 1988. Quanto à prorrogação de mandatos, fala-se em coincidência de outros mandatos. Por outro lado, falam também de surgimentos de outras siglas partidárias tais como PT, PDT, recriação do PTB etc. As autoridades eleitorais diziam não haver tempo para as normas necessárias para realização do pleito (eleição) dentro do prazo regimental. Me parece que o mesmo problema ocorreu com os dois períodos prorrogados. (SILVA, 2020)³³.

Após 1988, a igreja IAD Betim volta a ocupar uma cadeira na Casa Legislativa em 2009 pelo atual presidente, pastor Nehemias Gaspar de Araújo, que cumpriu o mandato na legislatura (2009-2012). No primeiro biênio, ele foi escolhido vice-presidente da Câmara dos Vereadores. No segundo, foi eleito presidente. “Durante 2011, adotamos práticas legislativas modernas para dinamizar o trabalho da Câmara a fim de que a tramitação dos projetos ocorresse de uma forma mais ágil”. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 3).

Na legislatura seguinte não houve representantes da IAD Betim para o legislativo da cidade. O pastor Nehemias se viu na necessidade de organizar e dedicar-se aos trabalhos eclesiais. Por isso, deixou sob livre espontânea vontade dos membros participarem das eleições em 2013. Em 2017, o irmão dele, Elias Gaspar de Araújo, foi eleito vereador e posteriormente vice-presidente, ao lado de Klebinho Resende. Em 2020, Elias Araújo, como é conhecido, foi suplente.

No que diz respeito às relações políticas dos candidatos assembleianos na cidade de Betim, num apanhado geral, eles se posicionam normalmente favoráveis ao diálogo com a oposição e demais setores. Os caminhos de sensatez traçados pelos políticos da IAD Betim os direcionam para que as perspectivas de seus mandatos sejam para o benefício comunitário. Como primeiro político assembleiano na cidade, Egídio representou a comunidade betinense na indicação de diversas obras em parceria com alguns setores na cidade.

A relação de Egídio no ambiente político da cidade teria sido boa, segundo ele. Também ressaltou que o vereador presidente da Câmara naquela época cuidava do administrativo da casa legislativa. Cuidava das representações junto ao legislativo e também da fiscalização de obras, dando suporte aos demais vereadores. Segundo ele, em

³³ Por mensagem via WhatsApp em 23/09/2020.

sua época não havia apresentação de projetos feitos pelos vereadores. No alcance de um vereador estavam apenas as indicações que demandavam o município. Essas indicações eram apresentadas ao executivo e, dependendo das necessidades que surgiam, eram aprovadas.

Com as eleições realizadas em 1976 para a 9ª Legislatura, a composição da diretoria da Câmara Municipal de Betim seguiu dessa forma para o ano de 1977: presidente, José Egídio da Silva; vice-presidente, Osvaldo Ângelo do Pinho; secretário, Domingos Pinto da Silva. O efetivo de parlamentares no legislativo obteve um número de 16 vereadores. Todos cumpriram mandato integral, na legislatura dos anos de 1977 a 1982.

Para a 10ª Legislatura, José Egídio da Silva e Zelita Oliveira Silva foram eleitos nas eleições de 1982. A diretoria da Câmara Municipal foi composta pelos seguintes vereadores: presidente, Wilson de Oliveira Antunes; vice-presidente, José Martins da Silveira; primeiro secretário, Antônio Braighi; segunda secretária, Zelita de Oliveira Silva. Os parlamentares para essa legislatura somaram um total de 17 vereadores, no pleito que correspondeu de 1983 a 1988. O próximo vereador membro da IAD Betim é o pastor Nehemias Araújo. Quando adolescente, trabalhou nessa casa legislativa até os 18 anos, como dito anteriormente. A trajetória pública dele na cidade teve início no conselho tutelar. Ele ingressou na política partidária da cidade em 2009. Nehemias Araújo cumpriu todo o mandato de vereador. No primeiro biênio, foi vice-presidente do legislativo ao lado do vereador Beto do Depósito. Atuou também no segundo biênio como presidente.

Na 16ª Legislatura (2009-2010), a diretoria da Câmara foi composta da seguinte forma: presidente, Carlos Roberto de Carvalho; primeiro vice-presidente, Nehemias Gaspar de Araújo; segundo vice-presidente, Marcos Antônio da Paz; primeiro secretário, Marcos Siqueira Alvarenga; segundo secretário, Waldir Cardoso Teixeira. Nessa legislatura, se tem a participação de um segundo vice-presidente³⁴.

Para compor a diretoria de 2011 a 2012, a nomeação foi a seguinte: presidente, Nehemias Gaspar de Araújo; primeiro vice-presidente, Marcos Antônio da Paz; segundo vice-presidente: José Antônio de Oliveira; primeiro secretário, Waldir Cardoso Teixeira; segundo secretário, Wagner Devair Rosa. Percebe-se que há a inclusão de dois vice-presidentes, tais como a de dois vereadores para serem secretários da presidência da Câmara³⁵.

³⁴ <https://www.camarabetim.org>>. Acesso em 30/06/2021.

³⁵ Idem.

O mandato de Nehemias, eleito pela sigla PV, com o número 43044, foi marcado pela atuação de vice-presidente e presidente da casa do Legislativo em Betim. Também atuou na criação de projetos que vieram a beneficiar a comunidade em sua totalidade. Um dos projetos foi o *brasão como marca oficial dos governos*. Essa iniciativa teve como objetivo cortar gastos públicos, permitindo a utilização do brasão em peças de publicidade, sendo também obrigatório na plotagem de carros oficiais e em placas, válidas para os poderes Executivo e Legislativo.

Em 2013, o brasão do município começa a ser utilizado, tanto pela prefeitura quanto pela Câmara Municipal de Betim. Para tal objetivo, a população se beneficiaria de um símbolo que, definitivamente, representaria o município. A professora Andréa Araújo alerta para a benfeitoria ao povo, ofertada pelo prefeito e não por uma marca de governo. “O uso do brasão é o exercício da cidadania. Afinal, será adotado um símbolo criado para representar a cidade”. Para esse projeto, Nehemias explica:

O político que quiser deixar sua marca de governo terá que usar seu trabalho para isso. O dinheiro gasto com a troca de logomarcas poderia ser investido em áreas com grandes demandas, como saúde e segurança. Assim, acabamos com promoção pessoal e evitamos gastos desnecessários com a publicidade. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 7).

Outro projeto de autoria do pastor Nehemias como presidente foi o da *Escola do Legislativo*. Ela visa o preparo dos vereadores e não demanda custos ao legislativo. Além do investimento na qualificação dos vereadores, também possui parceria com o *Interlegis*, órgão que assessora o legislativo e possui vínculo com o senado federal. É também de alcance dos servidores da Câmara. “[...] desenvolvido em parceria com o Banco Interamericano de desenvolvimento (BID), que visa a modernização e integrar o Poder Legislativo nos seus níveis federal, estadual e municipal”. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 5).

O terceiro projeto de autoria do vereador Nehemias foi o *Mérito Lojista*, que uniu em primeira mão a iniciativa privada e o poder público. Isso foi algo que permitiu aos comerciantes o reconhecimento por seus trabalhos prestados ao município de Betim. Foi instituído o Dia do Lojista, na oportunidade em que as representações do poder público e iniciativa privada estiveram juntas no mesmo evento: a Câmara Municipal de Betim e a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL – Betim).

Esse evento contou com a participação do Padrinho do Mérito Lojista 2011, o Senador da República do Brasil, Aécio Neves. O senador recebeu homenagem do

presidente do Legislativo, Nehemias Araújo, e também do presidente da CDL- Betim, o senhor José Barboza. Através de uma pesquisa de opinião, foram escolhidos outros lojistas para a premiação. Os agentes realizaram a pesquisa em portas de lojas, verificando o nível satisfatório dos clientes. “Ao apoiar este evento, a Casa mostra seu papel na sociedade que, além de ser uma fiscalização do poder público, trabalha no fomento ao desenvolvimento econômico de Betim, ajudando a gerar emprego e renda”. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 25).

Ainda na gestão de Nehemias à frente do legislativo, foi aprovada também uma emenda à Lei Orgânica na cidade, alterando o número de vereadores do município de 17 para 23. Essa emenda teve o objetivo de adequar o efetivo do legislativo à realidade em que se encontrava o município com seu número de habitantes, no caso de Betim com mais de 450.000. A adequação se baseou na “Emenda Constitucional nº 58, derivada das PECs 336/09 e 379/09, aprovadas pelo Congresso Nacional, que redefinem o número máximo de vereadores nas câmaras de acordo a população do município”. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 7).

A nova medida por meio dessa emenda não alterou a folha de pagamento do legislativo, pois o repasse das verbas continuaria, em função de não gerar custos para o setor legislativo. O número de eleitores para essa legislatura é de 21.500 para cada vereador em pleno exercício de suas funções. Com o rápido crescimento da cidade, ao ter atraído trabalhadores de diversas cidades brasileiras, o avanço demográfico se encarregou de aferir e registrar a quantidade de eleitores com inscrições recentes ao TRE. “Na 16ª legislatura, são 21.500 eleitores para cada parlamentar.” (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 8). Sobre os gastos, a explicação sobre o repasse de verbas para a Câmara é a seguinte:

O repasse de verbas para o funcionamento da Casa, no entanto, não sofrerá alteração, ou seja, não haverá nenhuma despesa adicional. Quando a população de Betim ultrapassar o patamar de 450 mil, o número de vereadores poderá aumentar para 25. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 7).

Na 16ª legislatura, a distribuição dos 17 vereadores foi realizada por partido. As maiores bancadas ficaram na liderança do Partido dos Trabalhadores e do Partido Verde. Os partidos com menos parlamentares foram: PSB, PDT, PTB e PSL. Os partidos que equilibraram essa equação foram: PSC, PSDB e PSDC. “PT 23,5%, PV 17,65%, PSC, PSDB e PSDC 11, 75%, PSB, PDT, PTB e PSL 5,8%.” Isso significa que os 23, 5% dos

vereadores, 17, 65% indicam três vereadores, 11, 75% pontuam para dois parlamentares e 5,8% um parlamentar. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 11).

A legislatura que Nehemias Araújo presidiu buscou a valorização histórica dos parlamentares que passaram pela vida pública da cidade. O primeiro ano que registrou o funcionamento da Câmara Municipal de Betim foi em 1947. Também é registrado que o primeiro prefeito em posse do cargo oficializado pelo legislativo foi Sylvio Lobo. “Este foi o primeiro ano de funcionamento da Câmara (1947). [...]. Sylvio Lobo foi o primeiro prefeito empossado pela Câmara”. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 18-19).

Um breve relato sobre o prédio do Legislativo em Betim foi feito desde 1947. As reuniões aconteciam nas dependências do Fórum da cidade. As plenárias aconteciam à noite devido à ausência de espaço. Em 1969, a câmara municipal ocupa o prédio que reúne o legislativo atual, que na ocasião dividia o espaço com a prefeitura municipal. Em 1992, é inaugurado pela Câmara o mesmo prédio, porém em sua totalidade. Em 2004, o setor passou por uma redução no quadro de parlamentares, por medida decisiva do TSE: de 21 para 16 vereadores.

Em seguida, no mesmo ano, a casa legislativa ganha mais um parlamentar, somando agora um total de 17. Em 2005, o prédio que hospeda o legislativo passa por reformas, deixando as estruturas mais modernas. E, por fim, em 2011, o presidente da casa, Nehemias Araújo, retorna com as audiências públicas para a câmara municipal. “A atual legislatura, presidida por Nehemias Araújo, (PV) traz o cidadão para as discussões da casa por meio das audiências, que debatem temas de relevância para a sociedade.” (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 19).

Em sua gestão, Nehemias registrou outros feitos na cidade com a participação da comunidade betinense. Através dele, a Câmara prestigiou várias pessoas como *Honra ao Mérito, Mérito Desportivo e Cidadania Honorária*. Foi concedida a Honra ao Mérito à Asmube³⁶, Mérito Desportivo conferido a Adão da Silva e Cidadania Honorária para Jessé Batista (Pastor da IAD Betim) e também o presidente do Partido Verde, Osvander Valadão. Além deles, outras pessoas foram homenageadas em uma solenidade no dia 14 de setembro de 2011. A revista do Legislativo completa:

³⁶ Associação Municipal dos Servidores de Betim.

A Câmara Municipal realizou sessão solene no dia 14 de setembro para promover a entrega de diplomas de Cidadania Honorária, Honra ao Mérito e Mérito Desportivo. O objetivo é homenagear as personalidades que contribuem para o crescimento do município. O evento aconteceu no Centro Administrativo, Antes, em abril, a Câmara homenageou o médico Alcindo Amado Henriques, na ocasião de seu centenário. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 22).

Os trabalhos realizados por essa gestão, conforme a Revista do Legislativo, buscaram atender e valorizar as prestações de serviços dos empreendedores para benefício da comunidade. O exercício do funcionamento público, em 2011, contidos nela, retrata um legislativo transparente, democrático e de seriedade. “*Transparência, democracia e compromisso*, três palavras que resumem o trabalho da Câmara em prol dos cidadãos betinenses em todo o ano de 2011.” (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 8).

As realizações desse mesmo ano são a prova de que os legisladores municipais atuaram em conjunto para que as melhorias para a comunidade viessem em tempo hábil. Também se vê por reuniões que aconteceram na Câmara através das audiências públicas. No decorrer de 2011, foram debatidos diversos temas que priorizavam o bem-estar dos betinenses. No entanto, alguns desses temas passaram pelo presidente da casa para ampliar a participação social em curso. As audiências de mais necessidades para o momento foram:

Discussão sobre a criação do Sistema Municipal de Educação; Quando: fevereiro

– **Objetivo:** reunir pais, alunos e profissionais das instituições de educação pública e privada de Betim, além da sociedade civil, para fazer prevalecer o pensamento emitido por Pablo Gentil, em 1995: “Reiteramos enfaticamente: qualidade para poucos não é qualidade; é privilégio. Nosso desafio consiste em construir uma sociedade onde os excluídos tenham espaço, onde possam gozar do direito de uma educação radicalmente democrática”. // **Prestação de contas; Quando: fevereiro – Objetivo:** solicitada pelo auditor geral do município, Tarcísio Caporali de Freitas, o evento serviu para que a prefeitura demonstrasse o cumprimento das metas fiscais relativas ao terceiro quadrimestre do exercício de 2010. // **Debate de interesse dos servidores públicos; Quando: março – Objetivo:** reunir vereadores, servidores, lideranças sindicais e representantes da prefeitura para discutir na audiência a longa pauta de reivindicações do funcionalismo. // **Debate sobre a Associação de Proteção aos Condenados; Quando: junho – Objetivo:** discutir com a população a implantação de uma unidade da Associação de Proteção aos Condenados (Apac). // **Denúncias relativas ao IML de Betim; Quando: junho – Objetivo:** explicar à população o funcionamento do órgão, mostrando os motivos que determinaram a suspensão da liberação de corpos nos fins de semana. // **Debate sobre a construção de centro socioeducativo; Quando: junho – Objetivo:** debater com a população a doação de uma área de 25 mil metros quadrados no bairro Pingo D’Água à Secretaria de Estado de Defesa Social. De autoria do Poder Executivo, esse projeto tem o objetivo de doar o terreno para que o governo de Minas construa um centro socioeducativo para receber menores infratores. // **Debate sobre**

modernização da lei de incentivo à cultura; Quando: junho – Objetivo: discutir projeto que visava modernizar a Lei de Incentivo à Cultura Noemi Gontijo. // **Audiência para revisão do Plano Diretor de Betim; Quando: julho – Objetivo:** debater a revisão do Plano Diretor do município. // **Audiência sobre a vinda do metrô para Betim; Quando: agosto – Objetivo:** Debater o tema “A vinda do metrô até Betim” por meio da Frente Parlamentar de Betim pela Expansão do Metrô Contagem – Betim. // **Discussão sobre a situação dos filhos separados dos pais hansenianos; Quando: outubro – Objetivo:** reinvidicar do governo do Estado uma indenização, já que cresce no país o debate sobre a necessidade de reparar as violências físicas, psicológicas e social impostas aos filhos de pessoas portadoras de hanseníase. // **Lei Orgânica, Quando: novembro – Objetivo:** debater a Emenda 28/2011, que acrescenta dispositivo à Lei Orgânica do município, instituindo a obrigatoriedade de o Poder Executivo elaborar e apresentar o Plano Estratégico de Metas no início de cada gestão governo municipal. // **Debate sobre a criação do Dia Municipal da Capoeira; Quando: novembro – Objetivo:** debater o projeto que cria o Dia Municipal da Capoeira. A intensão é da Comissão Permanente de Educação, presidida pelo vereador Eutair Antônio dos Santos (PT). // **Discussão sobre a saúde da pessoa com deficiência; Quando: dezembro de 2011 – Objetivo:** debater a situação da saúde da pessoa com deficiência no município. (CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM, 2011, p. 29).

Essas foram as audiências públicas que priorizaram discussão pelo Poder Legislativo em 2011. Percebe-se que mesmo tendo um cargo eclesial na IAD Betim, o pastor Nehemias Araújo, em suas funções híbridas, identificou o que era igreja, diferenciando-a do poder público. O próximo político membro da IAD Betim a ser mencionado é Elias Araújo, que se elegeu para a 18ª Legislatura de 2017 a 2020. A campanha que o declarou vencedor nas urnas foi realizada com o auxílio dos pastores dirigentes das filiais e outras lideranças que compunham os departamentos oficiais dessa comunidade de fé. Também é possível que votos tenham vindo de pessoas não pertencentes à IAD Betim.

Segundo o político, os discursos não podem ser vagos e jamais terem indícios de falsidades como promessas de mudanças que nunca obterão o alvo desejável. Na visão de Elias Araújo, os políticos bons não precisam ser contemplados com aplausos para os enaltecer e nem tampouco estar na mira de holofotes. “Discursos vazios e falsas promessas não levam às mudanças que desejamos. O bom político é aquele que faz sem esperar aplausos e holofotes.” (ARAÚJO, 2020).

Primeiramente, se faz percebido, em um candidato da igreja que não seja seu presidente, a necessidade de se pedir a benção pastoral. Mesmo tendo parentescos muito próximos com o presidente da igreja de Betim, o vereador Elias Araújo recebeu do irmão, o pastor Nehemias Araújo, a cobertura espiritual para ter êxito em sua caminhada pública.

Tenho o privilégio de vir de uma família pastoral, e tudo começou com meu pai PR. José Rodrigues de Araújo, e hoje sou pastoreado por meu irmão Pr Nehemias Araújo que é uma referência para mim. Sou um homem bem-aventurado em servir a AD Betim e estar debaixo da benção do ministério, e isso tem sido fundamental, para que eu possa manter a minha caminhada cristã e política sempre buscando ser íntegro e ético (ARAÚJO, 2020).

Em seu mandato, Elias Araújo propôs 53 projetos de lei para a apreciação do legislativo. Esta pesquisa buscou apresentar os cinco que foram sancionados. Um deles contempla a comunidade de baixa renda a partir do Banco de Materiais Ortopédicos. A necessidade de tal estrutura se deve ao fato de que muitas pessoas do município não têm condições de arcar com alugueis dos materiais hospitalares que servem de suporte na recuperação dos pacientes menos favorecidos. É o PL 202/19.

Outro projeto de autoria de Elias Araújo, também aprovado, foi na área da saúde: PL 41/19. Ele foi criado para atender as demandas do Programa Municipal de Combate e Prevenção à Dengue. A urgência na aprovação desse projeto teria sido o alto índice de contaminação da população pelo mosquito transmissor da dengue, *aedes aegypti*. Este projeto seria também para dar suporte aos hospitais da cidade e amparar as seguintes centrais de atendimento: Unidade de Pronto Atendimento (UPA), Unidade de Atendimento Imediato (UAI) e Unidade Básica de Saúde (UBS).

Já o projeto sancionado foi o “PL 083/2019 – Implantação de ações preventivas a depressão em adolescentes nas escolas”. Ele procura auxiliar alunos que sofrem de depressão, obtendo atendimento com profissionais da área. Também ameniza o sofrimento dos familiares, devolvendo para esses alunos a autoestima no ambiente em que são inseridos na comunidade. O projeto ainda visa tratar o paciente, mesmo não havendo a campanha do *Setembro Amarelo*. O quarto Projeto de Lei tem relações com as políticas de meio ambiente da cidade.

Defendendo a punição para empresas que desrespeitam as leis básicas da natureza, o projeto luta por uma cidade que atenda às expectativas das autoridades ambientais. A fiscalização do setor é feita pela Polícia Ambiental e pela Secretaria de Meio Ambiente do município. É o PL 200/19 - cassação do alvará de funcionamento das empresas de entulho que descartem lixo de forma irregular no município de Betim.

O quinto é o PL 134/18. Tem por objetivo alcançar critérios que observam as empresas que foram contratadas para prestarem serviço ao poder público. Ele visa enquadrar os fornecedores na forma da lei chamada ficha limpa. Esse projeto foi sancionado, pois impede as empresas envolvidas em corrupção a concorrerem por meio de licitações.

Na gestão do vereador Elias, esses são os projetos considerados de mais relevância para a cidade de Betim. São também alguns dos que foram sancionados, na medida em que se faziam necessários, a fim de que a comunidade estivesse ao alcance das propostas por intermédio das audiências publicadas que acontecem às terças-feiras, no horário das 10h. As plenárias são seguidas no prédio da Câmara Municipal de Betim com a participação popular do município.

Ainda nos dias de Elias na Câmara, a IAD Betim foi homenageada na ALMG, por ocasião de Jubileu de Carvalho³⁷. O incentivo desse evento aconteceu por intermédio do deputado estadual Vanderlei Miranda (MDB). O político, que é pastor e membro da Igreja Batista da Lagoinha, conferiu placas comemorativas ao pastor presidente emérito da IAD Betim, José Rodrigues de Araújo, e ao pastor-presidente da igreja, Nehemias Araújo. No mesmo evento solene foi recebido também o vereador Elias Araújo. O evento de 21 junho de 2018 teve lotação máxima na Casa Legislativa do Estado. A solenidade também contou com a participação dos membros da IAD Betim.

Para Vanderlei Miranda, os 80 anos da Assembleia de Deus de Betim é um marco muito importante. Segundo ele, “nos dias atuais poucas instituições chegam a alcançar tamanha longevidade, após enfrentar tantas turbulências e situações difíceis, como acontece com as igrejas evangélicas”. Atualmente, a Assembleia de Deus de Betim possui 85 templos e aproximadamente 12 mil fiéis no município e adjacências. (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS, 2021).

A IAD Betim e as suas relações políticas na sociedade se entrelaçam pelo diálogo de seus candidatos com os pares e também os de posição partidária. No entanto, hoje a igreja possui bons diálogos com o Executivo da cidade. No dia 13 de setembro de 2020³⁸, foi idealizada pelo pastor Nehemias uma *carreata profética*³⁹. O evento reuniu membros de todas as filiais com o propósito de profetizarem contra a Covid-19. Nesses dias, a IAD Betim teve a infelicidade de ter muitos de seus fiéis vítimas do vírus dessa pandemia.

O início da carreata seguiu a partir da Avenida Bandeirantes, 211 – bairro Chácara, onde se localiza a sede da igreja. O percurso seguiu em direção à prefeitura municipal, estendendo-se para a Av. Marco Túlio Isaac e por fim para a Av. Ediméia Mattos Lazarotti, onde situa o hospital para tratamento do vírus. Antes que a carreata chegasse ao seu destino, em frente à prefeitura, houve pronunciamento do prefeito Vitorio Medioli, que manifestou apoio ao evento assembleiano na cidade. “A Assembleia de Deus de

³⁷ É uma data comemorativa dos 80 anos de uma instituição.

³⁸ Dia Nacional de Missões.

³⁹ Evento da IAD Betim que contabilizou mais de 500 carros de membros de todas as filiais.

Betim nessa esta carreata [...] sentimento de solidariedade e agradecimento a Deus que nos dá saúde e forças para continuar.” (MEDIOLI, 2020).

O relacionamento da IAD Betim não se resume a diálogos na esfera municipal. O presidente tem procurado estabelecer relações políticas com deputados estaduais, federais e senadores. Depois de se tornar representante da IAD Betim e CimaDemigo, percebe-se que o pastor Nehemias buscou entendimentos com os diversos políticos da cidade de Betim. Entre eles estão Maria Tereza Lara (PT), Ivair Nogueira (MDB), Pedro Ivo Caminhas – Pinduca (Podemos), Maria do Carmo Lara (PT), Jesus Lima (PT) e Carlaile Pedrosa (PSDB). E os senadores Aécio Neves (PSDB) e Carlos Viana (PSD).

A mais nova conquista da IAD Betim foi o compromisso de assumir o diretório municipal do Partido da Mobilização Nacional (PMN). O diretório tem definidos os cargos de presidente, vice-presidente, tesoureiro, coordenador e secretário. A sede do partido tem localidade em bairro-centro, não muito distante da igreja. Muitos de seus membros se encontram filiados ao partido. São mais de 80 diretórios espalhados por Minas Gerais. É perceptível o crescimento, em função do amplo conhecimento e a dinâmica de relacionamento do presidente da igreja.

O PMN é um partido de centro-esquerda fundado em 21 de abril de 1984 e obteve seu registro definitivo em 25 de outubro de 1990. Fazem parte de suas dependências cidadãos de ambos os sexos. Também não tem restrições a cidadãos que estejam em pleno gozo de seus respectivos direitos políticos e civis para aqueles que procuram aceitar a mobilização nacional e suas teses. O Estatuto do PMN apresenta as seguintes disposições:

Art. 1. O Partido da Mobilização Nacional (PMN) iniciado como movimento nacionalista em 21 de abril de 1984, obtendo registro definitivo por decisão unânime do Tribunal Superior Eleitoral, em 25 de outubro de 1990. É pessoa jurídica de direito privado, com duração por tempo indeterminado, com sede e foro em Brasília, Distrito Federal, entidade de âmbito nacional, congrega cidadãos de ambos os sexos, sem restrições de qualquer ordem, que estejam no gozo de seus direitos políticos e civis, que aceitem e defendem as teses da mobilização nacional.

Art. 2. O Partido da Mobilização Nacional, como instrumento de representação política, orientar-se-á por seu manifesto, seu programa de seus estatutos e demais diretrizes de ação políticas social e econômica, de conteúdo nacional, democrático e socialista, devidamente aprovado por sua convenção nacional.

Art. 3. O Partido da Mobilização Nacional tem como patrono Tiradentes e adota:

- como sigla, **PMN**;
- como número, **33**;
- como hino, o da Independência;
- como símbolos: as cores branca, vermelha e preta;
- a expressão “legenda da soberania”;

- a bandeira de cor branca, com triângulo equilátero, vermelho ao centro vazado o número 33, com inscrição PMN em preto, na base inferior extrema do polígono. (ESTATUTO DO PMN, 1984, p. 4).

As costuras políticas têm feito parte do cotidiano da IAD Betim e têm permanecido. Ao assumir definitivamente o diretório do PMN no município betinense, ela se mobiliza para outras alianças políticas. Fazem parte desse fortalecimento político os demais diretórios do partido em diversas cidades no estado mineiro. O presidente da igreja, pastor Nehemias, em uma reunião do dia 17/05/2021, fez o pronunciamento de que seu nome teve aprovação da CGADB para concorrer ao legislativo estadual.

Essa maneira de se mobilizar dentro da IAD Betim tem sido algo novo para os membros, devido ter sido colocada em prática agora. Apesar de algumas resistências em apoiar o projeto político, Nehemias Araújo segue na linha de orientação e conscientização, primeiramente do ministério e em seguida em relação a toda a membresia. Espera-se que o resultado nas urnas em 2022 alcance a expectativa desejada pela liderança geral da igreja e outras alianças no meio eclesiástico que estão sendo feitas.

O projeto político que a IAD Betim pensou no lançamento da campanha para seu líder disputar o legislativo do estado foi para que ele conciliasse as demandas eclesiásticas e as políticas. O pastor Nehemias disse que não aceitaria concorrer na esfera federal até porque teria que residir em Brasília. Porém, como deputado estadual, terá possibilidade de estar em todas as reuniões da igreja. Nas igrejas ADs atuais, tem sido comum as lideranças ocuparem cargos públicos e eclesiásticos ao mesmo tempo.

No que tange à política, as ADs em outras localidades do país, Carvalho (2018) afirma que o início de um projeto político ocorreu no fim de 1970. A iniciativa teve o lançamento a partir de caráter corporativista da igreja brasileira. Nessa época, o pastor Joanyr de Oliveira se destacou como um entusiasta que influenciava a fronteira para além das ADs. Através de seus artigos, sua mensagem chegou até o legislativo da cidade de Goiana/PE⁴⁰. Carvalho (2018) ressalta:

Em fins da década de 1970 são lançadas as bases de um projeto político de caráter mais corporativista nas ADs no Brasil. Pela primeira vez é dedicada uma coluna específica no jornal *Mensageiro da Paz* sobre política partidária. A referida coluna, além de falar da necessidade de participação política foi também um espaço de publicações referentes à atuação parlamentar evangélica. Uma das vozes mais entusiastas era a do pastor Joanyr de

⁴⁰ “[...] a Câmara Municipal da cidade de Goiana, PE, dirigia ofício à Casa Publicadora das Assembleias de Deus com um voto de congratulação ao diretor deste jornal pelo seu artigo Nós, a Política e o Parlamento” (MP, n3, p. 3, 1978 apud CARVALHO, 2018, p. 106).

Oliveira. Seus artigos repercutiram para além dos limites das Assembleias de Deus [...]. (CARVALHO, 2018, p. 106).

Pensa-se que, a curto prazo, a conscientização política na IAD Betim esteja na casa dos 96% dos votos assembleianos. A dinâmica participativa das lideranças de departamentos internos da igreja ajudará no desenvolvimento das vertentes partidárias. Por intermédio da influência desses dirigentes de setores, é possível que os liderados ou membros da igreja betinense se tornem mais ativos no processo político partidário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, que se baseia nos teóricos pesquisadores do pentecostalismo e das Assembleias de Deus no Brasil, é também direcionada em termos de referências. Ela tem como objeto a Igreja Assembleia de Deus de Betim, que se destaca no cenário religioso em dimensão nacional. Também vem se posicionando no ambiente político, a partir de seu pastor-presidente, Nehemias Araújo. Ela teve a intenção de revelar de que maneiras a IAD Betim, para além do segmento religioso, se inseriu na política.

No âmbito nacional, as ADs iniciaram a participação na esfera pública em 1930, por iniciativa do pastor Paulo Leivas Macalão e em 1986 com a Bancada Evangélica no Congresso Nacional. Daí por diante, elas conseguiram se solidificar na política através dos pastores- presidentes da CGADB. Eles levaram as ADs a partir de diálogos com alguns governos federais em seu tempo. A IAD Betim, mesmo de ordem pentecostal com base na doutrina do Espírito Santo e nos dons espirituais, percebeu que também poderia se conectar com a política partidária do município.

Diferentemente do que se viu no início das ADs, a IAD Betim teve seu processo político a partir de José Egídio da Silva, pioneiro e membro da igreja betinense. Desde 1977, os membros dessa igreja viam a necessidade de serem representados no poder legislativo municipal. Para essa época, somente havia interesse da direção na esfera eclesiástica. Hoje conclui-se que há sim motivos para que esses interesses sejam mantidos, em função das bandeiras levantadas pela instituição e as ideologias defendidas por ela.

É certo que além dos políticos da IAD Betim se pronunciarem a favor da igreja, eles também têm atuado em propor projetos que venham beneficiar a comunidade de modo geral. Sem desviar de seu foco principal que é a fé pentecostal através do pentecostalismo, ela se torna política. Sabe-se que o pentecostalismo chegou ao Brasil resgatando pessoas próximas à marginalidade.

Esse movimento ao chegar em solo brasileiro cumpriu seu papel em dar voz a quem não a possuía e politicamente no ambiente religioso tecer formas de poder. O poder conferido a eles pelo movimento pentecostal não os limitaria na religião e o levaria aos simpatizantes nas mais altas posições políticas do país. As ADs estiveram representadas desde os sindicatos ao governo estadual em algumas Unidades de Federação do Brasil.

Ao iniciar as atividades em Belém do Pará pelos missionários suecos, as ADs chegaram em 1927 em Minas Gerais. Após se estabilizarem eclesiasticamente, surge a

necessidade de uma representatividade na ALMG. Ela foi representada pelos deputados estaduais João Gomes Moreira, José Maria Pinto e Djalma Diniz. Também teve seus representantes no Congresso Nacional: os deputados federais Philemon Rodrigues da Silva e Isaias Silvestre. O pontapé inicial partiu de Joanyr de Oliveira, que foi uma mente política das ADs em todo o território brasileiro.

A IAD Betim no legislativo da cidade contou com quatro políticos em cinco legislaturas. O primeiro membro da igreja a se eleger vereador foi José Egídio da Silva que, além de legislador, também exerceu o cargo de presidente da casa legislativa do município. No mandato seguinte, se reelegeu vereador. Esse é o fato que apresenta a questão de quatro vereadores e cinco legislaturas. Também fez parte da diretoria da casa Zelita Oliveira Silva, que assumiu como segunda secretária.

Os dois últimos vereadores membros da IAD Betim foram Nehemias e Elias Araújo, ambos irmãos consanguíneos. O primeiro foi vice-presidente e depois presidente do legislativo do município. O segundo atuou como vice-presidente da Câmara Municipal de Betim. Para além de atuarem na sucessão familiar no aspecto religioso, também registraram suas participações na vida pública da cidade de Betim. O ambiente religioso e político ocupado pela Assembleia em Betim ainda seguirá no viés de sucessão familiar nessas duas esferas.

O caminho público não serviu de obstáculo em ferir a premissa da igreja betinense de que é a doutrina do Espírito Santo. Um suporte que corroborou para que a IAD Betim se sustentasse na esfera pública teria sido o pentecostalismo. Há quem diga que esse movimento é apolítico, porém é de se lembrar que ele surge para um empoderamento daqueles corpos subalternos. Esta pesquisa tende a revelar que, por mais que os assembleianos tenham investido no segmento religioso, sempre haverá possibilidades para se inserirem no ambiente político.

A IAD Betim acompanha o que há de comum nas ADs do Brasil e tem sido norteada conforme os padrões exigidos pela CGADB. Os requisitos a serem seguidos acontecem por meio de uma convenção estadual, no caso da igreja em Betim, a Cimademigo. Esse fato conduz tal igreja ou convenção, primeiramente na ordem religiosa e posteriormente nos caminhos da política. Essa prática visa fortalecer o ministério convencionado e inserir seus integrantes nas esferas acima citadas.

Por fim, o pentecostalismo adaptou-se como símbolo religioso à política na IAD Betim que, através das influências de sua liderança, alcança patamares para além do município. Por exemplo, assumir o diretório do PMN, em que parte de seus membros são

filiados a esse partido. Também o lançamento da candidatura para o Legislativo do Estado, tendo em vista seu presidente, o pastor Nehemias Araújo, com o slogan *#porminaseportodo*.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, G. F. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911-2011.** Editora Novos Diálogos, 2013.

ALENCAR, Gedeon F. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911 – 2011.** São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2019. 400 p.

ALVES, Rubem Azevedo. **Protestantismo e repressão.** (*Ensaio*; 55). 2. Impressão. – São Paulo: Ática, 1982.

ARAÚJO, Elias. Site da Câmara Municipal de Betim. Disponível em: <https://legislativo.camarabetim.mg.gov.br/Materia/BuscaAvancada?returnUri=%2F>. Acessado em: 07/06/2021.

ARAÚJO, Isael de. **100 acontecimentos que marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ARAÚJO, Isael de. **Acontecimentos que, marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2014

ARENDR, HANNAH. **O que é política?** [editora, Ursula Ludz]: tradução de Reinaldo Guarany – 3ªed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 240p.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. Disponível em: <http://pmdbmg.org.br>assembleia...> Acesso em: 06/07/2021.

BANDEIRA, Wesley Silva. **Teologia para a vida cotidiana: uma análise das Lições Bíblicas das Assembleias de Deus para as Escolas Dominicais.** I. ed. – Joinville, SC: Editora Santorini, 2020.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. **Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do de Deus no Congresso Nacional (1999-2006).** Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, SP, 2007. (PDF), 562 p.

BERG, Daniel. Enviado por Deus. **Coleção pioneiros das Assembleias de Deus.** Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1995.

BOYER, Orlando. Pequena enciclopédia bíblica. **Dicionário, concordância, chave bíblica, atlas bíblico.** 38ª impressão, Rio de Janeiro, CPAD, 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE BETIM. Transparência, democracia e compromisso. **Revista do Legislativo.** ed. 2011, p. 1-36, Betim, 2011.

CARVALHO, Osiel Lourenço de. **Pentecostalismo na esfera pública: uma análise**

a partir do Jornal Mensageiro da Paz – Joinville, Santa Catarina: Santorini, 2018.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. IN: **Crítica y emancipación: revista latino- americana de Ciencias Sociales**. Año 1, nº 1. (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponible em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>

CORREA, Marina A. O. S. **Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: Um estudo a partir do bairro Bom Retiro em São Paulo, 2006**. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião) – PUC/SP, São Paulo, 2006.

CORREA, Marina A. O. S. **Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercícios de poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CORREA, Marina A. O. S. Igrejas Assembleias de Deus no Brasil: pastores-presidente e os “laços fraternos”. **Caminhos**. Goiânia. V. 12, n 1, 2014. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/3538/2049>. Acesso em: 8 jul. 2019.

CORREA, Marina A. O. S. 1958 – **A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil / Marina Aparecida Oliveira Santos Correa**. São Paulo: Recriar, 2018, 372 p.

CORREA, Marina A. O. S. **Pastores das Assembleias de Deus: do apoliticismo escatológico ao aparelhamento moralista**. Interações, Belo Horizonte, Brasil, v. 14, n. 25, p. 29-54, jan./jun. 2019.

CORREA, Marina A. O. S. 1958 – **Assembleias de Deus: Ministérios, carisma e o exercício de poder**. 3ª ed. São Paulo: Recriar, 2020.

CORREA, Marina A. O. S. **Dinastias assembleianas: sucessões familiares nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. São Paulo: Recriar, 2020b, 256 p.

COSTA, Moab César Carvalho. **O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores**. 2ª ed. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Evangélicos na política no Brasil e as expressões neoconservadoras midiaticizadas: religião, política e transformação social**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, NESP, 2018. (Coleção Cadernos Temáticos do NESP; 8).

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DURKHEIM, Êmile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1989.

ESTATUTO DA ASSEMBLEIA DE DEUS DE BETIM. Reformado e aprovado em **Assembleia Geral Extraordinária de membros da IADB**, realizada em 24/01/2018.

ESTATUTO SOCIAL E REGIMENTO INTERNO – CIMADEMIGO. Estatuto Social da

Convenção das Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus e Outros. **CIMADEMIGO**. Desde 1983, registro CGADB: 62, Betim – MG, 2016.

ESTATUTO DO PARTIDO DA MOBILIZAÇÃO NACIONAL. **PMN**. Manifesto programa:
Brasília - DF, 1984.

FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar**. Uma história das Assembleias de Deus no Brasil – São Paulo: Recriar, 2019. 392 p.

FRESTON, Paul. **Religião e política, sim; Igreja e Estado, não**: os evangélicos e a participação política. Viçosa, MG: Ultimato, 2006. 200 p.

GANDRA, Valdinei Ramos; WESTPHAL, Euler Renato. **Assembleia de Deus**: questões identitárias na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP. Estudos Teológicos | São Leopoldo | v.53 | n 2 | p. 268-281 | jul./dez. 2013. (PDF).

GANDRA, Valdinei Ramos. **Patrimônio cultural da Assembleia de Deus**: memória e identidade na criação do centro de estudos do movimento pentecostal – Cemp. Dissertação (Mestrado Patrimônio Cultural e sociedade – Universidade da Região de Joinville): Joinville, 2014.

GONDIM, Ricardo. **É proibido**: o que a bíblia permite e a igreja proíbe. São Paulo: mundo Cristão. 2001.

HARPA CRISTÃ. **Casa Publicadora das Assembleias de Deus**. 2ª Edição – 2009. Edição Comemorativa. 70 anos 1940-2010. Rio de Janeiro, CPAD, 2009.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Existe um estilo evangélico de fazer política?** Movimentos religiosos no mundo contemporâneo. Religião e espaço público: Attar Editorial, 2003.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2010.

MEDIOLI, Vitorio. Pronunciamento na **Carreata Profética da IAD Betim em 13/09/2020** – gravação em vídeo.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Órgão Oficial das Assembleias de Deus no Brasil: Ano 89**. Número 1608. p. 01-28, Maio de 2019, Rio de Janeiro, CPAD, 2019.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Órgão Oficial das Assembleias de Deus no Brasil: Ano 90**.

Número 1626. p. 01-28, Novembro de 2020, Rio de Janeiro, CPAD, 2020.

MENSAGEIRO DA PAZ. **Órgão Oficial das Assembleias de Deus no Brasil: Ano 91.** Número 1632. p. 01-28, Maio de 2021, Rio de Janeiro, CPAD, 2021.

NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e Linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. **Revista Horizonte** v. 14, n. 42, p. 240-261, abr./jun. 2016 – ISSN 2175-5841.

PASSOS, J. D. **Pentecostais: origens e começo.** São Paulo: Ed. Paulinas, 2005.

PORTELLA, Rodrigo. Pentecostalismo clássico e valores de autonomia: sobre o poder simbólico das representações pentecostais. **Revista Eletrônica Espaço Teológico – REVELETEO.** Vol. 6, n. 10, jul/dez, 2012, p. 03-15.

ROCHA, Daniel. **Venha a nós o Vosso reino. Rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro.** Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Belo Horizonte, 2009. (PDF), 146f.

ROCHA, D. **Fim dos tempos nos Estados Unidos [manuscrito]:** escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970-1980). Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2017. (PDF), 402 f.

ROCHA, D. **“Faça-se na terra um pedaço do céu”:** perspectivas messiânicas na participação dos pentecostais na política brasileira. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 607-632, Set./Dez. 2020.

ROCHA, Roberto Barroso; DUQUE, Eduardo Jorge. Crise da modernidade e ascensão do movimento neopentecostal. **Reveleto.** V14, Nº 26, p. 103-127, Jul/Dez 2020.

ROLIM, Francisco Cartaxo. O que é pentecostalismo. **Coleção primeiros passos.** São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

SANTIAGO, Jacó Rodrigues. **Assembleia de Deus: história em fotos e vídeo.** Ipatinga – MG. p. Facebook, 2020.

SILVA, Cláudio José da. **A doutrina dos usos e costumes da Assembleia de Deus.** (Dissertação de mestrado). Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2003. (PDF), 139 p.

SILVA, Esequias Soares da. **Declaração de fé: das Assembleias de Deus.** Rio de Janeiro: 8ª impressão, CPAD, 2019.

SILVA, José Egídio da. **Assembleia de Deus de Betim e sua história: Betim,** Publicação n. 1, 2013, 09 p. [Mimeografado].

SILVA, Wellington Teodoro da; COTTA, Francis Albert. **Política religiosa no Brasil.**

Revista Horizonte, v. 14, n. 42, p. 627-641, abr./jun. 2016, Belo Horizonte. Disponível em

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2016v14n42627/9595>> Acesso em 29/09/2019.

SOUZA, Everson de Oliveira. Usos e costumes e a origem da Assembleia de Deus e de seus usos e costumes. Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões. **Revista Unitas**, v. 5, n. 2 (n. especial), 2017.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. Assembleias de Deus em vias de midiaticização: entre dizeres e silêncios. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**. Vol. 5, nº 9, janeiro-junho/2017.

TRABUCO, Zózimo. **À direita de Deus, à esquerda do povo: protestantismo, esquerda e minorias (1974-1994)** – Salvador: Sagga, 2016.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia** / Max Weber; Tradutores Rubens Eduardo Ferreira Frias, Gerard Georges Delaunay. – São Paulo: Centauro, 2002.

VINGREN, Ivar. Diário do pioneiro. Gunnar Vingren. **Coleção dos pioneiros das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil. São Leopoldo – RS: **Estudos Teológicos**, v. 1, p. 47-61, 1997.

“Sola Fide”